

ROSANA GOMES BUCHALA

INTELIGIBILIDADE NA FALA OU NA LINGUAGEM ?
UM PESO ALÉM DAS MEDIDAS NAS ANÁLISES EM FISSURADOS

este exemplar é a redação final da tese
defendida por Rosana Gomes
Buchala

e aprovada pela Comissão Julgadora em
21, 10, 94.

M. Harpa
PROFA. DRA. ESTER MIRIAM SCARDA

CAMPINAS

1994

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

INTELEGIBILIDADE NA FALA OU NA LINGUAGEM ?
UM PESO ALÉM DAS MEDIDAS NAS ANÁLISES EM FISSURADOS

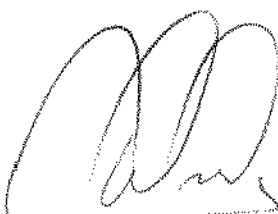
Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística à Comissão Julgadora da Universidade de Campinas, sob a orientação da Profª Drª Ester Miriam Scarpa

CAMPINAS

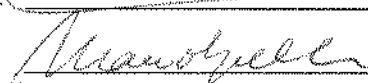
1994

COMISSÃO JULGADORA

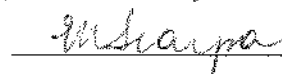
Prof. Dr. João Wanderley Geraldi



Prof. Dr. Mauro Spinelli



Prof.ª Dr.ª Ester Miriam Scarpa



AGRADECIMENTO PESSOAL

Ao Paulinho

"DO MUITO DE MIM QUE CONHECES
QUE SÓ EM TI RECONHECES
PALAVRAS ?
SE AS QUEREM, POSSO DIZÊ-LAS
'E COVO MA ETUE'
E AINDA ASSIM, HÁ DE COMPREENDÊ-LAS"

(De mim para você)

e para
FERNANDA
muito especialmente amada

AGRADECIMENTOS ESPECIAS

À minha orientadora Ester Miriam Scarpa, mestre, amiga, interlocutora. Dos "joelhaços" ao ombro amigo : não há como agradecer.

Ao Prof. Dr. José Alberto de Souza Freitas, diretor superintendente do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, USP, Bauru, pelos ensinamentos de uma vida dedicada a pessoas especiais e por ser especial.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr Mauro Spinelli, com quem tanto aprendi sobre o sujeito na linguagem.

Ao Prof. Dr. João Wanderley Geraldi, com quem tanto aprendi sobre o sujeito pela linguagem.

A Prof.Dr@ Eleonora Cavalcante Albano, pelas preciosas orientações no exame de qualificação.

Ao Richieri, colega, por vezes mestre e outras até aluno. Amigo mais do que tudo, em tudo.

A Célia Regina Gomes Buchala, pela ajuda nas correções do português e pelo amor de toda uma vida.

A Simone Vasconcelos Hage, por tantas e tantas experiências compartilhadas em km rodados.

As colegas do Setor de Fonoaudiologia do HPRLLP (Vera, Dam, Renatinha, Cris Guedes, Sílvia, Giovana) pela compreensão nas minhas ausências.

As colegas do Curso de Fonoaudiologia da USP - Bauru, pelo apoio e pelo partilhar de sonhos e realidades em comum.

As minhas alunas , por me ensinarem o saber de mestre.

As fonoaudiólogas Magali de Lourdes Caldana e Patrícia Pupin Mandrá, ex-alunas e amigas, pelas noites de frio e café no Departamento, auxiliando-me na digitação e nas correções no micro.

À Dagma e Ana Cristina, pela valiosa "escuta" psicológica e pelo "falar" sempre amigo.

À Jeniffer Dukta, com quem nasceram as primeiras linhas deste trabalho.

À Gláucia (Graucê) e Silvana, amigas e secretárias do Departamento, por me acompanharem até os últimos passos com a euforia dos primeiros.

À Unidade de Ensino e Pesquisa do HPRLLP, pela eficiência e presteza com que atendeu às minhas solicitações bibliográficas.

Ao CNPq , pela bolsa de estudos concedida.

Ao Luiz Antonio e à Maria da Glória, por permitirem enxergá-los e escutá-los muito além de seus prontosuários do Hospital.

E a tantos e tantos que participaram comigo de forma direta ou indireta neste trabalho, agradeço em espaço a ser preenchido infinitamente :

"É sempre bom lembrar que um copo vazio
Está cheio de ar..."

RESUMO

Este trabalho trata de questões da inteligibilidade na fala de sujeitos adultos fissurados que, embora submetidos a intervenções, estas foram realizadas tardiamente causando sequelas muitas vezes irreversíveis em suas falas. A proposta foi a de se buscar a inteligibilidade com visões complementares às tradicionalmente aceitas, na procura de recursos comunicativos outros que não estejam voltados somente ao orgânico e à produção de fala, mas também na linguagem, pela noção de compreensão transferida para o conceito de inteligibilidade.

Assim, elegi os dados de 2 sujeitos fissurados, colhidos em situações discursivas em que participaram com interlocutores diferentes. Os dados foram analisados através dos resultados das avaliações fonoarticulatória, velofaríngea (nasofaringoscopia, videofluoroscopia e medidas aerodinâmicas) e pelos resultados do teste de inteligibilidade. Os mesmos enunciados analisados pelas medidas tradicionais foram analisados paralelamente no fluxo do diálogo, à luz de teorias da enunciação e da análise do discurso.

Os resultados das análises mostram que a validade das medidas não deve ser descartada enquanto caracterização do estado da fala destes sujeitos. Porém, quando se trata de inteligibilidade o estatuto de co-operação advinda do acontecimento discursivo fornece uma maior chance de se assegurar a compreensão.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS _____	IV
RESUMO _____	IX

CAPÍTULO I : INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS

1. Considerações Iniciais : a Causa ou o Efeito ? ____	01
2. Por que inteligibilidade e por que o fissurado ?	
2.1. Por que inteligibilidade ? _____	16
2.2. Por que o fissurado ? _____	25
2.2.1. A fala de fissurado _____	25
2.2.2. O sujeito fissurado _____	32
3. Notas do Capítulo I _____	34

CAPÍTULO II : AS MEDIDAS

UMA REVISÃO METODOLÓGICA DAS ANÁLISES EM INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS E SUAS IMPLICAÇÕES COM AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

1. Introdução _____	37
2. A tradição metodológica nas análises sobre inteligibilidade em sujeitos fissurados _____	39
3. A reviravolta dos anos 50 e o silêncio a partir da década de 80	
3.1. A reviravolta nos estudos sobre inteligibilidade em fissurados nos anos 50 _____	58
3.2. O silêncio a partir da década de 80 _____	67

4. Concepções teóricas sobre a linguagem nos procedimentos tradicionais _____	73
5. Das conseqüências da tradição metodológica a um olhar complementar para a inteligibilidade em fissurados _____	79
6. Notas do Capítulo II _____	90

CAPÍTULO III : OS PESOS.

1. Introdução _____	91
2. Os sujeitos e os dados : A inteligibilidade está na fala ou na linguagem ?	
2.1. Os sujeitos _____	94
2.2. As medidas dos sujeitos _____	99
2.2.1. As medidas do sujeito 1 _____	100
2.2.2. As medidas do sujeito 2 _____	105
2.3. As situações discursivas dos sujeitos _____	110
2.3.1. Os interlocutores do sujeito 1 _____	112
2.3.2. Os interlocutores do sujeito 2 _____	113
3. Ultrapassando os limites do segmento : Análise comparativa entre os resultados das medidas e das situações discursivas	
3.1. Do sujeito 1 _____	114
3.2. Do sujeito 2 _____	129
4. Notas do Capítulo III _____	138

ANEXOS

1. Anexo 1 : As transcrições das entrevistas com o sujeito 1	
1.1. Situação discursiva 1 _____	147
1.2. Situação discursiva 2 _____	153
1.3. Situação discursiva 3 _____	158
2. Anexo 2 : As transcrições das entrevistas com o sujeito 2	
2.1. Situação discursiva 1' _____	163
2.2. Situação discursiva 2' _____	169
2.3. Situação discursiva 3' _____	178

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	183
----------------------------------	-----

CAPÍTULO I

INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS

*"Momento é algo a ser vivido,
não só imaginado (...) assim
-- não se deve apegar a ele, pois
desde que ele é MOMENTO, pode
se alterar com o tempo e
estragar a emoção que causou"*

(Cris, 30/06/75, "filosofia no bar do `seu' Orlando")

CAPÍTULO I

INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS : A CAUSA OU O EFEITO ?

Inicialmente, gostaria de tecer alguns comentários sobre a escolha do tema "Inteligibilidade em sujeitos fissurados" como objeto de meu estudo. Inúmeras tentativas foram feitas e refeitas no decorrer de um longo caminho, no qual me confrontei com processos de busca para uma compreensão deste problema. Considero de fundamental importância esclarecê-los para um melhor entendimento do foco de minha atenção e da sequência que elegi

para desenvolvê-lo partindo da exclusão de alguns princípios : 1) ele não foi escolhido ou mesmo determinado como consequência de uma "obrigatoriedade" de um tema para uma dissertação; 2) muito menos foi ele eleito como produto de uma observação superficial realizada a partir da escolha ou durante o desenvolvimento do trabalho; 3) e nem tampouco o elegi pelo caráter de "novidade" ou por ser "interessante".

A escolha deste tema, na verdade, foi sendo delineado por um trabalho de reflexão no qual venho me submetendo durante todo o percurso entre a minha formação acadêmica e meus anos de prática clínica : há entre eles um espaço preenchido por processos cíclicos que consistiram em uma aceitação quase que passiva de conceitos, métodos e técnicas apreendidas nos bancos escolares de minha graduação, e que nortearam durante algum tempo o rumo da minha prática fonoaudiológica (talvez até pela própria imaturidade de iniciante que ainda não me permitia "olhar com os meus olhos", ou talvez como diria BAKHTIN se fosse analisar os discursos dos principiantes : eu só me permitia a "*discursar pelo discurso direto com um sujeito não aparente*").

Ao me graduar em fonoaudiologia em 1977, junto com o meu certificado de conclusão de curso carreguei comigo alguns conceitos gerais os quais afixei no mesmo quadro na parede do meu consultório, e que aqui vou resumi-los da forma em que ficaram memorizados :

- A linguagem : a expressão do pensamento.
- A língua : um sistema de códigos.
- O ciclo da comunicação : efetivado pela cadeia comunicativa, formada por um emissor e um receptor através dos processos de codificação e decodificação de mensagens, concretizados pelos órgãos periféricos da fala e pelas vias aferentes e eferentes integradas ao sistema nervoso central.
- Os sistemas da comunicação : caracterizados por 3 níveis distintos - o nível da linguagem (os sistemas semântico e sintático); o nível da fala (os sistemas fonético e fonológico); e o nível gráfico (da leitura e da escrita).
- As patologias : determinadas pelo diagnóstico das alterações num dos níveis da comunicação, ou pela superposição de alterações em 2 ou 3 níveis.
- O tratamento : abordagem diretiva no nível alterado da comunicação, com estratégias baseadas em aprendizagem, estocagem e generalização (automatização) de padrões corretos.

Estes conceitos que expus em tópicos propositais (embora infelizmente reais), valem para ilustrar o "enorme saco preto" no qual a fonoaudiologia da minha época de formação retirava pressupostos teóricos dos mais variados e até mais conflitantes possíveis, para fundamentar a sua própria base disciplinar, tornando-os "farinha do mesmo saco".

Isto já se tornava bastante complicado quando, ao identificar patologias que deveriam ser específicas de um determinado nível (como, por exemplo, as disfonias, alterações do sistema da fala), deparávamos com alterações que convenientemente considerávamos como decorrentes ou associadas a elas (como no caso, a situação do paciente frente às dificuldades de compreensão do ouvinte, causando às vezes até numa redução significativa da "vontade de falar") as quais tornavam-se mais "patológicas" do que a própria patologia.

Assim, de acordo com visões compartimentalizadas, o diagnóstico e o tratamento (como neste exemplo) deveriam restringir-se à patologia em si (no caso, à voz), delegando os demais aspectos a outras disciplinas (como no caso, à psicologia) por questões que eram consideradas de "limite ético".

Deixo certo que estes conceitos assimilados delineavam as bases de uma fonoaudiologia ainda num processo inicial de formação enquanto identidade disciplinar e de prática clínica. O que para mim se torna inadmissível é que

ainda hoje há uma permanência destes conceitos postulados em algumas escolas e como base clínica de muitos profissionais (independente da época de suas formações).

Ao começar a vivenciar um trabalho específico com indivíduos fissurados (desde o meu ingresso no Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Láblio-Palatais, da USP, Campus de Bauru, em maio de 1980), comecei também a enfrentar sérios conflitos em relação aos conceitos vindos de minha formação acadêmica : eu me vi diante de milhares de indivíduos com uma "patologia a nível de fala" e, quando tratados somente neste nível, apresentavam sucessos terapêuticos os mais variados possíveis (desde uma fala normal até um insucesso total, sendo este último a grande maioria). Quais as variáveis que poderiam ser atribuídas a este fato ? Sob a nossa ótica daquele momento, pensávamos somente em diferenças individuais anatômicas ou psicológicas, ou então em abordagens ou em terapeutas que teriam sido ou não adequados. (1)

Era fato também, que estávamos perante uma realidade social em que procedimentos tardios e remediativos eram utilizados na maior parte desta população, por motivos de falta de informação e acesso ao tratamento (consequência do próprio sistema de saúde em nosso país) , e que trazia esses indivíduos para um tratamento - tanto cirúrgico como de fala - já distantes demais de procedimentos interceptivos

a tempo. Daí um trabalho terapêutico tendo como objetivo e estratégias voltadas somente para a adequação da articulação de consoantes e da ressonância vocal nesses indivíduos (geralmente adolescentes e adultos) resultava num grande número de fracassos e de desistências, tanto por parte do paciente (o qual hoje eu considero que foi "paciente" demais) quanto da própria terapeuta.

Ainda hoje, mesmo com programas político-sociais que investem um pouco mais no sistema de saúde, tornaram-se mais satisfatórias as condições de informação sobre o problema e seu tratamento, porém o acesso ao mesmo ainda permanece bastante deficitário devido às dificuldades quanto ao alto custo do tratamento, carência de profissionais nas cidades de origem dos pacientes, ou de profissionais "especializados" (na verdade, o "especializado" fica por conta desta abordagem compartimentalizada), etc.

No entanto, todo este histórico vale para dizer que o meu confronto pessoal entre os conceitos acadêmicos e a experiência clínica, resultou em questões que foram surgindo em relação às bases teóricas que regiam a prática fonoaudiológica, as quais, embora questionadas, ainda ficaram durante muito tempo sem alternativas plausíveis (e que me convencessem) de possíveis caminhos para suas resoluções.

A questão principal residia no propósito terapêutico em promover esta fala nos fissurados a um estatuto de ser inteligível como produto final de abordagens terapêuticas específicas, dirigidas ao grau de dificuldade que determinado indivíduo apresentava em sua fala (maior enfoque na articulação, ou na ressonância, ou em ambos). Esta questão me intrigava cada vez mais, principalmente ao verificar que, a despeito (ou até à revelia) dos procedimentos utilizados no acompanhamento terapêutico, alguns pacientes atingiam uma "boa" inteligibilidade mesmo na presença de alterações a nível dos segmentos. Explicá-la somente à luz da fonética ? Impossível ! Ou sob à luz de processos de adaptação de acordo com a personalidade e necessidades do próprio indivíduo ? Inviável, pois dentro desta visão, estes aspectos não eram da competência do campo fonoaudiológico ! Como então explicá-la, não somente como uma elucidação, mas principalmente para que pudesse trazer caminhos alternativos para resultados mais efetivos em tratamentos tardios ?

Não posso negar que inúmeras tentativas foram feitas durante este meu caminho, para desvendar o que me parecia um grande "mistério", tentativas estas que resultaram em trabalhos frustrantes e não reveladores. Como por exemplo, uma pesquisa que sugeri e na qual participei em 1987, em que apresentamos (2) segmentos de fala gravados de 10 sujeitos fissurados a grupos enormes de

ouvintes/juízes, e que de acordo com suas transcrições, tomamos o grau de inteligibilidade destes sujeitos. Resultado: a pesquisa foi concluída e "engavetada", pois os percentuais de inteligibilidade obtidos eram incompatíveis com a inteligibilidade real de cada sujeito da amostra (os quais eu os conhecia muito bem!)

Ou então quando fizemos (3) uma análise comparativa entre um procedimento cirúrgico (faringoplastia com retalho de pedículo superior) com as melhoras na fala em 56 sujeitos fissurados, em 1989, onde incluimos o grau de inteligibilidade antes e depois do procedimento. O resultado foi o mesmo do trabalho anterior : guardado numa pasta com a etiqueta "trabalhos não publicados". Ainda outro, com objetivos semelhantes aos de 89, o qual chegamos até amostrar, porém por ser uma contribuição para uma análise comparativa na intervenção cirúrgica nas insuficiências velofaríngeas com implante de silicone na parede posterior do faringe, no trabalho de dissertação de doutorado de um colega (ROCHA, 1990). Após a sua finalização, nunca mais o reli (e assumo como "falta de coragem") dadas as minhas grandes dúvidas sobre os procedimentos que utilizamos e do compromisso que assumimos com os resultados.

Após todo esse percurso de questionamentos, de idas e vindas, resolvi retirar este tema das minhas gavetas e do "arquivo morto", para colocá-lo agora como objeto de estudo, porém com uma visão mais amadurecida em consequência de processos de reflexão e de reformulações das bases teóricas que o norteavam, acrescida pela experiência própria.

Daí decorre que o conteúdo deste trabalho não foi produto de uma observação superficial ou que esta tenha sido feita após a escolha do tema. Tanto a sua determinação quanto ao conteúdo desenvolvido procederam de um trabalho vivido, reflexivo e na consciência de ser um produto não fechado, sujeito a tantas outras reconstruções. Digo isto porque a mim muito me preocupa esta consciência, tanto científica quanto profissional, que venho sentindo falta em alguns trabalhos desenvolvidos. Há implícita neste trabalho uma grande preocupação em não transformar em resultados "congelados" as questões que eu tento resolver, ou então em "fórmulas" terapêuticas para serem adotadas como verdades estanques.

Por extrema coincidência, ao abrir por estes dias o caderno de redação de minha filha, encontrei a fábula "A morte da tartaruga", de Millôr Fernandes, na qual a moral da estória é que *"O importante não é a morte, é o que ela nos tira"*. O que achei muito interessante foi a sua interpretação nos seus 12 anos de idade; ela escreveu que "o

fundo moral representa *que não existem verdades verdadeiras para sempre* (obviamente iniciada após o questionamento da professora : "O que o fundo moral desta fábula representa ?") e continua justificando "*porque a tristeza que o menino sentiu pela morte da sua tartaruga virou alegria porque o pai dele disse que ia fazer um funeral e que isso era uma grande festa. Quando ele viu que sua tartaruga não havia morrido de verdade, aí ele quis matá-la, porque senão ficava triste de novo*". Segue à sua interpretação, uma observação da professora em seu caderno : "*Fer, eu também acho que não existem as verdades verdadeiras. Elas não são absolutas nem cristalizadas. Tudo precisa ser repensado.*" Embora eu particularmente acredite que minha filha não tenha entendido o significado das palavras "absolutas" e "cristalizadas" , ela entendeu o sentido da moral da fábula. Agradeço imensamente à Ana Beatriz (a professora de redação, com os seus 22 anos de idade e principiante como educadora), por estar construindo com minha filha esta visão de continuidade, de sistemas infinitos de "verdades não verdadeiras", visão esta que muitas vezes não encontro em alguns (para sutilmente não dizer muitos) trabalhos teóricos e clínicos de profissionais que se dizem "experientes".

É por isto que volto a afirmar que este trabalho tem a sua história inscrita nos processos cíclicos aos quais me submeti ao longo da experiência de 14 anos vivida com sujeitos fissurados, história essa que considero significativa tanto pela quantidade (pois atualmente o HPRLLP tem no seu registro cerca de 22 mil pacientes fissurados em atendimento, dos quais uma grande parcela foi por mim avaliada ou tratada), como pela qualidade desta experiência (principalmente por me fazer refletir sobre cada um desses indivíduos, ou sobre as variáveis entre eles, comparando-as e questionando-as com as minhas teorias).

No entanto, também não tenho nenhuma pretensão de considerar este trabalho como uma "grande novidade", nem de ser "interessante" por um caráter inovador. Embora eu tenha comentado anteriormente que ainda há escolas e há profissionais que permanecem vinculados a conceitos estagnados (e ao meu ver, ao mesmo estado caótico da fonoaudiologia inicial), vejo também que já existem novas perspectivas dentro da própria fonoaudiologia em trabalhos renovadores, produtos igualmente da consciência de que mudanças não são significativas de estar-se assumindo como fracassos as experiências anteriores, mas que elas possam garantir um espaço para reflexões e reconstruções contínuas (ou como na interpretação para a fábula de Millôr Fernandes: "*que não existem verdades verdadeiras para sempre*")

Partindo assim de exclusões de princípios que foram expostos e pela inclusão daqueles que foram suportes para a escolha do tema do meu estudo, elegi então os tópicos que se fizeram necessários para que eu pudesse desenvolver este trabalho :

1- Julguei necessário inicialmente estar revendo o conceito de inteligibilidade, da forma como foi transportado para os estudos em fissurados. Neles há uma implicação com concepções a propósito da linguagem, assumidas talvez em compromissos com suas verdades teóricas, ou então talvez pela influência que os próprios comprometimentos anatômicos na fissura lábio-palatina podem oferecer para uma visão mais voltada aos problemas orgânicos desta fala (e mesmo para esta segunda opção, há um retorno a concepções sobre a linguagem). Desta forma, na parte 2 deste capítulo, descrevo alguns aspectos sobre a inteligibilidade em fissurados que me levaram a uma linha de raciocínio alternativa às que têm sido até então desenvolvidas.

Como consequência das primeiras questões, e intrínsecas a elas, torna-se necessário abordar aqui as relações entre causa e efeito, as quais, quando analisadas pela diretividade entre a má formação e as alterações na fala,

transportam para a inteligibilidade o estatuto de resultado desta relação direta, na seguinte sequência : se há uma má formação orgânica dos órgãos da fala, há, portanto, alterações na produção desta fala (a nível fonético), e portanto há perdas na inteligibilidade da fala devido a estas alterações.

Nesta direção têm sido encaminhados os estudos sobre a fala de fissurados que, aliados a concepções compartimentalizadas a propósito da linguagem, respondem somente em parte as questões sobre inteligibilidade nesta população. No entanto, como esta visão poderia analisar o fato constatado na prática de que uma "boa inteligibilidade" poderia estar presente em alguns destes indivíduos, apesar de suas alterações fonéticas ? Pois nesses casos (que não são poucos), a diretividade entre causa e efeito parece não proceder. Com base na reflexão do que poderia realmente ser causa e o que realmente seriam os efeitos para estas questões, se alinhadas numa concepção de linguagem que permita análises na enunciação, o conceito de inteligibilidade passaria então de um produto da recepção da fala em seus segmentos, para um estatuto de compreensão, que requer negociações e ajustes em busca de sentido em parceria durante instâncias que não outras a não ser discursivas.

Desta forma, quando um dos interlocutores apresenta uma assimetria fonética com o seu parceiro, que consequências advém na mobilização de outros recursos de

expressão para garantir a negociação de sentido ? De que recursos pode lançar mão o sujeito para se fazer compreender, e que recursos são também mobilizados pelo seu interlocutor para a compreensão, que ultrapassam os limites da fonética para o campo discursivo e pragmático ?

Para isto teria então que ser dado à inteligibilidade um outro estatuto que estaria além da fala (ou apesar dela) para tratá-la na linguagem. É dentro desta perspectiva que pretendo resolver as questões levantadas.

2 - No entanto, estas questões, por estarem vinculadas às concepções de linguagem tradicionalmente incorporadas aos procedimentos de análise da inteligibilidade em fissurados, fizeram com que eu tivesse que dedicar uma grande parte do Capítulo II (o qual denominei As Medidas) para discorrer sobre o delineamento metodológico que tem sido aceito nos estudos neste campo. Sem qualquer pretensão de mostrar "sabedoria bibliográfica", ele se tornou quase que obrigatório neste trabalho, por fazer parte da minha própria história vivida e de crenças passadas, e por ser responsável, em grande parte, pela trajetória que percorri para que hoje eu pudesse tecer conscientemente as minhas críticas e apresentar propostas alternativas, ou para que, em outras palavras, eu pudesse "enxergar com os meus mais múltiplos olhos".

3 - Partindo então dos seguintes pressupostos: a) que as medidas percentuais e segmentadas não são suficientes para justificar a inteligibilidade ou a sua perda, e 2) que as negociações partilhadas nos acontecimentos discursivos poderiam buscar caminhos alternativos para uma produção conjunta de um discurso compreensível, é que me proponho analisar dois conjuntos de dados no Capítulo III. Propositamente denominado de Os Pesos, por colocar "na balança" as duas proposições, para depois confrontá-las, por um lado, analiso a fala de dois sujeitos fissurados pelos procedimentos metodológicos tradicionais e por eles determino suas medidas de inteligibilidade. Por outro lado, analiso nestes dois mesmos sujeitos, em acontecimentos discursivos diferentes, as formas como eles e seus interlocutores buscam uma maior ou menor compreensão, determinada circunstancialmente.

A proposta é de que a contribuição fique por conta do posto de observação em que esses dados foram analisados, e não dos resultados circunstanciais das análises, pelo fato essencial e que é a base deste trabalho, de serem produto de uma determinada instância discursiva, e talvez jamais em outra.

2. POR QUE INTELIGIBILIDADE E POR QUE O FISSURADO ?

2.1 - POR QUE INTELIGIBILIDADE ?

No transcorrer destes anos em contato com sujeitos ditos portadores de distúrbios da comunicação e principalmente com sujeitos portadores de fissura lábio-palatina, foi-me sempre delegada a tarefa de conduzi-los a uma comunicação mais efetiva, socialmente aceitável, a qual pudesse minimizar os efeitos que essa má formação congênita pode provocar. O objetivo final a ser atingido independentemente a quaisquer que fossem as abordagens terapêuticas e ao modelo de clínica incorporada a elas, sempre foi promover inteligibilidade na fala destes sujeitos.

No entanto, sempre me senti confrontada com o significado implícito em inteligibilidade, no seu sentido tradicionalmente aceito. Vou partir de dois conceitos sobre inteligibilidade em fissurados, os quais são produtos da linhas teóricas que vêm servindo como base e norteando um "olhar" quase secular para esta questão :

"Inteligibilidade é o julgamento do ouvinte demonstrando se uma amostra é ou não aceitável para uma determinada produção de som" (Spriesterbach, 1968 - grifos meus)

"Inteligibilidade é o quanto o falante é entendido pelo ouvinte" (Mc Williams, 1984 - grifo meu)

A julgar pelas afirmações acima, as quais espelham o caminho eleito para o delineamento metodológico nos procedimentos das análises tradicionais para a inteligibilidade (como veremos no capítulo II), trazem elas consigo dois aspectos -objetos de meu questionamento, os quais descrevo a seguir, e que, embora demonstrados isoladamente, estão intrinsecamente relacionados :

O primeiro aspecto refere-se às posições dos falantes e ouvintes na cadeia da comunicação que parecem estar vinculadas a um conceito de ciclo comunicativo, formado por um emissor e um receptor através dos processos de codificação e decodificação concretizados pelos órgãos periféricos da fala e que possibilitam a formação da mensagem (Tabith, 1982). Complementa-se que para que a cadeia da comunicação possa ocorrer, há necessariamente uma integridade dos sistemas efetores da fala (as estruturas anatomo-funcionais que participam do ato fonoarticulatório -

as vias eferentes) e dos sistemas sensores da fala .(as estruturas que enviam informações sobre a fala - as vias aferentes) coordenados ao sistema nervoso central (Myzak, 1988).

A expressão "cadeia da comunicação" foi utilizada propositalmente aqui, pelo seu duplo sentido : um, por se tratar de um termo comumente usado na fonoaudiologia ao referir-se a uma situação de interlocução; e o outro, no sentido literal da palavra cadeia, no qual, nessa interpretação, transparece um caráter fechado e cíclico do processo de comunicação, muito mais numa noção de encadeamento. Ainda por um terceiro sentido, ao recuperar a metonímia de sua origem, os sujeitos estariam presos um ao outro nesta cadeia e a ele assujeitados, sendo a interação entre eles o lugar constitutivo de si próprios e dos recursos que estariam usando para produzirem nesta relação. Esta seria, ao meu ver, a noção de cadeia enquanto relação necessária muito mais do que uma noção de encadeamento.

Ao considerar a noção de "cadeia da comunicação", tal como descrita primeiramente, considera-se por consequência que : por um lado há um emissor - cuja função é a de emitir sons, que são concretizados pela fala (no sentido fonético) - e assim envia mensagens. Do lado oposto há um receptor - cuja função é a de receber

(perceptualmente) os sons emitidos e decodificá-los - recebendo as mensagens enviadas.

Ao ser transferida esta noção para o conceito de inteligibilidade, sucede que ela passa a ser reconhecida como um critério de julgamento do ouvinte, quando uma produção de fala é recebida de forma aceitável, ou então o quanto ela é entendida. Há implícita neste conceito uma posição em que o falante, para ser um "emissor efetivo", tem que emitir uma fala "sem erros" (à nível fonético), sob pena de não ser entendido pelo ouvinte, na posição de um "receptor de sons".

Embora este conceito de inteligibilidade já aponte para uma relação interlocutiva pela dependência do outro (o parceiro - ouvinte), nota-se que está vinculado a uma suposição de sujeitos e sistema prontos. O problema, ao meu ver, não está na remessa em si ao ouvinte (condição esta necessária), mas da forma como essa remessa é entendida.

Ao considerar o conceito de inteligibilidade vinculado somente ao nível fonético, desconsidera-se o valor do sentido implícito no enunciado. Não há somente a desconsideração do sentido, mas fundamentalmente das condições de produção (aí em situações discursivas) estando-se sujeito a um não entendimento do "sentido das negociações de sentido" e dos efeitos de sentido. As produções seriam somente palavras articuladas, sem efeito de significação :

"Da mesma maneira que, se nós perdermos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica assim, reduzida à sua realidade física, acompanhada do processo de sua produção. O que faz da palavra uma palavra é a sua significação."

(Bakhtin, 1988 :49 - Grifo meu)

Não fosse assim, as palavras acabariam por perder seus vestígios de sentido, convertendo-se exclusivamente em instrumentos de produção e recepção. Pela significação, uma única palavra pode ter inúmeros sentidos, de acordo com as regras que vão se estabelecendo durante a interlocução, como foi mostrado com clareza numa passagem do diálogo de Alice com Humpty Dumpty (em "Through the looking glass", de Lewis Carroll):

"-Não sei o que você entende por 'glória' - disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu desdenhosamente.

-É claro que não sabes ... enquanto eu não te disser. Eu quis dizer 'há um belo e demolidor argumento para ti'.

-Mas 'glória' não significa 'um belo e demolidor argumento' - objetou Alice.

-Quando eu uso uma palavra - disse Humpty Dumpty, num tom de desprezo - eu quero dizer que eu decidi que a palavra significa ... nem mais nem menos.

-A questão é - disse Alice - se você pode fazer com que as palavras signifiquem coisas tão diferentes.

-A questão é - replicou Humpty Dumpty - quem é que vai mandar, eu ou as palavras. Só isso. "

(Grifos meus)

É claro que não tão radical como Humpty Dumpty, no entanto o sentido só passa a ser visto e considerado quando transfere-se a noção de inteligibilidade para um conceito de compreensão, negociada através de instâncias discursivas. Isto requer parceria, porém, com um estatuto de linguagem que difere do conceito anterior, por pressupor o estabelecimento de regras entre os interlocutores durante o acontecimento discursivo, regras estas por sua vez que vão possibilitando aos protagonistas um funcionamento da língua e a constituição de novas regras da própria língua por seus interlocutores, que também se constituem durante esse processo.

Para mim, vai tornando-se cada vez mais clara a noção de inteligibilidade, quando inserida nas variáveis das situações discursivas, ao se colocar o sujeito na fala, mas não um sujeito impotente, aprisionado à língua e sem autonomia para o uso das "formas do sistema originário", mas um sujeito mais livre dentro do sistema. Assim, o discurso se mostra enquanto sentido quando ele se mostra no que já foi dito, em que há relações de sentidos anteriores e posteriores, ligados às formações sociais do discurso produzido.

As negociações de sentido fazem-se presentes em todas as situações discursivas entre interlocutores que estão "com vontade" de se comunicar, situações estas que podem também causar assimetrias, um não entendimento. No entanto, se esta "vontade" está presente, recursos e ajustes vão sendo negociados para que ocorra a compreensão.

Um clássico exemplo foi vivenciado por Watzlawick (1967) ao relatar uma situação quando, certa vez, se candidatou a assistente de um instituto de pesquisas psiquiátricas. Na hora marcada, ele apresentou-se ao gabinete do diretor para a sua entrevista e a seguinte conversa teve lugar com a recepcionista :

"Visitante: Boa tarde, tenho uma entrevista com o Dr. H. O meu nome é Watzlawick (VAHT-sla-vick)

Recepcionista: Eu não disse que era.

Visitante (colhido de surpresa e algo irritado):
Mas eu estou dizendo que é.

Recepcionista (perplexa): Então por que disse que não era ?

Visitante : Mas eu disse que era ! "

E comenta sobre o ocorrido : "neste ponto, o visitante já tinha a certeza de estar sendo alvo de alguma piada incompreensível mas desrespeitosa, ao passo que a

repcionista decidira que o visitante deveria ser um novo paciente psicótico do Dr.H. Finalmente, tornou-se claro que, em vez de 'O meu nome é Watzlawick' a repcionista entendera 'O meu nome não é eslávico' /is not slavic/, o que, de fato, ele nunca dissera que fosse."

Em quantas situações semelhantes não nos encontramos como esta de Watzlawick ! E quantas vezes também não deixamos de solucionar um "mal entendido", vezes nas quais ou não nos apercebemos dele e só posteriormente, fora da situação é que nos damos conta, tarde demais para retomá-lo, ou vezes nas quais até nos apercebemos mas não nos "interessa" retomá-lo.

Por isso, quando a inteligibilidade passa a ser tratada como um produto mensurável - como na segunda afirmação - de quanto um falante é inteligível ou não, há uma posição psicometrizada, a qual interligada à primeira afirmação, pressupõe uma linguagem compartimentalizada em partículas mais atomizadas possíveis, para que as variáveis situacionais possam ser excluídas e não interfiram nos resultados percentuais das análises sobre ela. Com isso, chega-se a falar em inteligibilidade da palavra; inteligibilidade dos sons de fala; e inteligibilidade das consoantes, visão esta incompatível com as possibilidades de compreensão, mesmo na presença de alterações que possam vir a ocorrer a nível de segmento.

Em resumo, rever o conceito de Intelligibilidade implica em trazer à tona a opção entre enxergá-la através de uma linguística das "formas" ou através de uma linguística da "enunciação" . Pelas palavras de Geraldi (1991) o sentido de ser inteligível tornou-se mais claro para mim :

"No processo de compreensão ativa e responsiva, a presença da fala do outro deflagra uma espécie de 'inevitabilidade de busca de sentido': esta busca por seu turno, deflagra que quem compreende se orienta para a enunciação do outro. Como esta se constrói com elementos da situação quanto com recursos expressivos, a adequada compreensão destes resulta de um trabalho de reflexão que associa os elementos da situação, os recursos utilizados pelo locutor e os recursos utilizados pelo interlocutor para estabelecer a correlação entre os dois primeiros."

(Geraldi, 1991 :19)

2.2 - POR QUE O FISSURADO ?

A escolha do sujeito fissurado como objeto de estudo sobre a inteligibilidade de fala foi regida por dois aspectos:

1. Pela própria presença da fissura que já predispõe o aparecimento de inúmeras dificuldades de fala nestes sujeitos, e pelo muito que se tem pesquisado sobre estas alterações e tem-se tentado relacioná-las com o comprometimento em menor ou maior grau da inteligibilidade.

2. Pelo grande número de pacientes que, embora tenha recebido algum tipo de tratamento, ou este foi ministrado tardiamente ou o foi de forma inadequada, causando sequelas muitas vezes irreversíveis, sendo este o sujeito deste estudo.

2.2.1- A FALA DE FISSURADO

Os maiores problemas estão, sem dúvida, relacionados a padrões articulatórios alterados e a comprometimentos nas qualidades vocais, especialmente a ressonância, e pelos efeitos estigmatizantes dessas alterações, conhecidas sob o rótulo de "fala de fissurado".

Os distúrbios vocais são parte de um grupo de alterações bem marcantes na fala do fissurado, caracterizados pela hipernasalidade vocal e as disfonias. A hipernasalidade vocal é a característica vocal resultante da deficiência da função de válvula dos músculos do palato e da faringe durante a produção da fala, permitindo um acoplamento anormal das ressonâncias oral e nasal, como também a perda de pressão oral durante a produção das consoantes, introduzindo assim uma qualidade vocal indesejável (5). Essa qualidade vocal pode estar presente durante o período em que o palato se encontra aberto, tendo como fator orgânico a própria fissura, e pode ser mantida mesmo após intervenções cirúrgicas, como nos quadros de inadequação velofaríngea (6).

O desenvolvimento do sistema dos sons da fala é um outro aspecto bastante peculiar nos indivíduos portadores de fissura palatina. São de consenso geral nos estudos sobre a articulação dos sons da fala nesses indivíduos os achados sobre a grande variabilidade nas habilidades articulatórias desses falantes (Morley, 1973; Bzoch, 1979; Dalston, 1980; Trost, 1981; Buchala e Vicente, 1991, entre outros). Tão heterogênea é a população fissurada palatina, em variáveis relacionadas às habilidades de comunicação, que se torna difícil, se não impossível, descrever com precisão essa denominada "fala de fissurado", assim chamada devido aos efeitos acústicos e visuais bem característicos ao ouvinte.

A essas variáveis estão relacionados os fatores orgânicos como a própria fissura, as alterações oclusais, a insuficiência velofaríngea e as perdas auditivas que podem interferir, em menor ou maior grau, nas alterações de fala, de acordo com o comprometimento dos órgãos envolvidos.

As alterações oclusais e a conseqüente postura inadequada da língua podem interferir no desenvolvimento das funções de sucção, mastigação e deglutição no bebê fissurado, o que pode acarretar prejuízo nas praxias articulatórias de certos sons da fala. Desta forma é justificado o aparecimento de alguns dos padrões articulatórios inadequados na criança fissurada, que viriam substituir os sons que tem prejudicados os seus locais de produção, como as substituições por fricativas velares, por plosivas-dorso-médio-palatal ou as produções com distorções oro-laterais (7).

No entanto, à insuficiência velofaríngea são atribuídas as mais graves alterações articulatórias, por causarem maiores alterações na fala desses indivíduos. São as chamadas "articulações compensatórias ou alternativas", as quais são decorrentes da tentativa do falante de movimentar os órgãos articuladores, de modo a compensar a válvula velofaríngea deficiente. Desse modo, outras estruturas que não são comumente usadas na produção dos sons da nossa língua passam a ser utilizadas como

alternativas para a articulação e que, segundo a concepção da maioria dos autores (8) geraria assim a produção de golpes de glote, de fricativas nasais posteriores, de fricativas faríngeas, de plosivas faríngeas, entre tantas outras substituições, as quais muitas vezes não são nem descritas devido à imensa gama de variáveis destas produções alternativas.

As frequentes hipoacusias persistentes ou recorrentes nesses pacientes (9) são relacionadas também como causa de prejuízos na construção do sistema de sons da língua, pela interferência que elas podem ocasionar na discriminação dos traços distintivos dos sons de fala.

A ocorrência dessas articulações "atípicas" nesses indivíduos demonstra que a construção do sistema dos sons da fala pela criança fissurada é feita através de muitos sons alternativos (10). O aparecimento destes sons está fundamentado inicialmente por dificuldades orgânicas que impedem o funcionamento dos órgãos articuladores para a produção de determinados sons, havendo então a procura de outro som, com produção mais fácil para as estruturas comprometidas. Na verdade, o que parece ocorrer é a construção de um outro sistema de sons, constituído por estes sons alternativos e por sons que não sofreram as consequências da má formação. Se assim não o fosse, a criança fissurada optaria por omitir os sons prejudicados ao

contrário de substituí-los, como demonstra uma pesquisa realizada com falantes fissurados brasileiros, em que há a ocorrência de 0,8% de sons omitidos em relação a 43,2% de sons alternativos (11). Torna-se clara a necessidade de um "preenchimento" no espaço deixado pela impossibilidade de articulação, para que o ritmo e a intonação não sejam interrompidos na sequência da fala. Essa necessidade não advém , ao meu ver, de um mecanismo orgânico compensatório individual, mas sim da possibilidade de manutenção de um padrão intonacional e rítmico dos enunciados que são inseridos numa corrente interacional.

Outro fato que torna clara a manutenção de uma "corrente interacional", foi um estudo realizado com pais de crianças fissuradas e com pais de crianças normais (Bradford, 1987) que demonstraram suas preferências perante a fala de crianças que apresentavam somente hipernasalidade e outras que apresentavam articulações compensatórias. A maioria dos pais optou pela fala com articulações compensatórias, justificando que esta era mais inteligível e mais aceitável.

Embora os autores tenham analisado os dados percentualmente e assim os justificam, os resultados demonstram que a preferência dos adultos para as articulações compensatórias está relacionada a fatores de inteligibilidade desta fala. O uso das articulações parece ser mais aceitável na medida em que elas preenchem de uma forma mais consistente o espaço

deixado pela articulação correta, evitando assim rupturas rítmicas ou intonacionais, e por estas alternativas de articulação serem mais próximas da fala do outro. O fato então de ser mais aceitável aponta para questões interacionais entre a criança e o adulto, fato este que faz com que o pequeno falante busque outros pontos de articulação para que seu turno seja aceito e seja inteligível.

Os estudos em geral justificam então o aparecimento das articulações compensatórias como mecanismos alternativos para as produções de sons-problema para a criança fissurada ainda não operada. O fato destas articulações persistirem mesmo após a correção cirúrgica ou mecânica do problema é relacionado pela maioria dos autores como uma manutenção de padrões neuromotores incorretos adquiridos previamente aos procedimentos cirúrgicos, os quais são denominados por Bzoch (1979) e Mc Williams (1990) como fatores funcionais dos distúrbios articulatorios. No entanto, os fatores funcionais parecem não ser suficientes para justificar o aparecimento de novas articulações incorretas mesmo após a correção cirúrgica e vale lembrar que esses estudos têm enfatizado a questão das produções de fala levando em consideração o fonema isolado.

Isso se torna bastante complicado, ainda mais se levarmos em conta as afirmações que relacionam o uso das articulações alternativas com um atraso de fala nestas

crianças (12). Contudo, parece evidente que a linguagem da criança fissurada continua quando pensamos que, mesmo com produções alternativas, a criança constrói um sistema de sons compatível enquanto sistema e paralelo quanto aos sons que produz ao sistema de crianças não fissuradas . Isso é justificado por trabalhos baseados numa fonologia segmental (Scarpa, 1988) e em visões de linguagem que não levam em conta a atividade dialógica em sua construção, e sim voltadas para um sistema isolado da comunicação (De Lemos, 1982).

Por estas considerações sobre a fala do fissurado vemos que muito ainda há por ser entendido dessas alterações. Justificativas pelos fatores orgânicos parece ser o caminho mais fácil para o entendimento, face à comprovação de uma patologia onde há uma má formação dos órgãos da fala. No entanto, elas não respondem a questões sobre que consequências advêm na aquisição da estrutura do sistema de sons pela criança fissurada e na mobilização de outros recursos de expressão para que a fala se torne inteligível.

2.2.2 - O SUJEITO FISSURADO

Além de determinar o indivíduo portador de fissura palatina como objeto de meu estudo, uma parcela desta população ainda foi recortada. A população eleita para este estudo, hoje dentro da faixa etária entre 20 a 40 anos de idade, representa uma grande parte daquela que se encontra em tratamento, e que sofre as consequências de intervenções tardias ou inadequadas, reflexo de um sistema deficitário de saúde que dificultava o acesso a tratamentos especializados na primeira infância e de programas terapêuticos mais preocupados com a correção e muito pouco com a prevenção ou minimização dos problemas advindos da fissura.

Desta forma, esta população é aquela que hoje desenvolve atividades profissionais, que frequenta ou já frequentou escolas, que já constitui ou pensa constituir uma família. Em resumo, é aquela que apresenta expectativas sociais compatíveis aos indivíduos de sua faixa etária, e que além de variáveis sócio-econômicas em suas perspectivas, apresentam também dificuldades por barreiras que são enfrentadas quanto às suas condições físicas e pelas condições de fala.

As questões levantadas neste trabalho poderiam ser abordadas de forma diferente se procedimentos interceptivos fossem executados a tempo, aliados a um melhor entendimento

da fala inicial nestes indivíduos, que poderia prover soluções minimizadoras dos problemas que hoje enfrentamos. Espero que daqui a alguns anos possa estar me referindo a este trabalho como questões já resolvidas e como um tema não mais necessário. No entanto, hoje ele ainda é um produto da nossa realidade social demonstrado pela alta incidência de sequelas na fala desses indivíduos.

3. NOTAS DO CAPÍTULO I

(1) A mudança do pronome na primeira pessoa do singular para o plural nas páginas 4 e 5 foi proposital, por ter um significado implícito de que todos estes processos não foram vivenciados individualmente. Devo grande parte de minhas falas a um partilhar de 20 anos com a Cris, desde as nossas formações acadêmicas até os dias atuais (hoje, fonoaudióloga Maria Cristina Zimmermann Vicente, responsável pelo setor de Fonoaudiologia do HPRLLP). Com ela, aprendemos muito do que hoje eu sei, não somente de sujeitos fissurados, mas principalmente do sujeito, mesmo fissurado. Pelo seu caráter íntegro, seus propósitos firmes, e sua personalidade de ser "semente" e não os "frutos", hoje ouve com entusiasmo os relatos sobre o "meu" trabalho, incentiva as "minhas" buscas e tanto mais, embora de uma forma velada nós duas tenhamos a consciência de que todo esse processo não é "meu", mas extremamente "nosso" (não sei se infelizmente ou felizmente, CRIS, coube a mim estar dizendo a nossa fala). E para quem a conhece, sabe que esta não é somente uma Nota de Rodapé ou de agradecimento. Para quem já partilhou com ela, sabe o que me refiro de trabalho conjunto, como Cumming referiu-se ao conceito de eu :

"Eu propus que grande parte daquilo que Langer se referiu como 'a pura expressão de idéias' ou atividade simbólica em si é, em pessoas normais, a função de constante reconstrução do conceito de eu, de oferecimento desse conceito de eu para outros para ratificação e de aceitação ou rejeição das ofertas conceituais do eu dos outros. Além disso, pressupus que o conceito de eu tem de ser continuamente reconstruído, se quisermos existir como pessoas e não como objetos; e principalmente, o conceito de eu passa a ser reconstruído em atividade comunicativa."

(Cumming, apud Watzlawick, 1967: 113)

(2), (3) e (4) Todos estes trabalhos citados, seus procedimentos, resultados e as reflexões sobre eles, foram sempre realizados junto com a Cris, inclusive a pasta com os trabalhos não publicados tem na etiqueta : "Cris e Rô". Por estas e por tantas outras, a manutenção do pronome.

(5) Sobre a hipernasalidade vocal pode ser vista nos trabalhos como os de Bzoch, 1979; Tabith, 1982; Perelló, 1981; Mc Williams, 1986; Buchala et al, 1990, entre tantos outros. Esta é uma das características que mais estigmatiza a fala do fissurado, e durante muito tempo os problemas de articulação que aparecem tipicamente nesta fala foi confundida com a própria ressonância hipernasal. Muito também se tem estudado sobre os efeitos da hipernasalidade com as perdas de inteligibilidade. No entanto, os estudos são bastante controversos acreditando-se, em sua maioria, que as articulações compensatórias são as que prejudicam em maior grau a recepção correta e a aceitação do ouvinte para esta fala.

(6) A persistência da hipernasalidade após correção cirúrgica da insuficiência, Dalston (1980) denomina de incompetência velofaríngea, definida como uma função pobre da região velofaríngea e não determinada organicamente.

(7) descrições mais detalhadas sobre a ocorrência de articulações prejudicadas pela má oclusão dentária em indivíduos fissurados podem ser encontradas em trabalhos de autores como Bzoch, 1979; Morley, 1973; Trost, 1981; Mc Williams, 1984; Buchala e Vicente, 1991, entre muitos outros.

(8) Entre vários estudos, refiro-me aos trabalhos citados na nota anterior.

(9) Sobre os achados auditivos em crianças fissuradas encontram-se os trabalhos realizados por Paparella e Shunick, 1980; Ribeiro, 1987; Shibara e Sando, 1988; Piazzentini, 1989, entre outros.

(10) Evidência comprovada através de uma pesquisa sobre a emergência dos sons de fala em crianças fissurada comparadas com a emergência dos sons em crianças normais em Giacheti et al., 1988.

(11) Nesta pesquisa realizada por Buchala e Vicente (em preparação) que teve como objetivo de se levantar a ocorrência e a classificação de articulações compensatórias em falantes fissurados brasileiros, é interessante observar que a eleição dos pontos alternativos são comuns a falantes de todas as línguas.

(12) A presença da insuficiência velofaríngea é responsabilizada pela maioria dos autores (como os citados nas notas 5 e 6 deste capítulo) pelo aparecimento destas articulações, sendo mantidas após a correção cirúrgica por fatores que interfeririam na aprendizagem neuromotora inicial da criança, formando engramas incorretos para a articulação dos sons. Dessa forma, a omissão de sons da língua ou a substituição destes por articulações alternativas seriam caracterizadas como um quadro de "atraso no aparecimento da fala". Alguns comentários meus que se seguem a estas afirmações, remetem a uma necessidade de se estar revendo aspectos importantes da fala inicial do fissurado para um melhor entendimento destas alterações e para que se possa prover soluções alternativas a tempo.

CAPÍTULO II

AS MEDIDAS :

UMA REVISÃO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA
INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS E DE SEUS
COMPROMISSOS COM AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

*"EU PREFIRO SER
ESTA METAMORFOSE AMBULANTE
DO QUE TER AQUELA VELHA
OPINIÃO FORMADA SOBRE TUDO"*

(Compositor contemporâneo)

CAPÍTULO II : AS MEDIDAS

UMA REVISÃO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS E DE SEUS COMPROMISSOS COM AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

1. INTRODUÇÃO

Neste Capítulo apresento inicialmente uma síntese da literatura sobre as análises da inteligibilidade em sujeitos fissurados, situando-a quanto à tradição metodológica na qual se encontram fundamentadas. Não procurei respeitar uma ordem cronológica de caráter histórico dos trabalhos. Eles foram sendo desenvolvidos de acordo com a ordem de importância que caracterizaram a metodologia utilizada nestes estudos. Durante a exposição teço alguns comentários, como notas de rodapé, com os quais pretendo introduzir os fundamentos para as discussões e críticas que desenvolvo posteriormente.

No entanto, vejo a necessidade de reportar-me aos meados deste século, na medida que encontro nos trabalhos uma grande revolução metodológica, alinhados em corrente(s) "fortemente" instaurada(s) nesta época. Estas correntes marcaram a tradição dos estudos sobre inteligibilidade da fala de sujeitos fissurados, como também nos estudos com as demais patologias até os dias atuais, a despeito das reformulações nas concepções a propósito da linguagem. Desse modo, a partir da década de 80, constato na literatura um grande "silêncio" da inteligibilidade como objeto principal de estudo que deixa transparecer a crise dos modelos teóricos que explicam a inteligibilidade através das tradicionais medidas. Na falta de um cuidado para revisões metodológicas, torna-se então impossível a visualização do "todo" através das segmentações, produtos das próprias medidas e dos avanços tecnológicos cada vez mais sofisticados para o diagnóstico das causas orgânicas nas fissuras palatínas.

Com base nestas exposições é que desenvolvo posteriormente as discussões e críticas sobre os procedimentos tradicionais, em seus compromissos com modelos teóricos a propósito da linguagem. É somente a partir dessas discussões que posso então lançar mão de propostas complementares para as questões de inteligibilidade em fissurados e assim retomar os propósitos do meu trabalho.

2. A TRADIÇÃO METODOLÓGICA DAS ANÁLISES DA
INTELIGIBILIDADE EM SUJEITOS FISSURADOS

MC WILLIAMS (1984), ao conceituar a Inteligibilidade, descreve-a como " o quanto um falante é entendido pelo ouvinte " - Grifo meu - (1).

A autora afirma que a Inteligibilidade,

(1) A quantificação da Inteligibilidade parece proceder, à primeira vista, da necessidade de uma relação direta entre a causa - quais "áreas" da linguagem que estariam alteradas - e o efeito - o quanto essas alterações interferem na compreensão pelo ouvinte.

especificamente no fissurado, tem sido tradicionalmente medida através do sistema de transcrição ("write down") do que o ouvinte escuta em gravações de amostras de fala de pacientes produzindo listas de sílabas, palavras ou sentenças foneticamente balanceadas. O percentual de respostas corretas fornece o índice de inteligibilidade do falante.

SPRIESTERSBACH (1968) vincula a inteligibilidade ao julgamento do ouvinte sobre uma amostra de "fala" (2) como sendo aceitável ou não. Descreve que há diferentes variações nos procedimentos utilizados para a avaliação da inteligibilidade de fala em sujeitos fissurados. De maneira mais frequente, os ouvintes têm sido questionados "sobre o que ouvem" e a " escrever sobre" ("write down") as amostras de fala que foram

(2) Em seu trabalho, a versão literal é " do julgamento como uma amostra aceitável de um determinado fonema" (Grifo meu)

gravadas. O autor relaciona alguns trabalhos que utilizam essa metodologia com outros com metodologias diferentes, porém na realidade refere-se às técnicas utilizadas nestes procedimentos (3). Desse modo, descreve as variações nos procedimentos quanto ao conteúdo da amostra coletada - sílabas sem sentido ou palavras e frases foneticamente balanceadas e especialmente construídas - e quanto à forma de apresentação dessas amostras ao ouvinte.

O autor observa que essa variedade de técnicas utilizada apresenta numerosos problemas, quando são feitas comparações e combinações entre os trabalhos de pesquisa. Sugere que haja uma seleção de 3 fatores para diminuir a frequência de variações nos resultados. O primeiro deles seria o grau de subjetividade e de objetividade das medidas, que estaria relacionado aos procedimentos usados através do julgamento por ouvintes, considerados subjetivos devido aos erros de percepção variável a cada ouvido humano; e às

(3) Revejo mais adiante esses trabalhos e as metodologias.

análises acústicas instrumentais, as quais seriam as consideradas objetivas. No entanto, considera que muitas vezes estas medidas - objetivas e subjetivas - são incompatíveis, pois nem toda variação acústica resultaria numa diferença perceptual. O inverso também ocorre, pois na visão do autor, as análises acústicas determinam erros maiores na articulação, sendo que os erros menores - referidos como sub-tipos de erros - podem não ser detectados, e estes podem interferir significativamente na comunicação entre o falante e o ouvinte. (4)

(4) O autor atribui aos erros menores às diferenças na entonação, ritmo e velocidade, que pelas avaliações objetivas a que se propõe não poderiam ser quantificadas. O grifo fica por conta do lugar em que esses aspectos foram colocados - como erros menores, como sub-tipos - porém admitidos pelo autor como significativos em relação ao falante e o ouvinte.

O segundo fator estaria relacionado à validade das medidas, questionada pelo autor devido à dificuldade de isolamento de cada dimensão da fala durante o julgamento subjetivo do ouvinte. Mesmo quando essas dimensões podem ser isoladas em medidas objetivas - e aqui o autor refere-se aos testes articulatórios, às medidas vocais e aos scores de inteligibilidade - a validade pode ser questionada, devido à redundância dos materiais utilizados (5) Outro aspecto da validade das medidas que o autor considera, refere-se ao contexto em que elas foram mensuradas, pela inconsistência que pode ocorrer no uso de determinados sons. Assim, como exemplifica, um determinado sujeito pode articular mal um som durante um teste - articulatório ou de inteligibilidade - e produzi-lo corretamente em alguns contextos (6).

(5) Em outras palavras, o material utilizado, além de ser altamente conhecido pelos ouvintes, é altamente decontextualizado. O autor chega a falar de uma LINGUAGEM REDUNDANTE em relação aos materiais utilizados nos testes.

(6) As variações de contextos aí referidas são relacionadas ao som sendo produzido em sílabas, palavras, sentenças ou fala conectada, o CONTEXTO FONÊMICO em que um som foi produzido.

O terceiro aspecto considerado importante pelo autor para a diminuição das variáveis nos relatos sobre inteligibilidade é o Grau de Confiabilidade das Medidas. Considera que os testes utilizados para medir articulação e inteligibilidade de fala podem ser confiáveis, desde que obedecendo a mesma metodologia. Do contrário, haveria uma difusão nos resultados (7).

HIRSCHBERG (1986) descreve em seu trabalho os testes articulatórios para avaliar a fala de sujeitos fissurados, que afirma serem de suma importância pelos

(7) Em seu trabalho, SPRIESTERSBACH faz uma análise dos procedimentos utilizados nos estudos sobre inteligibilidade, produzindo críticas e sugestões, o que faz com que esse texto do autor tenha um lugar significativo na historicidade desta revisão. Na verdade, seus questionamentos são fundamentados nos procedimentos de sua época (décadas de 50 e 60) porém permanecem inscritos nos fundamentos metodológicos atuais, como veremos a seguir.

valores numéricos com os quais se podem prover soluções na avaliação e no prognóstico da competência velofaríngea. Dentro dessa perspectiva o acréscimo mais importante às análises dos testes articulatórios é a aplicação dos testes de inteligibilidade (8). O autor propõe o uso dos testes de inteligibilidade para mostrar como o sujeito é entendido no seu cotidiano : "Nós acreditamos que a determinação do grau de inteligibilidade é extremamente importante, visto que o que a sociedade avalia não são fonemas, nem a competência do funcionamento velofaríngeo, mas a facilidade de comunicação do sujeito e sua eficiência com o seu meio" - grifos meus - (9)

(8) Importante notar a mesma perspectiva nesse trabalho, realizado 18 anos após as considerações de SPRIESTERSBACH (1968).

(9) A julgar pela proposta do autor, ao buscar a inteligibilidade vista em outro local sem ser aquele que somente o organismo determina, ou como produto de componentes segmentados, seriam esperadas soluções compatíveis à sua justificativa. No entanto, observaremos a seguir que a resolução do problema se faz à luz dos procedimentos metodológicos tradicionais.

Assim , aponta como alternativas para a determinação do grau de inteligibilidade testes que utilizam procedimentos de gravações de leituras de sílabas, palavras e textos. Considera importante acrescentar ao material a ser gravado, as respostas do paciente durante um questionamento sobre uma leitura de um texto ou de um desenho quando a leitura não é possível. Os procedimentos para o julgamento da inteligibilidade, segundo o autor, poderiam ser realizados através de transcrições ("write down") e o resultado das palavras entendidas corretamente pelos juízes daria o quadro - em percentual - da inteligibilidade da fala do sujeito. Ou então, como sugere o autor, através de um procedimento bastante simples : ao escutar uma gravação, os ouvintes são instruídos a assinalarem um dos graus propostos em escalas que podem variar de inteligibilidade normal até a ininteligibilidade total.

O papel do ouvinte nos procedimentos de avaliação é apontado, pelo autor, como outro aspecto fundamental nas análises da inteligibilidade. Desde que , como

justifica, a proposta da fala é a comunicação, não é lógico excluir o ouvinte dos procedimentos avaliativos da inteligibilidade, e que as medidas objetivas para esse fim, excluem o papel importante do ouvinte como receptor no processo da comunicação (10)

As perspectivas de HIRSCHBERG (1986), SPRIERTERSBACH (1968) e Mc WILLIANS (1984), sintetizam a linha teórica que vem sendo delineada nos procedimentos das pesquisas sobre inteligibilidade em sujeitos fissurados encontradas na literatura.

Dentro desta linha, os procedimentos apresentam-se com variações quanto : a) à amostra, ou "corpus" a ser coletado ; b) à forma de análise das amostras, como veremos a seguir.

(10) Mesmo incluindo o ouvinte, sua função é exclusivamente de uma "variação no corpus", quer dizer, o enfoque continua sendo na "performance" do falante em diferentes situações, como no caso, durante a conversação. Nas análises, o foco permanece na fala do sujeito fissurado e não nas relações estabelecidas pelos seus participantes durante a situação dialógica.

(a) Quanto à coleta dos dados

Em relação à seleção para a coleta das amostras encontramos nestes trabalhos a utilização de gravações da fala de indivíduos fissurados, desde a leitura ou repetição de sílabas sem sentido até a fala conversacional, as quais seriam posteriormente ouvidas por "juízes" que determinariam o grau de inteligibilidade daquela(s) fala(s).

Dessa forma, MC WILLIAMS (1954); PRINS e BLOOMER (1965); ENGSTROM et al (1970); PANBACKER (1975), coletaram as amostras de seus trabalhos pela leitura ou por repetição de palavras previamente selecionadas. Nos estudos de SUBTELNY (1961) e de PRINS e BLOOMER (1968), embora a leitura e repetição de palavras fizesse parte da coleta, ambos tiveram o propósito de investigar a precisão e validade desse procedimento para a medida da inteligibilidade das consoantes iniciais das palavras. É interessante registrar aqui, que uma das hipóteses levantadas pelos autores em relação às respostas dos ouvintes, é se elas poderiam estar diretamente relacionadas à "performance" (11) do falante ou se poderiam estar, em

(11) A expressão "performance" do falante foi utilizada aqui respeitando-se a tradução original e para demonstrar a visão dos autores a respeito da linguagem.

parte, relacionadas pelo material da testagem, já que concluem que houve maior inferência na inteligibilidade nas palavras que não teriam outra alternativa para a sílaba inicial (12).

Outros estudos coletaram suas amostras para as medidas da inteligibilidade através de leituras de frases ou sentenças que foram previamente selecionadas de acordo com contextos fonêmicos ,

(12) Vale aqui uma nota de rodapé sobre o recurso da inferência utilizado pelo ouvinte, e que para os autores resultou no questionamento sobre a validade do procedimento enquanto medida de inteligibilidade, já que previam uma exclusão total das variáveis de contextualização em suas amostras. No caso, esse recurso do ouvinte, se visto sob a luz da linguística da enunciação, não poderia estar representando uma das inúmeras formas de "ajustes e negociações de sentido" que só podem ocorrer quando se levam em conta os movimentos discursivos entre os interlocutores? Se visto por esse prisma, o objeto que foi "invalidado" nestes estudos, torna-se na verdade o foco de atenção para uma proposta de revisão metodológica.

como podemos verificar nos procedimentos utilizados nos trabalhos de MC WILLIAMS (1954); VAN DEMARK (1964); HESS (1971); MOLLER (1984) e JONES e FOLKINS (1985). (13)

(13) Outra nota que vale registrar refere-se ao estudo de HESS (1971), na sua proposta de determinar os efeitos da entonação, da velocidade, do ritmo e do tipo de produção consonantal, nas medidas da inteligibilidade. Para a coleta do "corpus", os sujeitos fissurados foram treinados para emitir as mesmas sentenças modificadas de acordo com esses aspectos. É muito interessante notar que suas análises, em resultados percentuais, demonstraram que a entonação foi o principal aspecto que modificou a inteligibilidade da fala dos sujeitos : "as frases em monotom foram menos inteligíveis dos que as com entonação normal ou exagerada".

Embora o fato tenha sido constatado percentualmente e o autor não faça menção sobre as hipóteses que poderiam ser levantadas para justificá-lo, não estaríamos aí frente (e novamente) a mais um dos recursos discursivos no processo de compreensão ? E vale lembrar também a importância da entonação como elemento fundamental de coesão, como demonstrado em SCARPA (1985) em estudo da fala inicial.

Algumas pesquisas utilizaram o que foi denominado de "fala conectada" como procedimento para a coleta da amostra para a análise da inteligibilidade da fala em fissurados. Esta "fala conectada" correspondia a gravações de repetições de ditados populares infantis (PHILIPS e BZOCH, 1969); leituras de um verso em prosa (MC WILLIAMS, 1954); nomeação de figuras e respostas a perguntas pré-determinadas (PANNBACKER, 1975); ou leitura de um texto (ENGSTROM et al., 1970).

A "fala conversacional" como foi denominada por alguns autores, ou seja, a amostra coletada durante a conversação do sujeito figurado com o examinador, com seus familiares ou com pessoas estranhas ao falante, também foi uma das propostas de procedimento para coleta de dados (WELLS, 1971; SUBTELNY, 1972; WEISS, 1980; SHRIBERG e KWIATKOWISKI, 1982).

Embora o procedimento destes estudos incluía a situação de diálogo para a coleta da amostra (e observe que isto aparece nos estudos mais recentes), o foco ainda permanece nas emissões do falante : o que é oferecido para os "ouvintes/juízes" não participantes do acontecimento discursivo, são unidades isoladas desta chamada fala

conversacional fragmentada em enunciados e palavras recortadas dessas situações, para se obter uma análise percentual da inteligibilidade (14).

Portanto, mesmo com a proposta de incluir situações de diálogo como material da amostra, a metodologia adotada nesses trabalhos não difere no seu interior daqueles que utilizaram sílabas sem sentido, em leituras ou repetições de CV, VC ou CVC, como em ISSHIKI et al (1971); SUBTELNY e SUBTELNY (1959) ou em MOORE e SOMMERS (1975) respectivamente.

Pelas descrições dos procedimentos de coleta dos dados situados dentro de uma tradição metodológica nos

(14) O valor interlocutivo destes procedimentos parece não ser considerado, visto que as análises permanecem unilaterais: o foco restringe-se às emissões do falante. O objetivo, no que se pode inferir, é o de se coletar uma amostra em emissões mais extensas e menos dirigidas, e mesmo assim a inteligibilidade continua sendo determinada pela somatória de segmentos isolados .

estudos sobre a inteligibilidade em fissurados, podemos observar que eles estão traçados por uma linha única de concepção da linguagem (que será discutida na parte 3 deste capítulo) e que reflete diretamente nos procedimentos de análise destas amostras, como veremos a seguir.

(b) Quanto à análise dos dados

Um segundo aspecto sobre os procedimentos dos estudos tradicionais está relacionado à forma de análises dos dados coletados. Como vimos na exposição anterior, as amostras foram coletadas através de gravações de fala em diferentes situações e, posteriormente, mostrada a ouvintes/juízes. De acordo com o resultado obtido nesses julgamentos, o grau de inteligibilidade do falante fissurado foi assim determinado:

De maneira mais frequente, os ouvintes foram instruídos para "escreverem o que ouviam" ou transcreverem a fala que lhes era apresentada. Dessa forma, o número de sílabas, palavras ou frases - variáveis de acordo com a proposta do estudo - que eram corretamente reconhecidas, determinava o percentual de inteligibilidade atingido pelo falante ou pelo grupo de falantes estudados. Nessa linha, os trabalhos de SUBTELNY (1959 e 1961); BLACK e HAAGEN (1963); VAN DEMARK (1964); PRINS e BLOOMER (1965 e 1968);

ENGSTRON (1970); HESS (1971); PANNBACKER (1975); MOLLER (1984); SHRIBERG e KWIATKOWOSKI (1982) foram representativos para demonstrar o quanto um falante fissurado poderia ser entendido pelo ouvinte.

Menos objetivas, isto é, sem o uso de resultados numéricos e percentuais, foram as escalas determinadas em graus que variavam desde inteligibilidade normal à ininteligibilidade total, em que os ouvintes/juízes classificavam a amostra de fala que lhes era oferecida. Adotando este procedimento de análise, os trabalhos de MC WILLIAMS (1954); PHILIPS e BZOCH (1969); WELLS (1971); ISSHIKI (1971); SUBTELNY (1972); MOORE e SOMMERS (1975); WEISS (1980); DALSTON (1983), demonstraram se uma determinada amostra da fala de sujeitos fissurados foi ou não considerada como aceitável no julgamento pelo ouvinte.

Nessa linha de análise da inteligibilidade da fala em fissurados, algumas variações também foram feitas entre categorias dos ouvintes, com o objetivo de verificar este tipo de efeito nos resultados das análises. Em alguns estudos, como os de SUBTELNY (1959); PRINS e BLOOMER (1965); PHILIPS e BZOCH (1969); HESS (1971); MOLLER e STARR (1984); JONES e FOLKINS (1985), foram determinados como juízes somente aqueles que foram considerados como "ouvintes treinados" : profissionais ou estudantes da área de

reabilitação de fala e que possuíam experiência com a fala de fissurados.

Outros estudos determinaram para o grupo de juízes somente "ouvintes não treinados", aqueles considerados como sem nenhum estudo ou experiência prévia com a fala de fissurados (VAN DEMARK, 1964; PRINS e BLOOMER, 1968; MOORE e SOMMERS, 1975). Propostas foram feitas, inclusive de se subdividir os juízes em dois grupos - treinados e não treinados - como em PANNBACKER (1975) com o objetivo de se observar variáveis no grau de confiabilidade intra-juízes no julgamento da amostra de fala apresentada.

É interessante notar que essa tradição metodológica em que estão fundamentados os procedimentos de coleta e análise dos dados visando a obtenção de parâmetros da inteligibilidade da fala em indivíduos fissurados permanece inalterável mesmo quando o objeto de estudo é a fala de sujeitos com outras patologias. Assim, a inteligibilidade da fala tem sido analisada também em indivíduos disártricos, como nos estudos de TIKOFSKY (1964; 1966; 1970) e de MARSHALL e JONES (1971); em falantes esofágicos como em TIKOFSKY (1965) e HOOPS (1971); em crianças com hipoplasia congênita de língua (WEINBERG, 1970); em crianças disfônicas (AMOROSA, 1990-a); em crianças com retardo de linguagem (AMOROSA, 1990-b), entre outros e que aqui estão somente exemplificados pela mesma identidade metodológica com os procedimentos em fissurados.

Em síntese, é esta identidade metodológica o ponto crucial que faz convergirem esses estudos para um mesmo lugar, a despeito das inúmeras tentativas de variações, quer pelas formas de coleta dos dados e suas análises, quer pelas patologias estudadas. Assim é que os procedimentos tradicionais de coleta e análise dos dados, revelam concepções teóricas a propósito da linguagem, onde a responsabilidade de se produzir inteligibilidade reside essencialmente no falante, ou até, nos segmentos e unidades isoláveis de sua fala quanto à sua integridade fonética, enquanto a condição do ouvinte no processo de inteligibilidade se faz como receptor dessa fala enquanto "juiz", como a de uma máquina de registro acústico.

Não tenho como proposta discutir questões de ordem epistemológica sobre as concepções de linguagem - reservo este direito, tanto disciplinar quanto ético, aos tantos estudiosos destas questões. No entanto, elas deverão ser, no mínimo, objeto de reflexão para justificar o meu posicionamento nos propósitos deste trabalho e acrescentar aos estudos e à prática clínica com indivíduos fissurados a hipótese de que a inteligibilidade ainda pode e deve ser vista a partir de um outro posto de observação .

O que eu gostaria de adiantar, antes de discutilas na sessão 3 deste capítulo, é que estas reflexões pretendem colocar a inteligibilidade - no caso reportada à fala de fissurados - em um lugar não restrito somente à fonética sem contudo excluí-la; e em um lugar em que somente as medidas não a determine. Alguns comentários e as notas de rodapé deste capítulo já permitem que eu vá delineando os caminhos que venho percorrendo para um melhor entendimento sobre a inteligibilidade : eles vão desembocar em um lugar em que ela signifique compreensão, e como tal, possa ser negociada, co-operada, simetrizada, mesmo na presença de alterações nos segmentos. Sem dúvida, isto só pode ser visto quando instâncias discursivas passam a ser consideradas como o local para o acontecimento de negociações de sentido. Mas deixo essas minhas considerações ainda em-aberto, como "flashes" das questões a serem discutidas posteriormente.

No entanto, considero ainda necessário como base para as discussões posteriores, estar revendo alguns aspectos de caráter histórico nos estudos sobre inteligibilidade, como serão abordados a seguir.

3. A REVIRAVOLTA DOS ANOS 50 E O SILÊNCIO A PARTIR DA DÉCADA DE 80

3.1- A REVIRAVOLTA NOS ESTUDOS SOBRE INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS NOS ANOS 50

A explosão de um interesse pela análise da inteligibilidade em fissurados como foco de atenção dos estudiosos dessa população, deve-se principalmente ao trabalho desenvolvido por MC WILLIAMS, como objeto de pesquisa em sua dissertação de doutorado em 1953. Publicada parcialmente em 1954, a autora demonstra claramente a sua preocupação em estar revendo as teorias e procedimentos no diagnóstico e na terapêutica da fala com indivíduos fissurados, através da relação dos aspectos da fala alterados com a perda da inteligibilidade nesta população. E essa preocupação é de, principalmente em estar propondo estudos e avaliações objetivas, desafiando a subjetividade das observações clínicas que até então não havia sido recusada enquanto procedimento de estudo. É notável a sua entusiástica proposta dentro de uma década em que os avanços

tecnológicos ainda eram insuficientes para uma determinação mais precisa das condições orgânicas e de funcionamento dos órgãos responsáveis pela produção da fala . Dessa maneira, o modo de funcionamento das estruturas orgânicas podia ser observado essencialmente pelos resultados "audíveis" na fala de sujeitos fissurados, isto é, pelas articulações distorcidas , pela hipernasalidade e pelo entendimento ou não desta fala pelos ouvintes. Por isso, a proposta de MC WILLIAMS foi considerada inovadora e objetiva (como ela mesma sugere) pela tentativa de se quantificar tanto esses "erros da fala" como a inteligibilidade dos sujeitos, e de relacioná-los como caráter de causa e efeito:

"The study herein reported was an attempt to discover some of the components of intelligibility of the speech of adults with cleft-palates."

(MC WILLIAMS, 1954:524, Grifo meu)

Nesta perspectiva de MC WILLIAMS, considerada histórica por haver delineado toda a série de estudos posteriores a ela, vemos inseridas as seguintes preocupações:

- 1- a necessidade de uma determinação mais objetiva, mais instrumental das alterações orgânicas - da área velofaríngea e das relações oclusais dentárias - nos indivíduos fissurados ;
- 2- a necessidade em relacionar parâmetros fisiológicos aos problemas de fala no fissurado, quantificando-os;
- 3- a necessidade em demonstrar quais os componentes da inteligibilidade (ou das perdas da inteligibilidade nesta população).

A primeira preocupação é bastante justificável ao lembrar que, na década de 50, as condições para visualização da válvula velofaríngea como das demais estruturas intra-orais no funcionamento durante a fala eram bastante limitadas. Os clínicos dispunham de observação pelo exame oral, onde somente algumas das estruturas podiam ser vistas em repouso, ou então durante a fonação nas emissões das vogais a e ã, devido ao grau de abertura da cavidade oral e da posição mais baixa da língua destas vogais. No entanto, essa forma de observação era bastante restrita pela impossibilidade de visualização das áreas sub e supra orofaríngeas que também fazem parte da porção de constrição da

válvula, e também questionável quanto à verificação das condições de movimentação do palato, já que se limitava às produções das vogais que, em qualquer outro falante, têm um nível mais baixo de elevação em relação a outras vogais e sons consonantais orais. Além dessa forma de observação que era a mais comum, os clínicos dispunham eventualmente de radiografias cefalométricas, que permitiam uma observação mais objetiva das estruturas intra-orais e quando utilizadas com contraste, era possível radiografar os tecidos moles (língua, palato mole e estruturas faríngeas) durante a emissão de um som. Embora essa avaliação aproximasse um pouco mais da dinâmica da fala, permanecia restrita a um congelamento da imagem em uma única posição, sendo na verdade uma visão estática e não sequencial. Além disso, por permitir somente uma visão lateral do crânio, os movimentos de constrições das paredes laterais e dos pilares palatinos anteriores e posteriores não podiam ser observados, sendo que eles têm um papel importante para a determinação do tipo e da qualidade do fechamento velofaríngeo.

Com o avanço da tecnologia, métodos mais sofisticados foram sendo gradativamente acrescentados a esses procedimentos, e as avaliações foram se tornando cada vez mais precisas e mais detalhadas. Porém, neste momento, interessa-nos a caracterização dos recursos da época, como justificativa plausível para a proposta de MC WILLIAMS. Reservo outros comentários para a sessão 4 deste Capítulo.

A segunda preocupação também caracterizada pela década de 50 revela uma extrema necessidade em se definir as relações de causa (má formação) e efeito (as alterações da fala e a perda de inteligibilidade) nos sujeitos fissurados. Assim, ao se tentar uma caracterização mais objetiva das alterações orgânicas (diga-se, aqui, uma proposta bastante louvável), a mesma objetividade foi transferida para as questões que tentavam solucionar os parâmetros entre o fisiológico e os problemas de fala (e diga-se, aqui, uma proposta bastante questionável). Assim, a grande "revolução" metodológica de Mc Willimas nas análises das alterações da fala e da inteligibilidade surgiu da possibilidade de tornar os produtos da fala do fissurado além de audíveis (pelo acesso ao uso de gravações) também visíveis (pelas transcrições). Dessa forma, na qual o audível torna-se visível, e, uma vez "objetivável", retira do sujeito a produção, isto é, torna a sua produção um objeto (fora dele), para melhor poder medi-lo numericamente (15).

(15) Este posicionamento traz à tona as suas fontes na abordagem psicométrica alinhada na psicologia experimental, traduzida pela visão científica tão fortemente aceita nessa época. Tanto que vemos trabalhos datados na década anterior (HAAGES, 1944), onde propostas são feitas para medidas de inteligibilidade em falantes normais, pelo uso de gravações de unidades isoladas e por transcrições.

É importante insistir na afirmação de que esse delineamento metodológico se faz no interior de uma época em que essa linha de pesquisa encontrava-se em total explosão decorrente dos conceitos a propósito da linguagem. Mesmo com o repensar e as reformulações desses conceitos que foram se processando com o decorrer dos tempos, observa-se que estes procedimentos parecem ter se estagnado nas posições dos anos 50. Mais uma vez reservo meus comentários para sessões posteriores ainda neste Capítulo.

Um terceiro foco de preocupação inscrito na proposta de MC WILLIAMS é verificado pela necessidade em se determinar os componentes da inteligibilidade, traduzida pela possibilidade em se transferir a noção do todo (inteligibilidade) para uma somatória de categorias isoláveis (no caso, articulação e ressonância). A despeito da proposta estar articulada à busca de recursos diagnósticos mais precisos relacionados à má formação, essa

tendência em se determinar o todo através de segmentos deixa transparecer a influência das teorias linguísticas amparadas em concepções estruturalistas fortemente predominantes na década de 50 (16).

Desta forma, amparados nesta forte corrente estruturalista, os estudos da época incorporaram um "ver" e um "tratar" sobre a fala do fissurado, através das unidades linguísticas que, quando alteradas, comprometeriam o próprio sistema. Já o estatuto do simbólico, do relacional, do sistema e valor, pedra de toque do programa saussureano, é negligenciado pelo apelo à desarticulação entre as unidades do sistema e por um comprometimento behaviorista inexistente em Saussure.

Se por um lado parece ter havido um aproveitamento parcial (e até um tanto errôneo) do programa saussureano, por outro lado, após a redução em unidades, observa-se também uma segunda redução das unidades a um "corpus" como instrumento de análise, com a utilização

(16) Ao tratar a língua como um sistema componencial, de unidades isoláveis, vê-se claramente a incorporação do programa saussureano em vigência desde 1916 , onde tanto a componencialidade - recortes do conjunto de fenômenos da linguagem - quanto o valor relativo das unidades linguísticas internas ao próprio sistema - poderiam garantir a homogeneidade da língua.

de critérios limitados e bem precisos, e operações de segmentação e classificação a partir de generalizações indutivas das regularidades que se estabeleceram por análises sistemáticas das ocorrências (17).

Assim, no estudo de MC WILLIAMS e nos que se seguiram a ele, vemos um "aproveitamento" em recortes de linhas teóricas predominantes nos anos 50. Este "aproveitamento" é uma condição que posso dizer até saudável (como fonte para estudos e prática clínica das alterações na linguagem) como também necessária (por se tratar da linguagem). Portanto, tanto para um bom estudioso como para um bom clínico, é condição "sine qua non" estar revendo constantemente estes recortes, em compatibilidade com o modelo clínico que adota, condição esta de um "saber interdisciplinar" necessário.

(17) Nesta segunda redução transparece a fundamentação nos princípios behavioristas bloomfieldianos, que expandindo-se desde a década de 30 tornou-se bastante conveniente para o domínio de investigações controladas nos procedimentos de análise (como bem comentada em FRANCHI, 1977).

Entretanto, no que se refere aos estudos sobre a inteligibilidade da fala em fissurados, observa-se que os recortes da(s) linha(s) teórica(s) que prevaleceram nos anos 50 continuaram inalterados ao longo do tempo, a despeito das novas concepções de linguagem, ou das próprias reformulações que passaram no interior dessas mesmas linhas. Como uma das consequências de um posicionamento interdisciplinar estagnado, observa-se um silêncio no enfoque da inteligibilidade como objeto de estudo a partir da década de 80.

Retomo esta discussão posteriormente ; por ora, é importante ressaltar que a "reviravolta" iniciada em MC WILLIAMS (1954 ou antes), provocou um grande interesse nos estudos subsequentes pela pesquisa dos componentes da fala que poderiam prover justificativas para as medidas da inteligibilidade nos indivíduos fissurados.

Assim sucederam-na, nesta mesma década, os estudos de FALCK, 1955; COUNIHAN, 1956; BZOCH, 1956; SUBTELNY e SUBTELNY, 1959, os quais adotaram basicamente os mesmos princípios metodológicos de MC WILLIAMS, com algumas variações somente quanto à coleta de dados e de análises.

Já nas décadas de 60 e 70, houve uma verdadeira "epidemia" destes estudos cada vez mais voltados para a identificação dos segmentos comprometidos nas unidades isoláveis da língua, como justificativa para a obtenção de parâmetros de inteligibilidade da população fissurada.

É interessante observar, aqui, que a mesma linha metodológica se inscreveu nos vários trabalhos sobre a fala do fissurado, mesmo quando a inteligibilidade não fazia parte do propósito do estudo (entre outros podemos citar o da própria MC WILLIAMS, 1958; JORDAN, 1960; MORRIS, 1961; MC DERMOTT, 1962; VAN DEMARK, 1969) como também nos estudos de outras patologias (ver citações na pag.58 deste capítulo).

3.2- O SILÊNCIO A PARTIR DOS ANOS 80

Entretanto, no início da década de 80 começa a ser observado um decréscimo significativo nos estudos sobre inteligibilidade em fissurados. Este decréscimo inicia-se com um desaparecimento gradativo da inteligibilidade como proposta central de estudo até chegar a um silêncio total, reaparecendo esporadicamente em alguns trabalhos pela inclusão de procedimentos com julgamentos de ouvintes.

Poder-se-ia pensar, à primeira vista, que o tema já estivesse tão bem explorado e esclarecido, que não seria mais necessário insistir em repetições redundantes, sendo agora incorporado na investigação de outros aspectos. No entanto, ao analisar os trabalhos como os de DALSTON (1983); MOLLER e STARR (1984); JONES e FOLKINS (1985); DALSTON e WARREN (1986); NELLS et al. (1992) e HARDIN (1992), dentre os poucos encontrados na literatura das últimas duas décadas que ainda mantêm o julgamento da fala por ouvintes, verifica-se que eles ainda o inclui apenas como medida comparativa para testar a eficácia de análises instrumentais ou de procedimentos interceptivos em sujeitos fissurados. Mesmo assim, aparecem alguns questionamentos dos autores nos julgamentos por ouvintes (como notas de rodapé) que, por serem subjetivos em relação às demais medidas, não podem ser considerados como válidos como resultado isolado das outras medidas objetivas, pois poderiam causar indicações errôneas nas condutas para as insuficiências velofaríngeas. Desta forma, num estudo comparativo entre o julgamento da fala por ouvintes e de medidas de pressão intra-oral, fluxo aéreo e resultados do Tonar II ("nasalance") DALSTON e WARREN (1986) indicaram que *"os mesmos resultados demonstrando uma perda na inteligibilidade relacionada a uma classificação de nasalidade moderada pelos ouvintes, pode incorrer em procedimentos interceptivos diferentes (cirúrgico ou terapêutico), sendo que estes poderiam ser somente determinados por avaliações objetivas"*. E acrescentam

(também como comentário de rodapé) que "em alguns casos o resultado pode ser inverso: enquanto as medidas objetivas indicam procedimentos cirúrgicos, o resultado acústico para o ouvinte pode ser considerado como uma fala normal, isto porque a performance da fala depende de um número de variáveis fisiológicas e não só da habilidade para um fechamento velofaríngeo durante a emissão de palavras simples" (Grifos meus).

Acrescento também as observações feitas no estudo de NELLS et al. (1992) onde foram comparados os resultados dos julgamentos por ouvintes com as medidas de nasalidade através da nasometria, ao comentarem sobre a diferença significativa encontrada entre as medidas (dos ouvintes e do nasômetro) : "essa diferença parece ser decorrente de um julgamento contaminado do ouvinte, devido à determinação de uma escala para o julgamento que o predispõe a ouvir criticamente a fala e a prever alguma alteração na amostra apresentada (...) e que este julgamento diverge da medida instrumental pois o nasômetro não sabe, de antemão, se vai estar medindo uma fala alterada ou não". (18)

(18) Veja como estes comentários já apontam para uma relação que só poderia ser justificada em situações discursivas : a "vontade de entender" do ouvinte, pela sua própria condição de juiz.

O que se observa, portanto, é que com o avanço tecnológico cada vez mais sofisticado, os componentes da fala foram sendo objetivados em partículas quase atomizadas, resultando num processo de anulação da participação do ouvinte (pelos procedimentos tradicionais), pela própria condição subjetiva da percepção auditiva humana e que para estes procedimentos é nela que consiste o conceito de inteligibilidade. Na verdade, o que se constata é que começa a ser revelada uma crise dos modelos teóricos que explicam a inteligibilidade através das tradicionais medidas (sem no entanto surgirem propostas alternativas), que se tornaram incompatíveis com os atuais procedimentos de avaliação instrumental da nasalidade, da pressão e fluxo aéreo oral e nasal e da instrumentação para medidas do tipo e grau de fechamento velofaríngeo.

Sem dúvida, este avanço tecnológico tornou-se imprescindível na determinação das condições orgânicas, pela possibilidade de se estarem provendo condutas interceptivas mais precisas buscando uma melhor integridade das condições fisiológicas nos sujeitos fissurados. Por outro lado, a insistência em procedimentos de análise da fala ancorados em princípios metodológicos de décadas anteriores (e diga-se

há quase um século) produziu uma conseqüente incompatibilidade entre ambos, resultando uma exclusão da inteligibilidade como estudo, ou como objeto central ou como parte de outro, nos dias atuais.

Não seria pois, o momento (instância até um tanto tardia ao meu ver) de se estar revendo o estatuto do conceito de inteligibilidade, já que ela é o "produto" a ser atingido nos processos fonoterapêuticos em fissurados ? E, como conseqüência, não se tornaria essencial uma revisão dos conceitos teóricos que regem as posições de falante/ouvinte (implícitos numa concepção de linguagem) como pressuposto para voltar a enxergar a inteligibilidade, ao contrário de excluí-la como estudo ?

É este o caminho que venho traçando para uma compreensão da inteligibilidade nos meus estudos e na minha prática com estes sujeitos, resultando ora numa sensação de estabilidade, ora numa retomada e revisão dos princípios que considerava estáveis, provocando um processo de METAMORFOSE constante (ou "ambulante", como diria o compositor). Por isto considereei primordial estar gastando tantas linhas

nestas revisões por fazerem parte da minha própria história de aprendizagem, instabilidade e reformulações, a qual resultou num processo de mudanças e na minha (19) atual posição (a qual também considero passível de transformações futuras pelos mesmos processos).

Assim exposto, posso agora reunir os meus comentários que se seguem nas sessões 4 e 5 deste capítulo.

(19) O pronome utilizado na primeira pessoa também aqui foi proposital, e não como uma preferência de estilo. Mais uma vez ele reflete este trabalho de reflexão pelo qual tenho me submetido, como produto de interações produtivas e construtivas da minha vivência há 14 anos com sujeitos fissurado e com as concepções de linguagem.

4. CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A LINGUAGEM NOS PROCEDIMENTOS TRADICIONAIS

Nesta sessão, minhas notas de rodapé e meus grifos ao longo das sessões 2 e 3 acima, serão condensadas de maneira mais integrada. No decorrer das exposições dos procedimentos para as medidas de inteligibilidade em indivíduos fissurados, situadas em suas tradições e historicidade, procurei estar delineando alguns pontos críticos - traduzidos pelos meus grifos, notas de rodapé e comentários - os quais pretendo retomá-los aqui, discutindo-os como suporte para a posição que tomei frente a um estatuto de inteligibilidade conferida em seus compromissos com concepções de linguagem para resguardá-las em procedimentos clínicos.

Volto a afirmar (até como um "pressuposto" de isenção) que a minha posição aqui não tem o propósito de discutir questões de ordem epistemológica nas concepções de linguagem, pelo próprio caráter ético e de formação disciplinar. Muito menos tem a intenção de estar sugerindo procedimentos ou técnicas terapêuticas como "salvação" para terapias com indivíduos que apresentam condições orgânicas insatisfatória ou um mal funcionamento dos órgãos fonoarticulatórios mesmo após procedimentos interceptivos.

Estas condições podem e devem ser buscadas, para favorecer o organismo para produções mais satisfatórias.

No entanto, a população-alvo neste estudo é aquela que, embora submetida a intervenções, ou foram realizadas tardiamente, ou foram abordadas de maneira inadequada, causando sequelas muitas vezes irreversíveis na fala destes indivíduos.

Assim, buscar a inteligibilidade com visões complementares às existentes pode prover a estes indivíduos recursos comunicativos outros que não estejam voltados somente ao orgânico e ao segmento comprometido de suas falas, mas sim na linguagem, pela noção de compreensão transferida para o conceito de inteligibilidade.

No entanto, os pontos de intersecção interdisciplinar ao se buscar na linguagem os problemas da linguagem (e o inverso também pode ser verdadeiro), faz com que se traga à tona as bases que regem o lugar comum dessas disciplinas, para um melhor entendimento destas questões.

Historicamente, vimos que os procedimentos metodológicos tradicionais para análise e descrição da inteligibilidade em fessurados tiveram intersecções de linhas teóricas inscritas em concepções estruturalistas sobre a linguagem : uma, pela sistematização da língua que exige recorrência e regularidade convencional, excluindo categorias e operações de sistemas exteriores (sociais,

psicológicos e físicos) e outra, que reduz o fenômeno da linguagem a resultados de experimentação sobre dados metrificados.

Convém, pois, identificar as posições destas linhas teóricas, como tarefa básica para uma melhor orientação às minhas críticas aos procedimentos tradicionais e às minhas propostas de "olhares alternativos" para as questões de inteligibilidade em fissurados.

O estruturalismo saussureano e o behaviorismo como fontes metodológicas

Como pôde ser visto nas sessões 2 e 3 deste Capítulo, as questões sobre inteligibilidade vêm sendo tratadas como sendo produto exclusivo de alterações fonéticas nos indivíduos fissurados, o que a traduz como sendo um produto de cada segmento isolado, e que pela somatória das "inteligibilidades" pode-se definir o todo. Donde se infere que os procedimentos tradicionais assumem uma posição a propósito da língua(gem) como um sistema componencial, de unidades isoláveis, discretas com valores fixos em termos semânticos e discursivos.

Esta inferência baseada na forma de tratamento dos dados reflete um compromisso empobrecido e, muitas vezes, equivocado, com uma das correntes do estruturalismo saussureano considerado como uma concepção de linguagem orientada pelo que Bakhtin (1988) chama de objetivismo abstrato o qual, entre outros paradoxos, é traduzido pela noção de corpus como prática reducionista com tendência a "reificar" a linguagem :

"Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços idênticos que são assim normativos para todas as enunciações - traços fonéticos, gramaticais e lexicais - que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. "

(Bakhtin, 1988 :77)

Acrescento também a visão crítica de Franchi (1977) ao fato de que o falante, nesta concepção estruturalista, comporta-se diante da linguagem como diante de algo instituído, pronto para ser utilizado:

"A concepção institucional da linguagem, em Saussure por exemplo, conduz a um esvaziamento da própria 'linguagem' e a um privilégio da noção de 'língua' como o conjunto das convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa 'faculdade' pelos indivíduos..."

(Franchi, 1977 : 9)

Visto sob a luz estruturalista (remetido a Saussure, porém empobrecido) como modelo de língua(gem), justifica-se assim que a inteligibilidade passou a ser assumida como produto da componencialidade do sistema, o qual resulta em procedimentos vinculados a uma suposição de unicidade - em produções de fones únicos intra e inter falantes - como a única garantia para a compreensão do ouvinte (como observado nas notas de rodapé (2), (10), (13), (14), (16) e nos meus grifos das páginas 54, 57, 62, 63, 66, 67, 69 e 70 deste Capítulo).

Por outro lado, há uma definição evidente de caráter "científico" nos procedimentos de análise da inteligibilidade, quando na possibilidade de medi-la numericamente. Observa-se então que esta abordagem psicométrica, alinhada a uma tradição da psicologia experimental na fundamentação behaviorista bloomfieldiana, traz à tona a questão de se transferir o conceito da própria linguagem a princípios metodológicos experimentais :

"(...) considerar a linguagem como uma entidade teórica desnecessária (como tradição behaviorista bloomfieldiana) ... nesse caso, tudo se reduziria a um 'corpus' para os instrumentos de análise ; a linguística, a um inventário e descrição de procedimentos de descoberta, utilizando - se critérios limitados e bem precisos; a gramática, à representação dos resultados obtidos via generalização indutiva a partir das regularidades estabelecidas na análise sistemática, estas às operações de segmentação e classificação (...) devemos evitar confundir o objeto, princípios e métodos da linguística (como teoria da linguagem) com tais procedimentos. "

(Franchi, 1977 : 9-10)

Há razões históricas que levaram o estruturalismo a um compromisso com o experimentalismo, razões estas que não me compete discutir. No entanto, suas implicações para o conceito de linguagem foi, além de torná-la uma "estrutura", esta também reduzida a "uma estrutura do comportamento", pelos princípios de Bloomfield (1933). Como uma posição assumida na década de 30, não se pode discutir o seu valor metodológico de instrumentação lógica para as conquistas nas ciências humanas para a época.

Devido às próprias bases teóricas, ao generalizar por indução os resultados empíricos, justifica-se a necessidade de um "quantificar" dos procedimentos de análise da inteligibilidade em fissurados. No entanto, estas mesmas bases de suporte excluem (ou não lhes convém incluir) justificativas para variáveis que não podem ser mensuradas. Pudemos observar estes aspectos nas notas de rodapé (1), (4), (12), (15) e (17) e nos meus grifos nas páginas 42, 48 49, 62, 63, 65 e 69 deste Capítulo.

Não se trata aqui de estar discutindo os fundamentos desta ou daquela linha teórica a propósito da linguagem. Elas tiveram um lugar privilegiado como momento histórico no decorrer de elaborações de construtos teóricos, constituídos por princípios e por suas vertentes, ou pelas diversidades de princípios. No momento em que a fala (mais especificamente a inteligibilidade da fala) passou a ser o foco central de atenção nos estudos sobre fissurados, os

fundamentos estruturalistas eram as grandes revelações para os suportes teóricos metodológicos.

Porém, ao tornar-se uma tradição metodológica assumida ao longo das décadas nos estudos que se seguiram, parece ter havido uma dissolução das vertentes do conceito de linguagem no interior das disciplinas que se ocupam com os "desvios de padrões normais", criando um estado atual caótico, uma verdadeira "Torre de Babel". Isto pois, se, por um lado, tivemos grandes avanços tecnológicos para o diagnóstico orgânico, por outro lado, as bases de concepção de linguagem nos estudos correlatos parecem ter permanecido estagnadas no tempo, a despeito das próprias reformulações internas destes conceitos e o surgimento de novas propostas teóricas.

5. DAS CONSEQUÊNCIAS DA TRADIÇÃO METODOLÓGICA A UM OLHAR ALTERNATIVO PARA A INTELIGIBILIDADE EM FISSURADOS

Sob a luz da tradição metodológica, a inteligibilidade no fissurado poderia, então, somente ser estabelecida por uma fala que seria ou não entendida quando produzida obedecendo às leis unificadas de produção e às leis unificadas também de recepção ?

A minha primeira crítica é reiterada numa contra-
posição na qual não me parece que os elementos segmentais
sejam fixos nem sequer no falante normal (Saporta, 1961) e
portanto também não os seriam num mesmo falante fissurado,
ou de um falante para outro. Medir então a inteligibilidade
supondo-se fonos únicos apresentados em recortes de produção
e congelados temporalmente representa uma lacuna
irrecuperável nestes procedimentos. A validade das medidas
de inteligibilidade foi levantada inclusive por
Spriestersbach (1968), intenso pesquisador da fala de
fissurados e adepto aos procedimentos tradicionais, quando
não as considerou como totalmente fidedignas devido às
variáveis de produção de um mesmo som por um mesmo falante,
quando em contextos fonêmicos diferentes.

Em contra-partida, torna-se também questionável o
estatuto do ouvinte como receptor de fala, na categoria de
juiz, como o de uma máquina objetiva de registro acústico.
Dada a subjetividade dos processos de recepção auditiva da
fala, resultando em diferenças perceptuais de um som de um
mesmo falante em diferentes ouvintes (Saporta, 1961) e das
variações fônicas de produção, põe-se em jogo o estatuto
objetivo do receptor na categoria de avaliador de
inteligibilidade.

Por outro lado, mesmo considerando a dicotomia
falante/ouvinte vinculada à concepções estruturalistas, os

próprios estudos nessa linha revelam um ponto conflitante que altera a neutralidade contextual da recepção do ouvinte/juiz: o ouvinte que consegue compreender que a fala do outro é inteligível ou não, que dá determinados graus de inteligibilidade ou a mensura, na verdade ele (o ouvinte) não estaria tão ausente da interlocução no exato momento em que se coloca no papel de "juiz". Enquanto tal, ele se permite a uma "vontade de entender" àquela fala. Nells et al. (1992) já questiona os seus resultados das medidas entre o julgamento dos ouvintes e avaliações instrumentais, pela *"predisposição do juiz a ouvir criticamente uma fala e a prever algum tipo de alteração"*. Portanto, o que se conclui é que esses graus de inteligibilidade que os ouvintes/juizes demonstram ter podem, de fato, não ser tão inteligíveis assim (ou vice-versa).

No entanto, um olhar alternativo assim só se faz se o foco para a linguagem tiver um lugar delineado pela interlocução, entendida como espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos (cf., entre outros, Geraldi, 1991) e esta "vontade de entender" transfere a neutralidade do ouvinte para um papel interlocutivo, dando a ele um estatuto semelhante ao que lhe confere quando se considera a contextualização, o tipo de assunto, o jogo de imagens envolvidos na conversação e na construção de sentidos :

"(...) o papel dos acontecimentos prévios partilhados que se manifestam (..) permitem um alto grau de implicitude na conversação. Ao lado destes acontecimentos, temos ainda as convenções sociais, as normas culturais e as imagens mútuas que as pessoas fazem umas das outras influenciando nos processos inferenciais e construção de informações. "

(Marcuschi, 1986: 80 - Grifos meus)

Retorno aos procedimentos tradicionais : por considerarem a língua um "código", supõem que o falante dele se apropria num processo de "codificação" por este e de "decodificação" pelo ouvinte. E é por este processo que os procedimentos esperam que o ouvinte interprete a fala que lhe é apresentada. Assim, se um (o falante fissurado) não tiver acesso adequado a esse código, o outro (o ouvinte) irá decodificá-lo (neste caso o código, e não o falante) de forma também inadequada em consequência do primeiro. Desta forma não haveria realmente um espaço para relações intersubjetivas que envolvem as questões do interesse de ouvir e entender do interlocutor.

Mesmo sem a mínima pretensão de considerar as relações intersubjetivas dos interlocutores nos procedimentos tradicionais, a própria condição de "juiz" já o faz (mesmo à revelia metodológica). Explico : é interessante pensar nesta posição de juiz, que por metáfora vou considerá-lo como um leitor de um texto escrito,

admitindo porém a noção de texto como "*o produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém*" (Geraldi, 1991), e que resulta numa compreensão deste produto, e não em um reconhecimento de um sentido que lhe seria imanentemente único : "*o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis*" (Authier-Revuz, 1982:10). Assim, por analogia, o "juiz da inteligibilidade do fissurado" (o leitor) quando diante de uma "amostra de fala gravada" (o texto), ambos não se encontram em posições desvinculadas : é para o outro que se produz o texto, e este "*inevitavelmente tem um significado, construído na produção e na leitura, resultado das múltiplas estratégias possíveis de interpretação compartilhadas por uma comunidade linguística, a que apelam tanto o autor quanto o leitor.*" (Geraldi, 1991:104, grifos meus)

O que os procedimentos não previam (e não lhes convém) é que o ouvinte, exatamente por ser colocado na posição de "juiz" acaba por compartilhar na construção do significado e do processo de compreensão, como o leitor, que mesmo distante do momento da produção, é um co-produtor de sentido pelas situações dialógicas interpretativas ilimitadas permitidas à produção.

Pela forma como a inteligibilidade é tratada, os procedimentos parecem desconsiderar que numa conversação efetiva (e aqui leia-se inteligibilidade = compreensão), o princípio de cooperação está presente (Grice, 1975) e portanto o ouvinte não está na posição de receptor/avaliador, mas de "co-enunciador". As intenções de quem fala, tanto quanto as expectativas de quem ouve, e a compreensão por parte de ambos dos objetivos sociais imediatos e mediatos, abalam o papel contra-posto do ouvinte como decodificador, pela sua cooperação responsiva, garantia de continuidade ou não do sentido, de acordo com a situação estabelecida.

Considerado como "co-enunciador", há de se considerá-lo também como "produtor" de inteligibilidade a partir de suas contra-palavras (Bakhtin, 1988). Isto faz com que novamente tenhamos que transferir a noção de inteligibilidade a nível do segmento de produção para o nível de compreensão :

"Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela (...) a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas (...) Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra"

(Bakhtin, 1988: 131-132 ; Grifos meus)

Assim torna-se cada vez mais evidente que a compreensão da fala do outro, como também o fazer-se compreender pelo outro só pode ser realizado sob a forma do diálogo. Senão, seria crer que a significação pertenceria a uma palavra enquanto palavra, sempre estável e idêntica :

"Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva"

(Bakhtin, p. 132)

Não é o fato aqui de se estar ignorando a produção. Seria inocente demais se estivesse sugerindo que a partir do momento em que as interações as quais participamos passariam a ser tão suficientes em si como produtoras de inteligibilidade, capazes de superar os efeitos da produção (e principalmente com indivíduos fissurados, pois seria aí o fato de negar a própria fissura). No entanto, o que os procedimentos tradicionais parecem considerar (e aí tem-se o extremo oposto do que citei acima), são os efeitos unicamente da produção segmental. Os processos do tipo supra segmentais e entonacionais não considerados como relevantes nos procedimentos ou observados como exercício de variáveis de resultados (como na nota de rodapé 13), na verdade e ao meu ver, fazem do ouvinte também aquele que, acompanhando a fala do outro, traz contra-palavras e vai interpretando-a de um modo ou de outro, e vai compreendendo, por vezes não percebendo os problemas orgânicos. Suas produções, quando alteradas, podem sim comprometer a recepção pelo seu

interlocutor. No entanto, a compreensão pode ser negociada, mesmo na presença de uma produção "comprometida", quando se está em processo de compreender :

"A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma fiação elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) ... é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente."

(Bakhtin, p. 132)

Reportado ao fissurado, isto quer dizer que pode haver inteligibilidade a nível discursivo, pragmático, sem ignorar que a nível morfológico o sujeito pode apresentar problemas. O que vale aqui é que o ouvinte participa e auxilia na construção da inteligibilidade.

Contudo, estas considerações têm implicações inerentes à própria interação humana. Ao sublinhar a afirmação de Bakhtin em "quando se está em processo de compreender", inevitavelmente carrego com ela uma aceitação de sua negativa : concebo que possam existir situações em que o compromisso de se comunicar queira ser evitado. Watzlawick (1985), ao analisar o "esquisofrenês" como uma comunicação patológica, ressalva que em qualquer outra situação em que um indivíduo queira evitar a comunicação ou

então se vê obrigado a se comunicar, podem ocorrer possíveis reações como a de "rejeição" da comunicação (ao se declarar ao interlocutor que não está "com vontade" de se comunicar naquele momento), a de "aceitação" da comunicação (cedendo às iniciativas do interlocutor, porém contra a sua vontade), ou então a de "desqualificação" da comunicação (usando declarações contraditórias, incoerências, mudanças bruscas de assunto, frases incompletas, etc, na intenção de afastar o seu interlocutor). O que decorre destas situações em que o indivíduo por estar "sem vontade" de se comunicar, qualquer tentativa de compreender a fala do outro poderá ser evitada, como também poderá evitar que seja compreendido .

Mesmo não deixando de ocorrer uma relação interlocutiva nestas situações (muito embora improdutiva), se o interlocutor apreende a atitude de negativa do indivíduo, colocar-se-á então na mesma posição, isto é, evitará uma provável situação de comunicação sem que isto recaia em sentimentos de não eficiência pela sua fala ou em si mesmo. Deste modo, a comunicação provavelmente será interrompida, salvo exceções (as quais acredito que todos nós já tenhamos vivenciado em que o nosso interlocutor ocasional não percebe a nossa atitude "não comunicativa". No mínimo o consideramos inconveniente !)

Da mesma forma com que se admite que possa haver "negativas" de comunicação numa relação interlocutiva normal, admite-se também que durante uma conversação podem

ocorrer rupturas do tópico em curso, com retomadas posteriores a ele sem haver prejuízo na coerência, como são assim caracterizadas as digressões (Dascal & Katriel, 1979), desempenhando funções de regulamentação e de sustentação da conversação. Para os autores, existem três tipos principais de digressões : a) baseadas no enunciado; b) seqüências inseridas; e c) baseadas na interação.

Koch (1990) remete o conceito de digressão à mudanças na noção de tópico conversacional, pois na verdade:

"As digressões não só não prejudicam a coerência da conversação, como também contribuem para estabelecê-la (já que a coerência não está somente no texto, mas se constrói na interação entre o texto e seus usuários em cada situação concreta de comunicação)"

(Koch, 1990 : 125)

Acrescenta também que o tópico conversacional é extremamente dinâmico e que de acordo com as intervenções dos interlocutores ele está sujeito a alterações e deslocamentos, os quais seriam muitas vezes necessários por ser a conversação uma atividade de co-produção discursiva onde o planejamento ocorre durante a própria situação.

O que ocorre é que tanto as situações de negativa de comunicação quanto as digressões , bem como outras situações discursivas como as formas de heterogeneidade enunciativas (Authier-Revuz, 1990), são normalmente aceitas como formas constitutivas do discurso e dos próprios

sujeitos. São normalmente aceitas pelas próprias imagens que os interlocutores fazem de si mesmos e de seus parceiros, imagem esta que reflete as suas posições de "falantes eficazes". Assim, embora possam existir assimetrias nos jogos de imagens entre os interlocutores, elas podem ser recuperadas, negociadas e simetrizadas no interior do próprio discurso, sabendo-se estar perante de "alguém com quem se possa negociar" ao nível discursivo.

Estas imagens nem sempre estão presentes no falante fissurado e em seus interlocutores, levando a consequências nas negociações de sentido, as quais se normalmente ocorrem em qualquer outra situação, podem deixar de ser efetivada pelas condições impostas de "anormalidades".

Desta forma, analisar estas situações parece consistir em tarefa básica para um melhor entendimento da inteligibilidade nos sujeitos fissurados, não somente como observação de ocorrências, mas principalmente pela possibilidade de se estar provendo caminhos alternativos na busca da compreensão discursiva nestes falantes. É o que me proponho no Capítulo III deste trabalho.

6. NOTAS DO CAPÍTULO II

NOTA ÚNICA : Propositamente as notas deste Capítulo foram incluídas em rodapés no decorrer do trabalho, visto que as questões que nelas levanto são colocadas de forma literalmente marginal nos trabalhos tradicionais. Aqui, ao contrário, os rodapés deste Capítulo pretendem traduzir, em seus comentários, os caminhos e reflexões que tenho delineado para propor um olhar complementar na inteligibilidade em fissurados. Peço desculpas ao leitor, porém este foi um resgate necessário, como uma das formas de se estar demonstrando que o lugar em que coloco as minhas questões é aquele que geralmente não é privilegiado como foco.

CAPÍTULO III

OS PESOS

"EU ME RESPONSABILIZO POR AQUILO QUE
EU FALO E NÃO POR AQUILO QUE ME
ENTENDEM"

(saber youngiano) .

CAPÍTULO III

OS PESOS

1. INTRODUÇÃO

São dois conjuntos de dados que apresento neste trabalho:

a) Analiso primeiramente a fala de 2 sujeitos fissurados pelos procedimentos tradicionais : são realizadas avaliações para a obtenção do tipo e grau de suas insuficiências velofaríngeas, através da nasofaringoscopia, videofluoroscopia e medidas aerodinâmicas. Os dois sujeitos foram submetidos também a avaliações fonoarticulatórias para verificação de suas condições orgânicas e de funcionamento dos órgãos articuladores e para a determinação e caracterização das alterações articulatórias e de ressonância que apresentam. A seguir, determinei as medidas

de inteligibilidade de suas falas, seguindo os modelos dos procedimentos tradicionais sugeridos no Capítulo II.

b) Num segundo momento, analiso os mesmos enunciados do teste de inteligibilidade, em recorte das situações discursivas em que os sujeitos participaram, cada um com 3 interlocutores diferentes.

O objetivo destas duas formas de análise foi o de reunir dados para a construção de um conjunto de princípios explicativos e diferenciados para o meu raciocínio, que pudessem permitir que as pressuposições que fiz até aqui fossem colocadas na balança. Se por um lado questiono a validade das medidas, meço-as nos dois sujeitos; por outro lado, se levanto propostas complementares às existentes, analiso os dados por esta perspectiva. Desta forma posso então colocar estes dois conjuntos, um em cada lado da balança, para confrontá-los em seus pesos.

Na balança coloco também outros dois pesos : as duas linhas de raciocínio que desenvolvo para chegar a um resultado. De um lado eu tenho dados empíricos (as medidas e as situações discursivas), dados estes indutivos; e tenho a dedução no outro lado, baseada em uma teoria da linguagem com suportes em teoria dos processos conversacionais e que me remetem a uma teoria da construção da inteligibilidade em processos discursivos, porém sem

negar a existência de problemas no segmento. Desta forma, reúno a indução e a dedução ao mesmo tempo, e assim procuro desenvolver um raciocínio do tipo abduativo no sentido peirciano (Pierce, 1984 [1878]) para justificar minhas propostas.

Embora os dados que serão mostrados estão dispostos em recortes transversais, eles têm um caráter de estudo de caso, haja visto o acompanhamento que faço dos sujeitos durante os últimos 6 anos. As análises que faço são baseadas nos acontecimentos determinados pelas situações de amostragem, porém estão sempre remetidas a conhecimentos prévios partilhados com os sujeitos durante este período.

2. OS SUJEITOS E OS DADOS : A INTELIGIBILIDADE ESTÁ NA FALA OU NA LINGUAGEM ?

2.1. OS SUJEITOS

Selecionar os sujeitos para a coleta dos dados não foi inicialmente uma tarefa muito fácil. Dada a alta quantidade de pacientes em acompanhamento, incluir este e excluir outros poderia levar a somente exemplificações, caindo no "pecado" das generalizações. Resolvi abandonar a idéia de uma "macro-seleção" e determinar um sub-grupo em que eu pudesse selecionar os sujeitos por algumas pré-determinações :

- 1) Que tivessem o mesmo tipo de fissura de acordo com a classificação de Spina (1972);
- 2) Que tivessem procedimentos cirúrgicos já realizados;
- 3) Que tivessem idades superiores a 25 anos na época das gravações e avaliações;
- 4) Que tivessem condições orgânicas e funcionais não satisfatórias, mesmo após procedimentos interceptivos;
- 5) Que tivessem sido acompanhados, direta ou indiretamente por mim em seus processos terapêuticos;
- 6) Que tivessem segmentos comprometidos em suas falas mesmo após procedimentos terapêuticos;

- 7) Que residissem em Bauru, SP, tornando mais fácil o acesso ao HPRLLP para as avaliações necessárias;
- 8) Que se propusessem a colaborar com as gravações e com as avaliações propostas para este trabalho.

De acordo com os requisitos acima, foram eleitos dois sujeitos para este estudo:

O SUJEITO 1 :

M.G. (M.G.G.S.), sexo feminino, nascida em 21 de janeiro de 1960, procedente de Cláudia, MT. Portadora de fissura transforame incisivo unilateral à esquerda. Iniciou tratamento no HPRLLP - USP - Bauru, em 1979, aos 19 anos de idade, sendo que até este período não havia realizado nenhuma correção cirúrgica prévia: A paciente submeteu-se à cirurgia de lábio (queiloplastia à esquerda) em agosto de 79 e de palato (palatoplastia total) em dezembro do mesmo ano. Em julho de 1987 foi submetida à cirurgia de nariz (rinoseptoplastia) e fez cirurgia ortognática em maio de 1994.

Reside em Bauru desde 1985 para facilitar o acesso aos tratamentos complementares. Após a sua mudança, iniciou fonoterapia, permanecendo em tratamento durante cinco anos. Recebeu alta circunstancial no Setor de fonoaudiologia do HPRLLP por não haver evolução no quadro e atualmente aguarda

reprogramação cirúrgica (tem indicação para faringoplastia) para definição de novas condutas fonoaudiológicas.

M.G. cursou o primeiro grau e atualmente não está estudando. Trabalha como auxiliar de limpeza.

No início do tratamento, M.G. mostrava-se bastante retraída, não fazia amigos com facilidade, mantinha relações sociais bastante restritas e mostrava-se pouco comunicativa, Raramente iniciava situações de conversação, limitando-se a responder a questionamentos de seu interlocutor com respostas curtas acompanhadas de gestos indicativos (estas atitudes eram percebidas tanto nas sessões de fonoterapia como em situações extra terapêuticas). Com o decorrer do tratamento mostrou-se mais comunicativa, iniciando e mantendo conversação, começou a ampliar suas relações sociais participando de atividades comunitárias em igrejas, auxiliando na orientação e no acompanhamento às mães de pacientes que se hospedam na pensão onde trabalha.

É solteira e reside no próprio emprego.

O SUJEITO 2

L.A. (L.A.C.), sexo masculino, nascido em 20 de maio de 1964, procedente de Piraju, SP. Portador de fissura transforame incisivo unilateral à direita. Iniciou tratamento no HPRLLP em 1981, sendo que havia realizado cirurgia de lábio aos 50 dias e não era operado de palato.

Submeteu-se então à palatoplastia em 1983, aos 19 anos, realizando posteriormente as cirurgias ortognática aos 21 anos, faringoplastia aos 22 e rinoseptoplastia em 1991, aos 27 anos de idade.

L.A. residia em Piraju e após a cirurgia de palato foi encaminhado para fonoterapia em sua cidade. Iniciou o tratamento, porém abandonou-o após quatro meses, desmotivado com os poucos resultados e com a abordagem terapêutica que vinha sendo realizada (segundo relato do paciente).

Mudou-se para Bauru em 1985 e aguardamos as cirurgias programadas (ortognática e faringoplastia) para reiniciarmos o tratamento fonoterápico, pois apresentava um grave comprometimento oclusal e uma insuficiência velofaríngea. Com esta conduta, estivemos em fonoterapia no período de fevereiro de 1987 a julho de 1991, recebendo alta no Setor neste período por encontrar-se satisfeito com sua fala.

L.A. tem o segundo grau incompleto. Não estuda atualmente. Na época em que se mudou para Bauru, começou a trabalhar como empacotador de uma rede de supermercados desta cidade. No ano seguinte, foi transferido para o setor administrativo como "office boy". Continuou na empresa ascendendo em cargos administrativos, e em 1989 prestou concurso interno para gerente de compras desta rede de supermercados, não conseguindo o cargo. Após o concurso, o gerente regional da rede solicitou uma entrevista comigo, relatando que L.A. não havia sido admitido ao cargo pois os

membros responsáveis pela seleção dos candidatos rezearam que ele não desempenharia bem a função devido à fissura, embora tivesse sido aprovado durante o concurso. O gerente solicitou esclarecimentos sobre as condições de fala de L.A., e no semestre seguinte o cargo na gerência de compras foi assumido por ele.

Permaneceu neste cargo até 1992, demitindo-se para assumir a representação de uma indústria de massas de Bauru.

Casou-se em 1992, não tem filhos e continua na mesma profissão.

2.2. AS MEDIDAS DOS SUJEITOS

As seguintes avaliações foram realizadas nos dois sujeitos:

a) Avaliação fono-articulatória: para verificação das condições anátomo-funcionais dos órgãos fonoarticulatórios e para a caracterização dos distúrbios de articulação e de ressonância presentes. (1)

b) Avaliações velofaríngeas: para verificação das condições orgânicas e de funcionamento da válvula velofaríngea, e para determinação das medidas da área e quantificação do gap velofaríngeo. As avaliações velofaríngeas foram realizadas através de nasofaringoscopia, de videofluoroscopia e de medidas aerodinâmicas. (2)

c) Medidas de inteligibilidade: para determinação dos scores de inteligibilidade de fala dos sujeitos. (3)

2.2.1. AS MEDIDAS DO SUJEITO 1 (M.G)

a) Resultados da avaliação fonoarticulatória do sujeito 1

M.G. apresenta um palato curto em extensão, com boa elevação, porém o gap é visível na porção oral.

Os órgãos fono-articulatórios apresentam-se sem alterações praxicas, porém limitados nas regiões cicatriciais do lábio e do palato.

Apresenta voz hipernasal, com resultados positivos nos testes de ressonância (teste "cul-de-sac") e de escape de ar nasal nas atividades de sopro e fala (teste "do espelho").

Na articulação, apresenta substituição assistemática de /k/ e /g/ por golpe de glote; substituição assistemática de /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ por fricativa faríngea; coarticulação com golpe de glote sistematicamente em /t/ e /d/ e assistematicamente em /p/ e /b/.

b) Resultados das avaliações velofaríngeas sujeito 1

b.1. Nasofaringoscopia

A avaliação nasofaringoscópica demonstra que há ausência de movimentos do esfíncter velofaríngeo durante as emissões das fricativas /s/ e /ʃ/, sendo estes sons produzidos como fricativas faríngeas. Durante o sopro e emissão de /f/, a paciente realiza movimentos antagônicos da

musculatura de fechamento do esfíncter. Nas emissões de /a/ e /pa/, há a presença de movimentos do palato e das paredes laterais e posterior da faringe com formação de Anel de Passavant, porém permanecendo um gap médio circular nestas emissões, e um gap grande circular nas emissões de /i/ e /u/. Nos vocábulos orais e nas frases orais, há presença de gap grande e médio circular, que corresponde ao mesmo gap das vogais contidas neles.

b.2. Videofluoroscopia

A avaliação indireta da nasofaringe e da cavidade oral através de imagens radiográficas em sequência nas visões lateral, axial e basal mostra a presença de um gap médio a grande consistente no sopro e nas sílabas orais. Este gap permanece durante a produção de palavras, frases e fala espontânea. O resultado do exame é compatível com um quadro de insuficiência velofaríngea.

b.3. Medidas aerodinâmicas

A avaliação aerodinâmica mostra um traçado de pressão intra-oral sugestivo de produção articulatória com golpe de glote, secundária à insuficiência velofaríngea. Na presença de produção articulatória sem golpe de glote, os resultados são sugestivos de um quadro de insuficiência velofaríngea.

c) Resultados das medidas de inteligibilidade do sujeito 1

Três juízes ouviram os seguintes enunciados de M.G., os quais foram isolados das gravações realizadas em situações discursivas (o procedimento está descrito na nota 3 no final deste capítulo) :

E1 - Eu moro SI em Bauru SI aí eu tô aqui.

E2 - Cláudia. (SC)

E3 - Não, num pode enrolar num SI se enrolar aí...(SC)

E4 - Cabem umas dezesseis pessoas. E no chão vai dezenove pessoas ao todo. (SC)

E5 - Em Manaus, ã. E você estuda ? (SC)

Os três juízes foram orientados a escrever sobre o que ouviam dos enunciados, logo após a sua apresentação um a um. As transcrições feitas são as que se seguem no Quadro I e o total de acertos pelos juízes em cada enunciado está demonstrado do Quadro II:

QUADRO I : Transcrições dos juizes/ouvintes sobre os enunciados do sujeito 1

	JUIZ 1*	JUIZ 2*	JUIZ 3*
E1	de Santa Clara em Porto(Vista)Alegre	né
E2	casa
E3	Então né, onde eu morava	né...gente...né	não dá...né
E4	de dezesseis anos, dezenove	umas sete pessoas ...dezessete	umas três pessoas...uma de...e...
E5	Ah, é	ãh	ãh

* As transcrições foram transportadas para o quadro exatamente como foram escritas pelos juizes

QUADRO II - Total de unidades contidas em cada enunciado e o total de acertos pelos juizes do sujeito 1

	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MÉDIA
E1=08 unidades	0	0	0	0
E2=01 unidade	0	0	0	0
E3=08 unidades	0	0	0	0
E4=12 unidades	02	01	01	0,3
E5=06 unidades	0	01	01	0,3

Os percentuais de inteligibilidade de cada enunciado foram encontrados de acordo com a média obtida entre o número de palavras do enunciado e o número de acertos pelos juízes, como demonstra o Quadro III :

QUADRO III - Percentual de inteligibilidade nos enunciados do sujeito 1

	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MÉDIA
E1	0	0	0	0
E2	0	0	0	0
E3	0	0	0	0
E4	16,66%	8,33%	8,33%	11,10%
E5	0	16,66%	16,66%	11,10%

A média simples da porcentagem de acertos pelos juízes dos enunciados do sujeito 1 foi de 5,7% .

2.2.2. AS MEDIDAS DO SUJEITO 2 (L.A.)

a) Resultados da avaliação fonoarticulatória do sujeito 2

L.A apresenta um palato alongado com retalho faríngeo de pedículo superior, com movimentos de paredes laterais e posterior não observáveis na emissão de /a/ pela visão oral. Os orifícios da faringoplastia são largos e permeáveis.

Os órgãos fonoarticulatórios apresentam-se sem alterações práxicas e com pouca limitação nas áreas cicatriciais.

A voz apresenta-se com ressonância hipernasal leve, com resultado positivo no teste de ressonância "cul-de-sac". No teste do espelho, há ausência de escape de ar nasal nas emissões de /a/, /pa/ e /ka/. Nas demais emissões há presença de escape de ar nasal de forma consistente.

Na articulação, L.A. substitui /k/ por plosiva faríngea, /s/ e /z/ por fricativa faríngea, e faz a substituição de /g/ por /b/. Estas substituições ocorrem somente em fala espontânea, sendo que produz estas articulações de maneira correta quando em situações mais dirigidas.

b) Resultados das avaliações velofaríngeas do sujeito 2

b.1. Nasofaringoscopia

A avaliação nasofaringoscópica demonstra que há ausência de movimentos da área velofaríngea durante o sopro e as emissões prolongadas de /f/, /s/ e /ʃ/. Há fechamento total quando orientado a produzir /a/, /pa/ e /ka/. No entanto, ao produzir as vogais altas /i/ e /u/, há a presença de movimento do esfíncter, porém acima do nível do retalho faríngeo, permanecendo um gap médio nestas vogais. Ao produzir os vocábulos e as frases orais exigidas pelo protocolo do exame, os movimentos da área se fazem às custas dos movimentos das vogais.

Os resultados da nasofaringoscopia revelam um quadro de incompetência velofaríngea, caracterizado por uma função pobre desta região (Dalston, 1980).

b.2. Videofluoroscopia

Os resultados da avaliação velofaríngea através da videofluoroscopia mostram-se compatíveis com os resultados da nasofaringoscopia, sendo possível observar a diferença entre a altura do posicionamento do retalho da parede posterior da faringe e o nível de constrição do anel

velofaríngeo. Na fala espontânea há fechamento do esfíncter quando nas emissões que contém os sons /a/, /ka/ e /pa/.

Os resultados do exame confirmam o quadro de incompetência velofaríngea.

b.3. Medidas aerodinâmicas

As avaliações aerodinâmicas mostram um traçado de pressão intra-oral com as seguintes características : há função velofaríngea normal na emissão isolada de /pa/; quando em repetição da sílaba (/papapa/), a função torna-se adequada a marginal; e quando a sílaba é emitida após sílaba nasal, há presença de função inadequada no /pa/ em "rampa".

Os resultados são sugestivos de inadequação velofaríngea.

c) Resultados das medidas de inteligibilidade do sujeito 2

Os mesmos três juízes do sujeito 1 ouviram os seguintes enunciados de L.A. seguindo os mesmos procedimentos descritos na nota (3)- deste capítulo e que foram selecionados das situações discursivas em que participou com seus interlocutores :

E'1 - É, tem que ir devagar, né ?

E'2 - A mesma linha da Mezzani.

E'3 - É, e no dia a dia você acaba esquecendo, né ?

E'4 - Vendas SI na pronta entrega. Vou fazer um comercial aqui.

E'5 - É, então tá mais fácil agora, né ?

As transcrições dos juízes/ouvintes e o número de acertos dos enunciados do sujeito 2 estão demonstrados nos Quadros IV e V que se seguem :

QUADRO IV - Transcrições dos juízes/ouvintes sobre os enunciados do sujeito 2

	JUIZ 1*	JUIZ 2*	JUIZ 3*
E'1	É melhor, né, é	É melhor, né ?	É
E'2	Eu trabalhei na Mezani	...massas...	...interessante
E'3	E no dia a dia você acaba sendo	No dia a dia você acaba...(sendo ?)	No outro dia ...sendo
E'4	Pronta entrega	Pronta entrega... comercial	Pronta entrega
E'5	Ficou mais fácil agora

* As transcrições foram transportadas ao quadro exatamente como escritas pelos juízes

QUADRO V - Total de unidades contidas em cada enunciado e o total de acertos pelos juizes do sujeito 2

	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MÉDIA
E'1=06 unidades	02	02	01	1,6
E'2=05 unidades	01	0	0	0,2
E'3=10 unidades	07	06	02	2,0
E'4=09 unidades	02	03	02	0,8
E'5=07 unidades	03	0	0	0,42

Os percentuais de inteligibilidade do sujeito 2 foram encontrados seguindo os procedimentos realizados para o sujeito 1, e estão demonstrados no Quadro VI :

QUADRO VI - Percentual de inteligibilidade nos enunciados do sujeito 2

	JUIZ 1	JUIZ 2	JUIZ 3	MÉDIA
E'1	33,3%	33,3%	33,3%	27,73%
E'2	20%	0	0	6,6%
E'3	70%	60%	20%	50%
E'4	22,2%	33,3%	22,2%	25,9%
E'5	42,8%	0	0	14,26%

A média simples da porcentagem de acertos pelos juizes dos enunciados do sujeito 2 foi de 27,9% .

2.3. AS SITUAÇÕES DISCURSIVAS DOS SUJEITOS

O material coletado aqui teve como princípio trazer dados para a análises dos recursos discursivos que pudessem ocorrer entre os sujeitos e seus interlocutores e das formas como eles buscaram uma maior ou menor compreensão determinada circunstancialmente. Este material não tem o caráter de amostra ou de "enunciado-type", porém ele também não pode ser considerado como uma situação discursiva natural, considerando-se os efeitos da anti-naturalidade própria de uma gravação. Além disto ele pode oferecer somente fragmentos de situações cotidianas mais amplas e mais espontâneas.

Para as análises foram utilizados os dados de três entrevistas de cada um dos sujeitos fissurados com três interlocutores diferentes, gravadas em vídeo tape. Para tentar manter a espontaneidade, os participantes foram orientados somente para-"sentar e conversar, para que um conhecesse melhor o outro".

No entanto, para que fosse possível a indução de possíveis ocorrências pelas diferentes situações discursivas, os participantes das entrevistas foram previamente determinados num agrupamento como estes que se seguem :

1- Sujeito fissurado e interlocutor leigo e não fissurado (sem experiência em fala de fissurado e sem contato prévio com o sujeito);

2- Sujeito fissurado e interlocutor não leigo e não fissurado (com experiência com fala de fissurado e com contato prévio com o sujeito);

3- Sujeito fissurado e interlocutor também fissurado (sem contato prévio com o sujeito).

As transcrições das entrevistas estão mostradas em sua íntegra nos Anexos 1 e 2 deste trabalho.

Após cada entrevista, as impressões e comentários dos participantes foram recolhidos individualmente, com o objetivo de fornecerem informações adicionais e de minimizarem as possíveis inferências nas análises.

2.3.1. Os interlocutores do sujeito 1

Para as entrevistas com o sujeito 1 (M.G.), participaram como seus interlocutores :

. Na situação discursiva 1 : (R.H.T.), 25 anos, sexo masculino, nível universitário incompleto. Profissão : programador em computação.

. Na situação discursiva 2 : (M.C.Z.V.), 35 anos, sexo feminino, nível universitário completo. Profissão : fonoaudióloga há 15 anos no H.P.R.L.L.P., USP, Bauru, e terapeuta de M.G. durante 05 anos.

. Na situação discursiva 3 : (J.C.), 19 anos, sexo masculino, segundo grau incompleto. Profissão : bancário. Fissurado (fissura transforame incisivo unilateral à esquerda). Operado de lábio em Manaus quando criança e de palato em Bauru aos 16 anos de idade. Apresenta insuficiência velofaríngea, com palato bastante curto. Sua fala apresenta articulações compensatórias e hipernasalidade vocal acentuada. Nunca fez fonoterapia. Estava hospitalizado no período da gravação, tendo sido submetido à rinoseptoplastia.

2.3.2. Os interlocutores do sujeito 2

Neste conjunto de entrevistas com o sujeito 2 (L.A.), participaram como seus interlocutores :

. Na situação discursiva 1' : (P.C.S.), 38 anos, sexo masculino, segundo grau completo. Profissão : industrial.

. Na situação discursiva 2' : (R.G.B.), 37 anos, sexo feminino, nível superior completo. Profissão : fonoaudióloga do H.P.R.L.L.P., USP, Bauru, há 14 anos, e terapeuta de L.A. durante 04 anos.

. Na situação discursiva 3' : (A.Y.K.), 31 anos, sexo masculino, nível superior completo. Profissão : bancário. Fissurado (fissura transforame incisivo unilateral à esquerda), operado de lábio aos 2 meses de idade e de palato por seis vezes em São Paulo. Apresenta insuficiência velofaríngea, com palato muito curto, sendo que sua fala é bastante comprometida por articulações compensatórias e hipernasalidade severa. Nunca fez fonoterapia. Estava internado no hospital no período da gravação, aguardando a realização de faringoplastia.

3. ULTRAPASSANDO OS LIMITES DO SEGMENTO : ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS RESULTADOS DAS MEDIDAS E DAS SITUAÇÕES DISCURSIVAS

Conforme exposto anteriormente, os sujeitos 1 e 2 foram submetidos a avaliações que caracterizaram o tipo e o grau de sua inadequações velofaríngeas e a procedimentos que determinaram a média percentual de suas inteligibilidades de acordo com os procedimentos tradicionalmente sugeridos. Com base nos resultados obtidos e as situações discursivas nas quais se encontraram, será feita uma comparação entre estes dois conjuntos de dados.

3.1. DO SUJEITO 1

As análises das avaliações realizadas em M.G. mostram que a paciente possui uma inadequação da área da velo-faringe decorrente de fissura lábio-palatina, caracterizada como uma insuficiência velofaríngea (Dalston, 1980), com prejuízos nas produções articulatórias e na ressonância vocal secundários ao quadro citado.

M.G. apresentou uma perda de 94,3% na inteligibilidade de sua fala, de acordo com o procedimento utilizado. Dos 05 enunciados apresentados aos ouvintes/juízes, 03 deles foram julgados como totalmente ininteligíveis e os outros 02 tiveram baixos percentuais de

inteligibilidades (como puderam ser verificados nos Quadros I, II e III deste Capítulo).

A análise do enunciado E1 ("Eu moro SI em Bauru SI aí eu tô aqui") mostra que o mesmo apresenta alterações em seus segmentos, como articulações com golpe de glote nas oclusivas orais e ressonância hipernasal em todas as vogais orais. Dois segmentos ininteligíveis foram produzidos, não sendo entendidos mesmo após várias repetições da gravação. O enunciado 1 foi julgado pelos ouvintes, apresentando a média 0 de inteligibilidade.

O enunciado E1 foi recortado (4) da situação discursiva 1 de M.G. com o interlocutor R.H.T., não familiarizado com a fala de fissurado. M.G. e R. tinham acabado de ser apresentados um ao outro, e R. inicia a conversação:

R: Cê mora aqui em Bauru ou não ?

M.G.: Eu moro SI em Bauru SI aí eu tô aqui.

R: É ? E faz tempo que você está aqui ?

M.G.: Faz. Já tem uns seis. (SC)

R: É ?

Observando agora o enunciado E1 inserido na sequência do diálogo em curso, vê-se que ele é a resposta de M.G. após o enunciado de R. que a questiona sobre o local de sua residência, o qual contém relevâncias focais em "Bauru"

e "não" que atrelam o enunciado seguinte, sem muitas opções na escolha para a elaboração da resposta de M.G. e para o entendimento de R. para ela. Desta forma, ele dá continuidade ao enunciado anterior de R. e fornece itens lexicais que aparecem como sinalizações ("em Bauru" e "aqui") para o desenvolvimento temático do turno seguinte. Assim, estes sinalizadores, nos enunciados de R. e de M.G. - as relevâncias focais nos tópicos conversacionais - que poderiam estar presentes em qualquer conversação em curso, já garantem em parte uma inferência na compreensão antecipada do turno de M.G. pelas possibilidades limitadas de respostas, mesmo na presença de segmentos comprometidos e ininteligíveis.

A diferença entre os scores de ininteligibilidade total obtidos através de procedimentos tradicionais e a inteligibilidade preservada na situação discursiva, é que nesta segunda a compreensão é assegurada por elementos discursivos da situação onde há a existência de encadeamentos coerentes (Franck, 1980 apud Koch, 1990), mesmo com problemas ao nível da produção dos segmentos, enquanto na primeira ela é o produto exclusivo da recepção do ouvinte dos sons produzidos.

A análise do enunciado E2 ("Cláudia") mostra que o segmento foi produzido com articulações glotais nos elementos silábicos e com hipernasalidade acentuada. Ao ser

julgado pelos ouvintes, suas transcrições mostraram que ele foi totalmente ininteligível.

O enunciado E2 foi recortado da mesma situação discursiva descrita no enunciado anterior, sendo a sequência do diálogo entre M.G. e R. :

R: Você é daonde você disse ?

M.G.: Do Mato Grosso SI

R: De qual cidade ?

M.G.: Cláudia (SC)

R.: ... (Pausa) Cláudia ? Ah, é ?

M.G.: Hum, hum... (com sinal afirmativo de cabeça)

Aparentemente, neste recorte, a conversação parece ocorrer sem rupturas e assimetrias e o enunciado E2 de M.G., quando inserido na sequência do tema, mostra ter sido compreendido pelo seu parceiro, apesar de conter elementos bastante comprometidos. No entanto iremos observar que a coerência e a continuidade no desenvolvimento temático se estabelece às custas de elementos que não aparecem no corpo concreto da enunciação, que são exteriores ao discurso e que garantem a sua compreensão. Isto porque, ao registrar as impressões dos interlocutores sobre o acontecimento discursivo, R. relata que não houve entendimento imediato do enunciado produzido por M.G. em E2, isto é, R. não entendeu o nome da cidade em que ela residia. Porém, relaciona o enunciado anterior ("do Mato Grosso") com a listagem das

idades deste Estado que possuem pacientes fissurados registrados no Hospital. Como esta é a sua função como programador do Hospital, associa por inferência o significado no enunciado de M.G. Daí a pausa precedente ao seu turno, que por sua vez se faz por uma interrogativa de asserção, como para certificar-se de seu acerto.

Estes dados são relatados pelo interlocutor, porém acrescento que para esta associação intuitiva de R., os aspectos prosódicos tornaram-se fontes fundamentais pois, na remessa à listagem das cidades, R. já faz uma pré-seleção daquelas que teriam uma estrutura métrica/acental semelhante ao enunciado de M.G., para selecionar, relacionar e aí compreender. É interessante pensar que estes aspectos encontram-se presentes nas relações discursivas com a criança fissurada e que eles poderiam justificar a escolha de padrões articulatórios alternativos em suas produções com maior frequência do que as produções com hipernasalidade somente, como garantia da construção da inteligibilidade (v. estudo de Bradford, 1987, comentado no capítulo I, p.32 deste trabalho). No adulto fissurado, entretanto, parece que as experiências vividas de situações de não compreensão faz com que haja a procura de outros recursos além deste, como que para evitar uma nova ocorrência da falta de entendimento. É o que acontece com M.G. que, ao ser indagada sobre a situação, relata que ficou surpresa com o entendimento de R. sobre o seu enunciado, pois geralmente vivencia situações inversas a esta. Por isso, sempre recorre

ao nome do Estado em que se localiza a sua cidade, por sentir que este é de maior conhecimento de seus interlocutores e por conter elementos sonoros mais facilmente reconhecidos.

O que faz do E2 um enunciado "inteligível" numa contraposição ao resultado de ininteligibilidade total pelas medidas, é a inscrição de um outro, que por um lado remete ao exterior do discurso na forma de heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 1990), porém não explícita e não especificada, e por outro lado, ao interior do próprio discurso inscrito por recursos prosódicos.

Esta inscrição de um outro reafirma o ponto de vista que a conversação é uma atividade de co-produção discursiva e localmente planejada, cujo grau de implitude é garantido por acontecimentos prévios partilhados e pelas imagens mútuas dos parceiros (Marcuschi, 1986) e o interlocutor não meramente como receptor, mas como co-enunciador (Grice, 1975) e como co-produtor de inteligibilidade (Bakhtin, 1988).

A análise do enunciado E3 de M.G. ("Não, num pode enrolar, num SI se enrolar aí SI . + SC") mostra que comprometimentos articulatórios e na qualidade de ressonância estão presentes da mesma forma que nos enunciados anteriores. Há dois segmentos que não foram reconhecidos durante a transcrição da fita. No teste de

inteligibilidade, nenhum dos juizes reconheceu nenhuma das palavras contidas no enunciado.

O recorte em que se encontra inserido, faz parte também da situação discursiva 1, de M.G. com R. quando indaga seu interlocutor sobre seu estado civil:

M.G.: E por que não casa, hem ? (SC)

R.: É porque tá difícil, mas eu tô tentando, né. A gente tem que ir guardando dinheiro, tem que dá um jeito, né?

M.G.: Não, num pode enrolar, num SI se enrolar aí SI
(SC)

R.: ...Fica chato, né ?

M.G.: É. (risos)

Mais uma vez pode-se observar neste recorte, a existência de encadeamentos coerentes entre os tópicos conversacionais e não há comprometimentos na intercompreensão dos parceiros. O mesmo não ocorre quando é deslocado da situação discursiva para o nível segmental, causando problemas na recepção do ouvinte por alterações na produção, por conta de unidades ininteligíveis e comprometidas que o enunciado contém. Se estas unidades têm proporções significativas na análise do enunciado, em contra-partida, na situação discursiva eles são ignorados pelo interlocutor, que desencadeia sua intervenção sobre o aspecto significativo essencial determinado pela contribuição anterior de M.G. ("enrolar"). R. retoma sua

fala com uma resposta complementar ao último segmento inteligível do enunciado de M.G., garantindo a coerência da conversação e demonstrando sua compreensão :

MG: ...se enrolar aí...

R: ...fica chato, né ?

As impressões dos parceiros da entrevista confirmam que o episódio foi simétrico e compreensível, e assim analisado contrapõe-se ao grau 0 de inteligibilidade obtido pelas medidas. A incompatibilidade entre as análises se deve à contextualização oferecida pela situação de discurso, que incorpora todas as condições de produção discursiva inclusive (e aqui, essencialmente) as relações entre os interlocutores, que assim provê a possibilidade do sujeito em co-orientar o discurso num processo de co-elaboração da significação. A situação decontextualizada das análises segmentais tira as possibilidades de mutualidade que só o diálogo oferece para uma inevitável busca de sentido, num processo de compreensão ativa e responsiva (Bakthin, 1988) entre os interlocutores.

A análise do enunciado E4 ("Cabem umas dezesseis pessoas - (SC). E no chão vai dezenove ao todo - (SC).) oferece outra oportunidade para analisarmos estas situações. Em sua produção, ele contém elementos bastante comprometidos, como articulações glotais nas sílabas

oclusivas e articulações faríngeas nas sílabas fricativas. Todo o segmento é marcado por uma ressonância hipernasal acentuada. Quando julgado pelos ouvintes no teste de inteligibilidade, embora algumas unidades de palavras tenham sido reconhecidas (como demonstra a média de 11,10% entre os juízes), estas unidades foram percebidas isoladamente, de forma fragmentada. Mesmo assim, os ouvintes ainda procuram colocar estas unidades dispostas na direção de sentidos e não apenas para demonstrar o que receberam acusticamente (que ao analisá-lo isoladamente percebe-se que ele está bastante comprometido em sua produção). Desta forma o Juiz 1 identifica as palavras "dezesesseis" e "dezenove" do enunciado, e insere-as num enunciado reconstruído por ele e que não corresponde àquele produzido por M.G.. Interessante observar esta tentativa de reconstruir ou inferir um sentido aos sinais acústicos recebidos nos Juízes 2 e 3 que percebem igualmente as palavras "umas" e "pessoas" no enunciado de M.G., mas que dão diferentes sentidos aos enunciados que tentam reconstruir.

Esta tentativa remete-nos a uma das críticas que desenvolvi sobre os procedimentos tradicionais neste trabalho quando, por metáfora, comparo a posição do ouvinte/juiz a de um leitor: "mesmo quando colocado no papel de "juiz", acaba por compartilhar na construção do significado e do processo de compreensão, como o leitor, que mesmo distante do momento da produção, é um co-produtor de

sentido pelas situações dialógicas interpretativas ilimitadas permitidas à produção." (capítulo II, p. 85-86)

Por outro lado, o enunciado E4 é um recorte da situação discursiva 2, no momento em que M.G. e sua terapeuta (C.) conversam sobre a pensão em que a paciente trabalha :

C. : É ? Quantos lugares tem, quantos leitos ?

M.G.: Tem dois quartos e, dois quartos e a sala e a cozinha, né ? E o banheiro. (SC)

C. : E nesses dois quartos, cabem quantas pessoas ?

M.G.: Cabem umas dezesseis pessoas (SC). E no chão vai dezenove ao todo. (SC)

C. : Dezenove pessoas ao todo ? Bastante gente, né ?

Novamente, são os tópicos conversacionais nos enunciados que os atrelam e orientam as intervenções de um e de outro parceiro. Não há ruptura na sequência do tema que poderia prejudicar a continuidade interacional, mesmo na presença de alterações segmentais. As entrevistas posteriores com os participantes da situação confirmam que esta foi uma relação simétrica e bem compreendida entre ambos.

Novamente também, é a atividade linguística contextualizada que leva a uma construção conjunta de sentido, por permitir que as relações entre os

interlocutores, seus conhecimentos partilhados, operem numa situação efetiva de discurso.

O enunciado E5, como os anteriores, também foi produzido com alterações de ressonância e de articulação. No teste de inteligibilidade, a média de acertos entre os juízes foi de 11,10%, porém este resultado é bastante questionável (mesmo em se tratando das medidas) pois o único segmento percebido pelos ouvintes é a vogal nasal ("ã"), característica que marca todo o enunciado de M.G.. Portanto, se o segmento foi reconhecido devidamente como unidade pelos ouvintes, ou se foi um resultado perceptual da característica hipernasal do enunciado como um todo, é uma questão difícil de se resolver, e que mais uma vez coloca em jogo a validade das medidas quando se trata de inteligibilidade.

No entanto, quando o mesmo segmento é observado em situação discursiva, ele ganha a característica de um marcador de apoio (uma interjeição de "confirmação"), como pode ser visto no recorte da situação 3 :

M.G.: 'E onde cê mora ? (SC)

J.C.: Manaus. (SC)

M.G.: Em Manaus, ã. E você estuda ? (SC)

J.C.: Estudo, mas eu parei de estudar. (SC)

O diálogo anterior ocorre entre M.G. e o interlocutor J.C. também fissurado, que apresenta uma fala também bastante comprometida. Interessante registrar o fato de que na entrevista posterior à gravação, M.G. relata que das três situações, esta foi a mais desconfortável para ela, pelo não entendimento de muitas das falas de J.C.. Questiono-a sobre quais as suas atitudes perante a um não entendimento da fala de seu interlocutor, e exemplifico com este recorte analisado, indagando-a se a repetição de parte do enunciado anterior de J.C. foi proposital, para certificar-se de seu entendimento. M.G. confirma a minha suposição.

Embora esta confirmação de M.G. pareça um tanto induzida pelo meu questionamento, ela está fundamentada no fato de que este tipo de ocorrência se faz de uma forma bastante frequente durante toda a situação discursiva entre M.G. e J.C., tanto por parte de um quanto de outro interlocutor. Este fato é percebido nas demais situações discursivas, porém somente por parte dos outros interlocutores de M.G.. Quando uma conversação flui normalmente, a resposta do interlocutor com uma interrogativa com reprodução de parte do segmento anterior é um marcador de continuidade tópica. No entanto, em situações em que há uma certa instabilidade quanto à compreensão do sentido, este marcador parece tornar-se um apoio do interlocutor para certificar-se de que o entendimento foi estabelecido. E neste caso, o apoio foi movimentado por

M.G., que também apresenta dificuldades em ser entendida em seus segmentos, porém nesta situação parece encontrar-se em posição de vantagem em relação ao seu interlocutor : é ela quem não o entende e o tem que fazer, por estar coordenando a entrevista.

Este fato vem para ilustrar dois aspectos importantes, e que se tornariam mais claros se analisássemos toda a situação discursiva entre os dois sujeitos fissurados: 1) parece não haver uma "consciência sonora" das alterações que ocorrem na fala do fissurado; 2) parece que esta consciência existe somente pela resposta de entendimento ou não pelo interlocutor. Portanto, o que parece indicar que, apesar da produção alterada, o fissurado apresenta um "feedback" que corresponde a uma produção correta, mesmo quando produz incorretamente. Este "feedback" só se torna consciente como incorreto através das atitudes de seu interlocutor, que lhe oferece, pela sua compreensão ou não, a imagem de sua produção. Daí se conclui inicialmente que produção e compreensão só se interligam quando em situações discursivas.

Das análises comparativas entre as medidas do sujeito 1 e suas situações discursivas, extraímos algumas considerações relevantes que contrapõem suas diferenças nos resultados apresentados e que deixam claros alguns aspectos:

- Que a conversação é uma atividade de co-produção de inteligibilidade e que o interlocutor tem um papel tão importante quanto ao do locutor, agenciando como co-enunciador e co-produtor de inteligibilidade;

- Que a inteligibilidade passa a ser negociada quando se leva em conta a contextualização, que oferece a mutualidade do diálogo, o conhecimento partilhado, como possibilidades de construção conjunta de sentido;

- Que as contribuições dos parceiros na instância discursiva, apelando a elementos internos e externos ao discurso (como as relevâncias focais, as heterogeneidades enunciativas e os aspectos prosódicos que observamos nestas análises) favorecem encadeamentos coerentes e consequentemente o processo de compreensão;

- Que as alterações nas produções podem alterar o processo de recepção de segmentos, porém, se ambos os parceiros locucionais estão "com vontade" de entender, recursos discursivos são movimentados em direção a um processo de compreensão que sobrepõe os problemas de produção;

- Que as alterações nas produções podem ser pertinentes à patologia do sujeito. Porém, a consciência destas alterações pertence ao outro, o interlocutor, que lhe fornece pistas sobre a sua produção de acordo com o seu entendimento durante a situação discursiva.

3.2. DO SUJEITO 2

Os resultados das avaliações realizadas em L.A. mostram que há a presença de inadequação da região da velofaringe, com características que definem um quadro de incompetência velofaríngea (Dalston, 1980). Secundários a este quadro, apresenta prejuízos nas produções articulatórias e na qualidade de ressonância vocal.

No teste de inteligibilidade seguindo os procedimentos tradicionais, a fala de L.A. apresentou uma perda de 72,1% de acordo com a média obtida entre os juízes. Este resultado demonstra que somente 1/4 das emissões de L.A. foram reconhecidas pelos ouvintes, resultado este bastante surpreendente se relacionarmos ao fato de que L.A. encontra-se com alta em fonoterapia por achar-se satisfeito com a sua fala (e sua terapeuta também). Surpreende-nos mais ainda se levarmos em conta a atividade que ele exerce atualmente (representante de vendas) e a história de sua ascensão profissional, como foi descrita anteriormente neste capítulo. Para ambos, o requisito essencial é de que sua comunicação seja, no mínimo, efetiva. É como pensar em efetividade com 27,9% de inteligibilidade? As alterações nos segmentos (e que no caso de L.A. elas são consideradas como "leves") seriam suficientes para causar um grau de prejuízo tão elevado na inteligibilidade?

Para buscar respostas a estas questões, analisaremos os enunciados que foram submetidos ao teste de

inteligibilidade nos recortes das situações discursivas de onde eles foram extraídos.

O enunciado E'1 ("É, tem que ir devagar, né?") acontece durante o diálogo com o interlocutor P., não familiarizado com fala de fissurado e sem contato prévio com L.A., que o questiona sobre o seu casamento e se o casal tem filhos :

P. : Há quanto tempo que você é casado ?

L.A.: Dois anos e cinco meses.

P. : Ah, tá recente ainda.

L.A.: É, ainda...

P. : Tem muita coisa prá curtir da lua de mel ainda.

L.A.: É, tem que ir devagar, né ?

P. : (risos) É, esperar um pouco mais, né ?

O enunciado E'1 contém somente um elemento produzido com alteração articulatória (plosiva faríngea em "que") e a qualidade de ressonância se encontra levemente nasal, o que faz dele um enunciado caracterizado como pouco prejudicado. Observa-se também que há perfeita simetria entre os turnos dos interlocutores, desencadeando uma sequência temática coerente, coesa, sem rupturas no processo de compreensão dos parceiros. E, no entanto, este mesmo enunciado, quando analisado isoladamente, apresentou uma

média de 27,73% de inteligibilidade entre os juízes. Como pôde ser visto no Quadro V, somente 02 palavras do enunciado foram reconhecidas corretamente pelos ouvintes ("é" e "né"), o que não o torna inteligível enquanto enunciado, mas como unidades isoladas de palavras que foram recebidas. Ao contrário, na situação discursiva, o interlocutor de L.A. demonstra sua compreensão quando no enunciado subsequente, recompõe o anterior com outros itens lexicais mas interligados pelo mesmo sentido :

L.A. : É, tem que ir devagar, né ?

P. : (risos) É, esperar um pouco mais, né ?

Um outro exemplo que constata a importância da contextualização na construção conjunta da inteligibilidade, é o que ocorre com o enunciado E'2 : "A mesma linha da Mezzani". Quando mostrado aos juízes, somente uma palavra contida no enunciado foi reconhecida por um dos ouvintes ("Mezzani"), sendo que a média de inteligibilidade obtida foi de 6,6%. Quando recortado da situação discursiva, além de ser coerente e compreensível, a ele está implícita uma função meta-conversacional, na qual L.A. se baseia para clarificar um enunciado anterior que a ele parece não ter sido entendido integralmente pelo seu interlocutor:

P. : E aí, qual é a tua profissão ?

L.A.: Eu trabalho com vendas.

P. : Vendas ?

L.A.: É, vendas, pronta entrega, né ? Eu faço os
supermercados aqui de Bauru. (SC)

P. : Ah, tá. Que tipo de produtos ?

L.A. : A Da Luize Massas. (SC)

P. : Ah, tá certo.

L.A.: A mesma linha da Mezzani.

P.: ãh, ãh. É um ótimo produto. É sinal de que é bem
remunerado, né ?

Dessa forma, com este enunciado, L.A. tenta esclarecer melhor ao seu interlocutor qual o tipo de produto que comercializa. Como é um produto de uma indústria regional e pouco conhecido, L.A. retoma o sentido no enunciado posterior, constituindo-o de uma sequência inserida, considerado como uma sequência corretiva ou clarificatória baseada no ouvinte (Koch, 1990).

De fato, em entrevista posterior a esta situação discursiva, o interlocutor P. relata que não houve entendimento imediato do enunciado onde L.A. expõe o nome do produto ("A Da Luize Massas"). Com a retomada no enunciado seguinte, continuou sem entender o anterior, porém pela correlação dos significados que vêm sendo desencadeados, há um pressuposto de que é um produto alimentício, essencialmente fabricado com massas, e assim faz a

associação. O mais interessante, é que P. tem bastante conhecimento desta indústria de Bauru e neste recorte não faz a relação com o enunciado de L.A.. Assim, sustenta a conversação sobre a sequência inserida de L.A., a partir da qual dá continuidade e coerência no diálogo. Só posteriormente, através de outro esclarecimento, é que P. compreende o enunciado na sua íntegra :

P.: Tá situada aonde a indústria ?

L.A.: Hoje ainda é na Antonio Alves, ali na esquina com a Sete. Na frente tem a rotisseria, né, e no fundo ainda é ...

P.: Ah, tá certo ! (com intonação exclamativa bastante acentuada)

O que vale ressaltar é que o mesmo enunciado E'2, quando analisado pelas medidas, tem uma perda de 93,4% na sua inteligibilidade, e quando analisado na situação discursiva, desempenha um papel de regulamentação e de sustentação da conversação como uma resposta clarificatória a um enunciado anterior.

A análise do enunciado E'3 traz à tona outro ponto de controvérsia quanto a validade das medidas de inteligibilidade . Entendido parcialmente pelos juízes, ele obtém a média de 50% de inteligibilidade e embora contenha

os mesmos comprometimentos que os enunciados anteriores, parece que não são eles que interferem essencialmente na recepção. Pois vejamos : as alterações articulatórias aparecem na maioria das palavras contidas ("E no dia a dia você acaba esquecendo, né?") e dois dos ouvintes entenderam parcialmente só "esquecendo", sendo as demais recebidas corretamente. O terceiro ouvinte, embora com um percentual de acertos mais baixo que os outros dois, entende de uma forma ou de outra parte do sentido do enunciado. Mais uma vez, mesmo no papel de "juiz", o ouvinte se coloca pronto para "ouvir significativamente" e não somente para ouvir. Além disto, o "erro" que os primeiros juízes cometem parece estar muito mais relacionado a uma dificuldade em "compreender" do que de "receber acusticamente", pela própria incidência de problemas em todo o enunciado e não somente no segmento mal entendido.

A falta de contextualização da tarefa de receber pode então deixar de propiciar situações de compreensão, como esta que acontece no recorte em que foi retirado o enunciado E'3 quando L.A. conversa com R., sua fonoaudióloga, sobre os processos e sua evolução terapêutica:

R.: Você acha que ainda tem que mudar ?

L.A.: Eu acho que ainda t̃enho que mudar, mas que agora é aqui, né ? (apontando para a cabeça)

Você já SI palavra que eu teria que usar a... (faz o movimento de abrir e fechar a boca)...a abertura.

R.: É, os conselhos de fono... (risos)

L.A.: É, e no dia a dia você acaba esquecendo, né ?

R.: É.

O enunciado E'4 foi recortado do diálogo com A., seu interlocutor também fissurado, porém com a fala muito mais comprometida do que a de L.A.. Os dois conversam sobre as atividades profissionais que eles exercem :

L.A.: Que é que você faz ?

A. : Trabalho na, é, eu sou bancário (SIi + SC).

Trabalho na caixa, na caixa econômica federal. (SC)

L.A.: Caixa econômica, é ? Ah, eu trabalho com vendas.

A.: Vendas ?

L.A.: Vendas SI na pronta entrega. Vou fazer um comercial aqui. (risos)

A.: Também fiz (SIi) um comercial da caixa (SIi)

(risos)

Mais uma vez a simetria e o encadeamento coerente entre os enunciados são garantidos pelos recursos que o acontecimento discursivo pode propiciar: os deslocamentos no tópico conversacional eleitos pelos parceiros para a continuidade dentro do tema, faz com que co-operem mutuamente na construção do sentido. E é este mesmo enunciado que obtém a média de 25,9% de inteligibilidade entre os juízes pelos procedimentos das medidas tradicionais.

A análise do enunciado E'5 é compatível com as demais que foram comparadas até aqui. Ele foi recortado da mesma situação discursiva anterior, quando L.A. conversa com A. sobre a faringoplastia. L.A. já realizou esta cirurgia anos antes e A. está hospitalizado para realizá-la. Eles trocam informações sobre o repouso vocal estabelecido após a mesma, e a situação mais uma vez demonstra que não houve algum problema de entendimento, apesar da perda de 85,74% no teste de inteligibilidade:

A. : É porque falaram prá mim, né (SIi) a cirurgia, é, fica uma semana só em repouso, né ? (SC)

L.A.: Uma semana ?

A. : É, então eu num sei, né, se pode falar realmente. (SC)

L.A.: É, então já tá mais fácil agora.

A. : Deve tá então. (SC)

As análises comparativas entre as medidas e as situações discursivas do sujeito 2 poderiam ser resumidas em alguns pontos que viriam a esclarecer o questionamento feito inicialmente sobre a incompatibilidade entre elas :

- A validade das medidas de inteligibilidade pelos procedimentos tradicionais torna-se contestável, pois o ouvinte mesmo colocado na posição de receptor de sons, está mais preocupado em compreender do que receber, inferindo sentidos, conferindo um ou outro significado à situação decontextualizada que lhe é apresentada;

- Por outro lado, esta situação decontextualizada faz com que cada palavra tenha um sentido limitado àquele que é produzido e recebido , sem possibilidades de retomadas, pressuposições, inferências, e que faz com que uma alteração no segmento passe a ser tão comprometedora à inteligibilidade ;

- Com isto, reafirma-se o compromisso da inteligibilidade estar vinculada a situações contextualizadas, lugar onde a enunciação viabiliza a co-operação mútua, fornecendo subsídios para o processo de construção de sentido.

NOTAS DO CAPÍTULO III

(1) Para a avaliação fonoarticulatória foi utilizado o protocolo da rotina de atendimento do Setor de Fonoaudiologia do HPRLLP, constando de :

- observação das condições dos órgãos fonoarticulatórios em repouso e durante movimentos;
- descrição fonética da fala ;
- classificação da ressonância vocal pelo teste "cul-de sac" e durante a conversação (hipernasal, normal, hiponasal ou mista) ;
- teste com espelho clínico de Glatzel, para se detectar a presença de escape de ar nasal durante o sopro, emissão das vogais altas /i/ , /u/, fonemas fricativos , sílabas plosivas, vocábulos e frases orais.

(2) A avaliação velofaríngea através da nasofaringoscopia foi realizada nos dois sujeitos com o aparelho Rhino-Laryngofiberscope Olympus ENS TYPE P3 de fibra ótica flexível, acoplado a um sistema monitor de vídeo cassete. Os pacientes foram avaliados durante as seguintes emissões: /a/, /i/, /u/, /pa/, /pipa/, /f/, /s/, /ʃ/ , /ʃiko/, /ka/, /kaki/, sopro, frases com sons oclusivos orais e frases com sons fricativos orais. Os exames foram realizados no ambulatório do setor de fonoaudiologia do HPRLLP, com a colaboração do cirurgião plástico Dr. Carlos Eduardo Bertier e da fga. Maria Cristina Zimmermann Vicente.

A avaliação através de videofluoroscopia foi realizada com equipamento do tipo arcoscópio, composto por um circuito fechado de televisão, um aparelho de raio-X com intensificador de imagem marca TUR DE 19 e um sistema de vídeo cassete. Foi utilizado contraste com sulfato de bário por via nasal e por via oral. As estruturas do esfíncter velofaríngeo foram avaliadas em três diferentes visões : lateral (véu palatino e parede faríngea posterior); axial (véu palatino e paredes faríngeas laterais e posterior); e frontal (paredes laterais da faringe). Os pacientes foram avaliados realizando : sopro; repetição da sílaba /pa/; fonemas /f/ e /v/; vocábulos e frases com fonemas orais e nasais. As avaliações e as análises dos resultados tiveram a colaboração da fga. Maria Inês Pegoraro Krook, do HPRLLP.

As dimensões do gap da área velofaríngea foram determinadas por um sistema PERCI P-SCOPE, através das medidas aerodinâmicas de pressão aérea intra-oral e nasal, e fluxo aéreo nasal. As avaliações aerodinâmicas foram realizadas no setor de Fisiologia do HPRLLP, com a colaboração da Dra. Inge Elly Trindade.

(3) O procedimento para a coleta e análise dos dados para as medidas de inteligibilidade seguiu o modelo sugerido nos estudos tradicionais e que foram revistos no Capítulo II deste trabalho. A amostra constou de 05 enunciados de cada um dos sujeitos, extraídos das gravações em vídeo tape que foram realizadas nas 06 situações discursivas. Os enunciados escolhidos como amostragem foram isolados e mixados para um sistema de audio tape. Os enunciados foram apresentados inicialmente a cinco outros ouvintes, para testagem prévia da qualidade do sistema de transmissão e para testar o grau de confiabilidade da amostra. Posteriormente, a amostra foi apresentada a três juízes, estudantes de nível universitário da área de psicologia, que foram orientados a escreverem o que ouviam. A aplicação do teste de inteligibilidade teve a colaboração da fga. Magali de Lourdes Caldana. A análise dos dados foi realizada a partir do resultado percentual de acertos entre os juízes, sob a orientação do Prof.Dr.Eymar Sampaio.

(4) A noção de recorte aqui é entendida como sendo um fragmento da situação discursiva, uma unidade discursiva onde linguagem-e-situação estão relacionadas e examinada em suas relações intra e intertextuais, conforme a proposta de Orlandi (1983, p.128).

CONCLUSÕES

PORTAS ABERTAS PARA REFLEXÕES

*"Se você encontrar uma porta à sua frente,
você pode abri-la, ou não.
Se você abrir a porta, você pode, ou não
entrar em uma nova sala (...)
O grande segredo é saber:
Quando e qual porta que deve ser aberta (...)
Para a vida, as portas não são obstáculos,
mas diferentes passagens"*

(trechos de Portas, de Içami Tiba)

CONCLUSÕES

Ao abordar o tema "Inteligibilidade", parti de alguns pressupostos que foram desencadeadores desta escolha:

1. Poder-se-ia entender a noção de inteligibilidade vinculada somente a um processo de emissão do falante e da recepção auditiva do ouvinte ?

2. Onde e como colocar uma noção de inteligibilidade que pudesse ser considerada como complementar à noção anterior, mas que para tanto, ocorresse como produto de negociações partilhadas, em co-operações e como co-produções construídas?

3. Para o sujeito fissurado, eleito por ser organicamente predisposto a apresentar graves problemas de fala, qual a validade em se obter as medidas de sua inteligibilidade, no sentido de recepção acústica de sons produzidos ?

4. Seriam estas medidas suficientes para garantir o processo de evolução terapêutica deste sujeito ? Ou caso contrário, qual a contribuição que poderia ser oferecida por uma teoria linguística fundamentada na enunciação, em processos conversacionais que, partilhados e contextualizados, buscassem os ajustes e negociações mútuas para suprir as falhas de produção e de recepção ?

Face a estas questões, procurei desenvolver alguns suportes teóricos que poderiam vir a delinear como este tema tem sido tratado, e como uma teoria linguística poderia dar conta dos pontos do meu confronto entre os construtos teóricos que nortearam tradicionalmente os estudos sobre inteligibilidade e a minha vivência com sujeitos fissurados.

Traçando esta linha, chego então a um ponto em que há basicamente duas noções de inteligibilidade, intrinsicamente sustentadas por diferentes construtos teóricos a propósito da linguagem. Uma, em que o pressuposto de língua como um sistema pronto para ser apropriado pelo sujeito, e compartimentalizado em unidades fixas e isoláveis, faz supor que a inteligibilidade possa ser uma somatória das inteligibilidades dos segmentos decodificados. Assim, os procedimentos que se amparam nesta noção permitem que se meçam, quantifiquem e isolem os segmentos mais ou menos inteligíveis, e os seus resultados possam demonstrar o grau de inteligibilidade que uma determinada fala pode

obter. Dessa forma, não há interesse na contextualização, nas negociações e operações conjuntas que possam ocorrer na busca de sentido, pois o foco está centralizado em como uma fala foi produzida e no quanto ela foi recebida.

A segunda noção transporta a inteligibilidade para uma noção de compreensão (no sentido de Bakhtin, 1988 [1929] e Geraldí, 1990), onde o espaço no qual ela se constrói é a interlocução, lugar este onde se constituem tanto linguagem quanto sujeitos. Os papéis entre falantes e ouvintes se (con)fundem, dando lugar a "inter-locutores", cúmplices no processo de construção de sentidos ; é o que um fala e ao outro corresponde sucessivamente, que demanda um processo de compreender. Dessa forma, o foco está no acontecimento discursivo, contextualizado, no qual se permitem observar as operações mútuas que os participantes da interlocução buscam para se entender. A língua não é, assim, um organismo pronto para ser apropriado pelo sujeito, mas constitui-se de processos emergentes de um sistema semi-aberto, com um potencial significativo garantido pela língua em uso.

Partindo então destes dois suportes teóricos, coleto dados que considero necessários para confrontá-los em seus pesos, analisando aqueles que poderiam oferecer subsídios de alternativas ou complementações às teorias.

Assim, exponho os meus dados a um tratamento onde obtenho medidas da inteligibilidade de dois sujeitos adultos fissurados, justificadas pelas condições orgânicas e

funcionais de suas fissuras. As medidas me mostram que os meus sujeitos têm perdas significativas na inteligibilidade de suas falas, embora suas condições orgânicas e funcionais tenham sido diferentemente caracterizadas.

Paralelamente, estes mesmos dados são expostos a uma análise conversacional no acontecimento discursivo em que ocorreram. A análise me revela que os sujeitos são bem entendidos pelos seus interlocutores e, mesmo na presença de segmentos comprometidos e outros ininteligíveis, a compreensão é assegurada.

Quais seriam, então, os fatores que desencadearam a incompatibilidade entre as análises e que poderiam responder às questões propostas para este trabalho ?

Se ao sujeito 1 cabe uma perda de 94,3% na inteligibilidade pelos resultados dos testes, ela poderia ser até justificável por uma anatomia prejudicada que este sujeito apresenta e por graves problemas nos segmentos de sua fala. No entanto, ao analisar a sua fala nas diferentes situações discursivas, observo que os participantes da interlocução mobilizam recursos para garantir a significação, apesar das alterações nos segmentos. A fala, que é julgada como ininteligível pelas medidas, passa a ter um outro estatuto que não depende só da forma como foi produzida e do quanto foi recebida, mas de "operações de

construção de sentidos no momento da interlocução " (Geraldi, 1991).

Estas observações também são válidas para os resultados das medidas do sujeito 2, os quais lhe conferem uma perda de 72,1% na inteligibilidade de sua fala. Apesar de apresentar algumas alterações nos segmentos, elas são consideradas como leves. Além disto, é um sujeito que está com alta fonoaudiológica e desenvolve uma atividade profissional que requer uma boa produção de fala. Mesmo sem comparar os resultados das medidas com as situações discursivas, há uma evidência de que estas medidas, por si só, não fornecem os parâmetros necessários para que se determine o grau de inteligibilidade de sua fala. Por outro lado, as análises destes dados em situações discursivas revelam uma perfeita simetria no processo de compreensão com os seus interlocutores, e os recursos mobilizados por eles assemelham-se àqueles utilizados em qualquer outra conversação.

Portanto, as análises comparativas sinalizam pistas que nos levam a um melhor entendimento das questões sobre inteligibilidade em fissurados na abrangência de questões mais amplas sobre a própria linguagem e condensadas a seguir de maneira mais integrada.

O sinal da fala, ambíguo por natureza, não é suficiente para se medir inteligibilidade. Para que a

mensagem seja processada, há de se apelar para critérios linguísticos (padrões sintático/semânticos; morfológicos/fonológicos; padrões métricos/rítmicos e entonacionais) e discursivos (padrões coesivos dos tópicos conversacionais; contextualidade e co-produção).

As medidas tradicionais negam, no próprio interior de seus procedimentos, a distinção entre palavras funcionais de itens lexicais "de conteúdo", assim como as pistas focais de proeminência para o processamento da fala e as unidades entonacionais são desprezadas na inteligibilidade.

O que os resultados das análises confirmam é que a diferença entre o ouvir e o escutar leva-nos a pensar em redefinir a concepção de inteligibilidade entre "receber acusticamente" e compreender.

Uma conclusão preliminar que se pode tirar da minha análise e das contribuições que a linguística pode oferecer para a evolução terapêutica de fissurados adultos sequelados é exposta a seguir.

Não é, aqui, descartada a validade das medidas enquanto caracterização do estado da fala do fissurado e enquanto subsídio para o procedimento terapêutico. A melhora no segmento deve ser buscada, mas o procedimento em si não deve ter como limite tal objetivo. Visões complementares advindas da teoria da enunciação e da análise do discurso, tal como foram expostas nesta dissertação, podem subsidiar o

trabalho terapêutico na busca de negociações de sentidos que o sujeito instaura na língua em uso.

Que esta não seja entendida como uma proposta ingênua e naturalística. Na verdade, este caminho exige um árduo trabalho com um bom suporte de teorias linguísticas.

Muito menos que tenha a intenção de se caracterizar como uma proposta inovadora ou de novidade (as palavras de Bakthin datam do início deste século) . Nem tampouco transparecem verdades cristalizadas e acabadas : os dados apresentados são resultados parciais de investigações mais amplas e que por limitações de espaço e delimitações de objetivos, foram excluídas deste trabalho.

ANEXOS

40

A

4

ANEXOS

LEGENDA

(SC): Segmentos comprometidos por articulações compensatórias e hipernasalidade

(SI): Segmentos ininteligíveis mesmo após repetições da fita

(SIi): Segmentos ininteligíveis inicialmente e entendidos após repetições da fita

1. ANEXO 1 :

AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM O SUJEITO 1

1.1. SITUAÇÃO DISCURSIVA 1

M.G. : O sujeito 1

R. : (R.H.T.), 25 anos, sexo masculino, nível universitário incompleto. Profissão: programador em computação.

R.- Bom, se você não tiver nenhuma pergunta prá fazer, eu tenho uma prá você. Cê mora aqui em Bauru ou não?

M.G.- Eu moro SI em Bauru SI aí eu tô aqui (SC)

R.- É ? E faz tempo que você está aqui?

M.G.- Faz . Já tem uns 6 anos (SC)

R.- É ?

M.G.- Faz uns 6 anos que tô aqui SI . No tratamento mesmo, faz 20 anos que eu tô aqui. (SIi) + (SC)

R.- Você é daonde, você disse?

M.G.- Do Mato Grosso (SC) SI .

R.- De qual cidade ?

M.G.- Cláudia. (SC)

R.- ... (Pausa). Cláudia. Ah, é ?

M.G.- Hum, hum. (com sinal afirmativo de cabeça)

R.- Então tá bom. E você pretende voltar depois que terminar o tratamento, como que você vai fazer ?

M.G.- Ah, SI eu não quero voltar mais SI eu quero ficar por aqui. Só SI todo o tratamento, todo o tratamento (SC). Aí eu quero ficar um pouco perto com o meu pai, e junto com a minha mãe, aí eu volto de novo . (SC)

R.- Eles moram lá ?

M.G.- (aceno afirmativo de cabeça)

R.- Sua família é grande ?

M.G.- É, tem cinco irmão, né, cinco comigo, né ? (SC)

R.- Você é mais velha, ou mais nova ?

M.G.- Mais nova . (SC)

R.- Ah, mais nova ?

M.G.- É.

R.- Tem bastante sobrinho então ?

M.G.- Tem.

R.- É, então tá bom. É, você tá trabalhando aqui ?

M.G.- Tô, SI , tô tomando conta de uma pensão SI da pensão da Terezinha, né, é eu que tomo conta . (SC)

R.- Ah sei, então tá bom. Estudando você não tá ?

M.G.- Não.

R.- Precisa estudar.

M.G.- Nem tenho tempo . (SC)

R.- Não tem tempo nem vontade, né ?

M.G.- Ah, tem sim. (SC)

R.- Ah, vontade tem ? Então tempo arruma.

M.G.- Arruma nada, porque eu que tenho que ficar na pensão e não pode sair. (Si + SC)

R.- Ah, é ?

M.G.- Quando eu saio, eu deixo uma mãe tomando conta lá (SC). Uma mãe de confiança, né (SC). Se não tiver uma mãe de confiança eu não posso deixar. (SC)

R.- Não pode deixar, né. Então, uma hora precisa começar, precisa começar estudar, né? Você estudou até que série?

M.G.- Até o segundo ano. (SII + SC)

R.- É? E como é que tá, você tá contente com o tratamento, tá indo bem?

M.G.- Eu tô, tá tudo. (SII + SC)

R.- É?

M.G.- SI tô feliz aqui. (SC)

R.- É? Pode perguntar alguma coisa prá mim, eu já sei um pouco de você.

M.G.- É ... (pausa). Aonde você mora SI aqui? (SC)

R.- É, eu moro aqui em Bauru, né. É na vila Independência é, sei lá, é próximo do Ten-hi-Kiô, aquela igreja japonesa, é a referência mais fácil que tem.

M.G.- Já sei onde é. (SC)

R.- Já faz tempo que eu moro aqui, desde que eu nasci eu tô aqui.

M.G.- Ah, então tá bom. E o que você faz aqui? (usando gestos para representar o lugar) (SC)

R.- Aqui no centrinho?

M.G.- É.

R.- Eu sou programador de computador . Eu mexo com computador. A gente fica fazendo programas pro computador fazer aquilo que a gente quer, agendar paciente prá ambulatório, prá internação.

M.G.- Hum.

R.- Todo controle a gente que faz.

M.G.- Hum, e, é, num sei ... Você tá feliz em trabalhar aqui, você tá gostando de trabalhar aqui no seu trabalho ? (SC)

R.- Se eu gosto de trabalhar aqui?

M.G.- É.

R.- Eu gosto sim. A gente acha que a gente sempre tem que buscar mais alguma coisa. A gente não pode se acomodar com aquilo que a gente tem. Sempre tem que estar lutando por mais. Mas dentro desse ideal eu vou lutando, tô estudando também, prá ver se a gente consegue melhorar as coisas.

M.G.- É. Quantos pacientes que tem no centrinho ? (SIi + SC)

R.- Quantos pacientes ? Ah, tem mais de 16 mil pacientes, contando o CEDALVI tudo, tem mais de 16 mil.

M.G.- Ah, sei. E você é casado ou solteiro ? (SC)

R.- Eu sou solteiro, mas namoro faz tempo já.

M.G.- E porque não casa, hem ? (SC)

R.- É porque tá difícil, mas eu tô tentando, né. A gente tem que ir guardando dinheiro, tem que dá jeito, né ?

M.G.- Não, num pode enrolar (SC), num SI se enrolar aí
SI .

R.- Fica chato , né ?

M.G.- É. (risos)

R.- Você casou, ou não ?

M.G.- Não. Eu até que gostaria, mas eu não. (Sii + SC)

R.- Vichi Maria. Tá chegando o dia dos namorados, precisa arrumar um namorado aí.

M.G.- Não, tem tempo ainda. (SC)

R.- Tem tempo ?

M.G.- Tá cedo ainda. (SC)

R.- Que idade você tem ?

M.G.- Tenho 30 anos. (SC)

R.- Trinta ? Tá nova ainda, né ?

M.G.- Num tô muito nova... (SC)

R.- Ah, mas tá bom.

M.G.- E você ? (SC)

R.- Eu tenho vinte e cinco.

M.G.- Vinte e cinco ? (SC) Ah, você é novo... (risos)

1.2. SITUAÇÃO DISCURSIVA 2

M.G. : O sujeito 1

C. : M.C.Z.V., 35 anos, sexo feminino, nível universitário completo. Profissão: fonoaudióloga.

M.G.- Eu vou falar um pouco com você. Você tá boa ? (SIi+SC)

C.- Tudo bem. Você está com quantos anos ?

M.G.- Eu tenho 30 anos, 31 anos. Eu vou fazer 31 agora no dia dez SI. Eu nasci em 60, né, SI. Eu tenho 30 e vou fazer 31. (SIi + SC)

C.- Quando você vai fazer ?

M.G.- No dia 21 de janeiro SI.

C.- De janeiro ? Hum. Entao cê fez, né ?

M.G.- Hã, hã, SI fiz 30 anos.

C.- Hum ... fez 31 .

M.G.- É, eu vou fazer SI.

C.- Você tá morando aonde agora, Maria da Glória ?

M.G.- Eu tô morando aí na frente do Centrinho, é na pensão da Terezinha, tomando conta . (SC)

C.- E essa pensão é, como que ela funciona ?

M.G.- É assim. Tem a, tem o convênio com o centrinho e quem não tem o convênio paga, né SI aí paga mil

cruzeiros por noite. (Sli + SC)

C.- Mil cruzeiros por noite ?

M.G.- É.

C.- E inclue café da manhã ?

M.G.- É , manhã, né, às cinco e quarenta eu levanto, né, e daí faço o café e aí às seis e meia eles toma o café e vem embora pro centrinho. (Sli + SC) Café, café com leite, com pão com manteiga. (Sli)

C.- Tudo isso por mil cruzeiros ?

M.G.- É, tudo por mil cruzeiros. (SC)

C.- E as outras refeições assim , nao dá ?

M.G.- Não só café, só café de manhã, só . (SC)

C.- Hum. E vai, tem muito movimento essa pensão ?

M.G.- Tem, tá cheio. (SC)

C.- É ? Quantos lugares tem, quantos leitos ?

M.G.- Tem dois quartos, e, dois quartos e a sala e a cozinha, né ? E o banheiro. (SC)

C.- E nesses 2 quartos cábem quantas pessoas ?

M.G.- Cabem umas dezesseis pessoas. E no chão vai dezenove ao todo. (SC)

C.- Dezenove pessoas ao todo ? Bastante gente, né ?

M.G.- É, fora, né, fora, os quartos, né ? Aí cabe uns 21 até
31 SI cabe até no chão, SI no chão, né,
aí SI cabe mais de 21 pessoas (Sli + SC)

C.- Ah, então quando tem mais pessoas assim, daí põe no
chão ?

M.G.- É, coloca no chão. (SC)

C.- Mas daí não cobra mil cruzeiros, cobra ?

M.G.- Tudo, se a pessoa quer, né, se a pessoa quer, a pessoa
paga, né ? É a pensão, né ? (Sli + SC)

C.- Quem dorme no chão e quem dorme na cama paga a mesma
coisa ?

M.G.- É.

C.- Tinha que dar desconto, você não acha ?

M.G.- Ah, não sei, não é meu, né ? (SC) (risos)

C.- E faz quanto tempo que você está lá ?

M.G.- Dois meses, vai fazer 3 meses. (Sli + SC)

C.- Dois ?

M.G.- Vai fazer 3 meses já. (SC)

C.- E o que voce faz lá ?

M.G.- Lá, eu limpo lá, né, e lavo as coisa que tem pra
limpa, né, eu limpo, e lavo os lençol, né, prá não deixar
manchá, né, lavo os lençol e troco as cama, ponho os colchão
no sol, só isso. *

*TRANSCRICAO PREJUDICADA POR CONTER MUITOS SEGMENTOS
ININTELIGIVEIS.

C.- E o café, você não prepara, não ?

M.G.- SI tudo isso.

C.- Tudo isso ? Então a maior parte do trabalho é você quem faz !

M.G.- É, sou eu quem faço tudo que tem lá, é eu quem faço, tudo. (SC)

C.- Você tá morando há quanto tempo aqui em Bauru, Maria ?

M.G.- Ah, já tem o que, uns 6 anos já. (SC)

C.- Seis anos já ? Puxa, tudo isso, hem ?

M.G.- Hã, hã. Agora é eu, tá ? (risos). Quanto tempo faz que a senhora trabalha aqui no centrinho ?

C.- Quanto tempo ? 14 anos.

M.G.- Nossa, e daí, você gosta do serviço, prá conversar com as crianças ? (SC)

C.- Ah, eu gosto.

M.G.- Cê gosta ? (SC)

C.- Se eu não gostasse eu não estava 14 anos , não acha ?

M.G.- Eu não sei. Porque às vezes a pessoa fica por SI né? (SC)

C.- Hum, hum.

M.G.- Tem muita pessoa que é assim, né ? Tem umas pessoas que trata bem por SI tem outras aí que fazem SI Quem tá ganhando tem que ter paciência, né ?

Agora tem muitos que nao tem paciência, né, então, é por isso que a pessoa ganha, né. Tem que ser forte SI ter paciência prá, prá lutar SI com as crianças tudo. SC

C.- E você acha que tem alguns que não tem paciência ?

M.G.- Tem uns que não tem. (risos) Quantos anos a senhora tem ? (SC)

C.- Ave Maria, quanto você acha ?

M.G.- Ah, num sei .

C.- Verdade.

M.G.- Uns trinta e cinco. (SC)

C.- Quase, 36. Eu fiz 36.

M.G.- Hum.

1.3. SITUAÇÃO DISCURSIVA 3

M.G. : O sujeito 1

J. : J.C., 19 anos, sexo masculino, segundo grau incompleto.
Profissão: bancário. Também fissurado.

M.G.- Júlio, quantos anos você tem ? (SC)

J.- Dezenove. (SC)

M.G.- Dezenove ? E você está SI (acompanhado de gesto indicando o nariz). Por que ? (SC)

J.- Como?

M.G.- Por que você está SI (acompanhado novamente de gesto mostrando o curativo no nariz de J.)

J.- Não entendi não.

M.G.- Por que/ você veio/ fazer essa / ci-rur-gia (SIi) no nariz? (fala mais pausada , acompanhada novamente do gesto anterior)-SC

J.- Por quê ?

M.G.- É.

J.- Prá melhorar, né ?

M.G.- Hã ?

J.- Prá melhorar, né ?

M.G.- Prá melhorar a fala? (SC) (acompanhado de gesto indicativo de falar)

J.- É.

M.G.- Hum. E você tá gostando do tratamento aqui? (SC)

J.- Ótimo.

M.G.- Tá gostando mesmo ? (SC)

J.- Hum, hum.

M.G.- E que você sente, você fica aqui, o que você sente, as tias SI de você ? (SC)

J.- É muito boa SI.

M.G.- Cê gosta ? (SC)

J.- (aceno afirmativo de cabeça).

M.G.- Cê gosta delas, tudo ? (SC).

J.- (aceno afirmativo de cabeça).

M.G.- E, parece que eu ouvi falar que você tem uma irmã aqui (SC) (gesto de igual entre os dedos), ou um irmão ?

J.- É.

M.G.- E como ela chama ? (SC)

J.- Maria do Carmo.

M.G.- E onde cê mora ? (SC)

J.- Manaus.

M.G.- Em Manaus, hã. E você estuda ? (SC)

J.- Estudo, mas eu parei de estudar.

M.G.- Que série ? - SC

J.- Eu tô fazendo o supletivo inferior .

M.G.- Lá no interior? Por quê você parou ? (SC)

J.- Por quê ?

M.G.- É.

J.- Porque eu vim prá cá fazer cirurgia.

M.G.- Ah, você veio e, tudo bem. E você não vai começar de novo ? (SC)

J.- Vou, o ano que vem vou fazer de novo.

M.G.- Vai começar de novo? Agora você fala pra mim (SC)
(usando gestos indicativos)

J.- Cê mora aonde ?

M.G. - No Mato Grosso. (SC)

J.- No Mato Grosso ? (SC)

M.G.- Hum, hum.

J.- E trabalha ou não ?

M.G.- Eu trabalho. (SC)

J.- Trabalha em quê ? (SC)

M.G.- Eu trabalho numa pensão. (SC)

J.- Pensão ? (SC)

M.G.- É, aqui no alojamento do centrinho. (SC)

J.- Mas é sua a pensão, não ? (SC)

M.G.- Hãh?

J.- É sua a pensão ? (SC)

M.G.- Não, da Terezinha, uma amiga minha. (SC)

J.- Cê faz tratamento aqui, há quanto tempo ? (SC)

M.G.- Faço já tem vinte anos. (SC)

J.- Vinte anos que cê faz tratamento aqui ? (SC)

M.G.- É.

J.- Cê é casada, ou não ? (SC)

M.G.- Não, não casei. (SC)

J.- Então tudo bem. (SC)

M.G.- Hum ?

J.- Tá tudo bem então. (SC)

M.G.- Tá tudo bem. (SC)

2. ANEXO 2 :

AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM O SUJEITO 2

2.1. SITUAÇÃO DISCURSIVA 1'

L.A. : O sujeito 2

P. : (P.C.S.), 38 anos, sexo masculino, segundo grau completo. Profissão : industrial.

P.- É um prazer conhecê-lo pessoalmente, né, porque de ouvido eu já o conhecia há bastante tempo, a Rosana fala sempre de você. E agora pessoalmente melhor ainda, né? Então, você é daqui de Bauru mesmo ?

L.A.- Eu moro aqui há 9 anos. Eu morava em Piraju.

P.- Ah, Piraju, conheço.

L.A.- Perto de Ourinhos, ali.

P.- Ah, ah. E cê é casado ?

L.A.- Só casado.

P.- Tem filhos ?

L.A.- Ainda não.

P.- Ainda não.

L.A.- A gente tá pensando.

P.- Então já tá planejando já.

L.A.- Tamo começando a planejá prá...

P.- Tá certo. Há quanto tempo você é casado ?

L.A.- Dois anos e cinco meses.

P.- Ah, tá recente ainda.

L.A.- É, ainda...

P.- Tem muita coisa prá curtir da lua de mel ainda.

L.A.- É , tem que ir devagar, né ?

P.- (risos). É, esperá um pouco mais, né?

E aí qual é a tua profissão ?

L.A.- Eu trabalho com vendas.

P.- Com vendas ?

L.A.- É vendas, pronta entrega, né, eu faço os
supermercados aqui de Bauru (Sii)

P.- Ah, tá. Que tipo de produtos ?

L.A.- A Da Luize Massas . (SC)

P.- Ah, tá certo.

L.A.- A mesma linha da Mezzani. (SC)

P.- Ah, ãh. É um ótimo produto. É sinal de que é bem remunerado, né ?

L.A.- É, tá, tá melhorando, né. É uma empresa nova, e tá...

P.- E você tá há quanto tempo na empresa ?

L.A.- Eu comecei a trabalhar com o pessoal lá há 2 anos.

P.- Dois anos ?

L.A.- Dois anos.

P.- Ótimo.

L.A.- Foi desde o começo mesmo, quando eles começaram a pronta, a abastecer o mercado, a colocar o produto no mercado que eu comecei.

P.- Sei, sei. E faz só Bauru ou abrange a região toda ?

L.A.- Não, por enquanto só Bauru, né, porque não tem produção, né. Precisa, é, aumentá a produção, né, tá construindo no distrito o barracão (SC) prá montá a fábrica aí, aumentando a produção, aí dá prá expandi, né ?

P.- Tá situado aonde a indústria ?

L.A.- Hoje ainda é na Antônio Alves ali, na esquina com a Sete, na frente tem a rotisseria, né, e no fundo ainda é...

P.- Ah, tá certo ! (com intonação exclamativa acentuada)

L.A.- É fabricado, né ? Mas vai mudar lá pro distrito né, prá frente da coca-cola. (SC)

P.- No distrito dois ,né ?

L.A.- É. E você, que que você faz ?

P.- Eu tenho uma pequena empresa de usinagem de peças, né, de tornearia.

L.A.- Ah, é ?

P.- É. Nós fabricamos peças prá V.M.E. do Brasil, né ? Prá montadora aqui de Pederneiras.

L.A.- Ah, é ?

P.- E também temos um mercado paralelo da linha Michigan.

L.A.- Ah, é ?

P.- E temos também o setor de manutenção, que é um setor relativamente pequeno, hoje já é pouco, né. Já houve época que a gente teve um pique bem maior. Agora com a situação econômica aí, nós demos uma reduzida.

L.A.- Esse ano tá um ano meio, meio crítico, né ?

P.- Tamo aí torcendo prá que esse novo plano aí , a nova moeda, chegue com bastante força, né ?

L.A.- É, melhorá, né ? (Sii)

P.- É, porque se não chegar com força, quem vai fraquejar somos nós, né ?

L.A.- Onde que é a empresa ?

P.- É na Rua Irmã Arminda é, na vila Galvão, aqui perto da, perto do asilo dos velhos.

L.A.- Vila Vicentina, né ?

P.- É, Vila Vicentina, exatamente. Você deve conhecer por ali, a Motoclínica, a Mercadiesel, por ali tal, o colégio Zuiane.

L.A.- Tem o alemão ali, né ?

P.- É vizinho meu ali, é meu vizinho.

L.A.- Ah, eu já levei o carrô lá.

P.- O pessoal diz que ele é meu concorrente, mas eu não vejo por esse lado porque...

L.A.- SI (risos)

P.- Ele só faz manutenção, só concerto, né, e o meu é fabricação.

L.A.- Fabricação ?

P.- Então não tem muito a ver, né ? Se bem que às vezes sobra alguma, vamos dizer assim. alguma rebarbinha dele lá prá gente, e a gente acaba pegando, né.

L.A.- É, na situação que tá, né, o que entrá é...(risos). É lucro, né ? (risos)

P.- A gente tem, como se diz, a gaiola do passarinho, o viveiro de qualquer coisa, tem que começar a fazer, né, como se diz, prá defender o leite da molecada, né ?

L.A.- É, tem que lutar.

P.- Tem que lutar, porque a situação tá realmente brava. Inclusive teu ramo que, apesar de ser um ramo alimentício, ele sentiu também um pouco, né ?

L.A.- Ah sim, é... tá..., deu uma caída. Geralmente é assim, janeiro e fevereiro né, é um mês já devagar. Aí passando o carnaval, em março, dá um repique e o mercado dá uma melhorada, né ?

P.- Ah, ah.

L.A.- E esse ano a gente tá esperando repique.

P.-Já passou a Páscoa, já, bom agora na copa o pessoal vai...

L.A.- É, vamo vê, né ? Vamo vê. Tomara que melhore.

P.- Torcê, né ?

2.2. SITUAÇÃO DISCURSIVA 2'

L.A. : O sujeito 2

R. : (R.G.B.), 37 anos, sexo feminino, nível superior completo. Profissão: fonoaudióloga.

R.- Fazia tempo que a gente não se encontrava, né ?

L.A.- Fazia.

R.- É, então, vamo falar um pouquinho assim, sobre, como a gente tava conversando agora há pouco, assim um pouquinho da história do seu tratamento, desde quando você chegou aqui, como foi, apesar de eu conhecer bastante a coisa, né.

L.A.- É.

R.- Mas vamo lembrá um pouquinho disso aí.

L.A.- Eu comecei aqui acho que foi oitenta e um, até eu queria dá uma olhada no prontuário, né...

R.- Ah, ah.

L.A.- Prá vê a data certinha, né ? Em oitenta e um.

R.- E quando você chegou, você já tinha sido operado,ã , já chegou operado aqui ?

L.A.- Eu já tinha feito só o lábio, né.

R.- Só a cirurgia de lábio.

L.A.- Só a cirurgia de lábio.

R.- Hum, hum. E aí, eu me lembro na época em que você fez a palatoplastia.

L.A.- Palato, é.

R.- É, você fez cirurgia do céu da boca, e isto que eu não me lembro, você entrou logo depois pro tratamento de fono, ou não ?

L.A.- Não, acho que demorô. Foi depois da faringo, né ?

R.- Foi depois da faringo ?

L.A.- Foi depois da faringo.

R.- Nossa, teve história antes da faringo, então.

L.A.- Teve.

R.- Que que você fez antes da faringo ?

L.A.- Faringo (pausa). Eu fiz várias cirurgias. Eu fiz, redução, né (apontando para o queixo onde fez cirurgia ortognática).

R.- Hum, hum.

L.A.- Eu fiz palato, faringo, eu tirei dente, né, que eu tinha, né (apontando a boca com gesto) que nasceram prá dentro.

R.- Hum, hum. E aí foi a faringoplastia ?

L.A.- A faringo, acho que foi depois da redução.

R.- É, foi depois da ortognática.

L.A.- É, depois da ortognática.

R.- É, geralmente ela é sempre depois da ortognática.

L.A.- Então foi depois de 85. Em 85 eu fiz a ortognática, em junho, aí foi depois.

R.- E aí depois da faringo que a gente começou a fazê fono..

L.A.- É.

R.- E foi bastante tempo, né ?

L.A.- É, foi uns 2 anos, ou mais.

R.- Acho que mais, hem Luiz ?

L.A.- Era aos sábados.

R.- Era aos sábados, é, aí (risos) . De sábado de manhã (risos).

L.A.- É. (risos)

R.- Nossa Senhora, quantos sábados, não ?

L.A.- Bastante.

R.- É , e nesse período, Luiz que durante o tratamento, mais especificamente da parte de fala né, que a gente tá conversando sobre isso, assim, o que que você sentiu enquanto da imagem da sua fala, o que é que você foi sentindo assim gradativamente alguma mudança, ou a mudança foi brusca ? O que significou a faringoplastia prá você, né, assim em termos de fala ?

L.A.- Eu acho que a mudança foi gradativamente, né, com a fono. E eu acho que eu tenho que mudar ainda, porque é...

R.- Você acha que ainda tem que mudar ?

L.A.- Eu acho que ainda tenho que mudá, mas que agora é aqui né (apontando para a cabeça).

Você, já SI palavra que eu teria que usar a ...
(faz o gesto de abrir e fechar a boca)

... a abertura (risos).

R.- É, os conselhos de fono...

L.A.- É, e no dia a dia você acaba esquecendo, né ?

R.- É.

L.A.- Mas acho que melhorou bastante, né. A gente nota assim que melhorou, que de primeiro você falava e percebia que as pessoas não entendiam, né ? Ainda hoje tem alguma coisa que... né, mas hoje tá bem melhor.

R.- Ô Luiz, é bom, a gente que acompanhou o processo juntos, lembra que logo depois da faringoplastia, o retalho, né, lembra até que a gente fazia terapia com o naso ?

L.A.- Hã, hã, sim.

R.- Cê lembra que cê produzia, ah, num lembro que som que era, acho que era /a/ ou /pa/, num sei que som era, que fazia um movimento lindo e o resto não movimentava nada. Cê lembra disso, dessa imagem ?

L.A.- É, eu lembro. Só em uma, né ? Uma palavra só que...

R.- Isso, só um som que fazia um movimento bonito.

L.A.- Fazia um movimento bonito.

R.- E o resto, durante a fala, nada, mesmo com a faringoplastia.

L.A.- É.

R.- Então neste período, Luiz assim, lógico não teve uma mudança na fase de antes da faringo e depois da faringo. A tua voz praticamente não mudou, né? Nesse período em que tava nesta fase de transição, em que você tava em tratamento, tudo, então, você tava falando que muitas coisas que você falava, você sentia que as pessoas não entendiam, né?

L.A.- É.

R.- Como você reagia a isto, Luiz?

L.A.- Ah, tinha vez, é, que dependendo da pessoa, né, às vezes ela perguntava de novo, e às vezes ela num perguntava, então você não respondia ou cê percebia e deixava passar. Às vezes você, dependendo da pessoa, do assunto, da hora ali, você...

R.- Mas você chegava a perceber, por exemplo, se a pessoa falava, você falava alguma coisa e a pessoa respondia assim, outra coisa totalmente diferente, era isso, ou não?

L.A.- Dava...

R.- Isso chegava a acontecer?

L.A.- Chegava, chegava a acontecer.

R.- E aí você percebia que ela não tinha entendido?

L.A.- É.

R.- As pessoas chegavam a retomar com você, por exemplo, dizer não entendi, outras vezes, ou elas fingiam que tavam entendendo?

L.A.- Eu acho que, eu lembro que elas passavam meio...

R.- Batido, né ?

L.A.- Sem voltar, né.

R.- Mas, você percebia ?

L.A.- Percebia.

R.- Hum, hum. Você fazia alguma coisa prá retomar quando chegava nesse ponto ? Quando você percebia que a pessoa não entendia, né, e ela passava batido, se você falava eu quero o sapato, e a pessoa entendeu, ah, tá bom, então eu vou buscar a abobrinha, né ?

L.A.- É.

R.- Você, você fazia alguma coisa prá retomar isso, ou não ?

L.A.- Depois que eu comecei fono, com você lá, né, que você me deu as dicas de melhorá a abertura e pronunciar certas palavras, né, então aqui eu tinha o método correto prá que saísse correto, né. Então eu procurava, é, falar de novo, né. Eu percebia às vezes que a pessoa não entendia, acontecia às vezes no Santo Antônio, quando eu tava lá com um vendedor, uma pessoa totalmente estranha, que não me conhecia, então ela tinha mais dificuldade de me entender, em certas palavras.

R.- E aquela situação da lista, não me lembro direito como que era a situação, mas da lista que você tinha que passar, a lista de compras. Como que era a situação, você tinha que passar uma lista, por telefone, alguma coisa assim.

L.A.- É, é.

R.- Cê lembra dessa situação, que você chegou a contar prá mim nessa época ? E o que você fazia nessa época prá tá vendo se a pessoa tava entendendo ou não ?

L.A.- É, eu lembro, era um vendedor no atacado em São Paulo, eu não conhecia ele e ele não me conhecia. Eu lembro que eu comentava com você que no telefone, eu procurava falar como eu falava aqui nas gravações, porque a pessoa não me conhecendo e através também do telefone, então eu usava mais a, o método, né ?

R.- É, ficava mais fácil prá controlar, né ?

L.A.- Mais fácil.

R.- Uma fala mais controlada.

L.A.- É porque você tava falando no telefone, né, e lendo ou passando uma relação, então né, era diferente de você estar com uma pessoa aqui, ao mesmo tempo que você tá falando do produto, você tá falando do futebol, cê tá falando, né. E no telefone não. Primeiro uma fala e a outra ouve, e a outra fala e você ouve, então é mais compassado, né ?

R.- É, e tem uma sequência dentro do mesmo tema, né ?

L.A.- É, é.

R.- Num muda assim, né.

L.A.- Num muda.

R.- É, você enfrentou a mesma situação hoje, quando o Alberto, né Alberto? (voltando-se para o Alberto que estava presente na sala) tava falando o nome da cidade e você não entendeu, né?

L.A.- É.

R.- É, você sentiu algum desconforto, assim, de estar retomando com ele ?

L.A.- Pausa

R.- Assim, de você estar falando assim . Você perguntou: eu não entendi. Na segunda vez também : não entendi. Aí você já ia passar batido também.

L.A.- É, já ia (risos). É que aí, é, porque eu acho assim, é, eu não conhecendo ele, e tal, então eu não sei até que ponto eu iria poder continuar perguntando, entendeu? Assim no sentido de não deixar ele...

R.- Chateado.

L.A.- É chateado na situação.

R.- Tá. Pode ser que essa parte eu corte um pouco, mas eu acho interessante até prá gente tá discutindo isso aqui. Então eu vou por o Alberto um pouquinho aqui. E você nessa hora, Alberto (pode falar daí mesmo) ele não entendeu o que você falou e você deve enfrentar muito essa situação, né, de não entendimento, quer dizer, muito, em algumas situações você fala e a pessoa não entende, né

A.- Hum, hum.

R.- E você sente a mesma coisa que o Luiz tava relatando que ele sentia antes ?

A.- É , a mesma coisa.

R.- É ? Você faz alguma coisa prá tá dando significado daquilo, do não entendimento ?

A.- É, eu procuro repetir, né. Eu procuro falar mais devagar, aí...

R.- É ? Mas e se você perceber que a pessoa não entendeu e ela foi prá outro caminho na conversa, assim como se bom, falou, deixa prá lá, porque, prá coisa não ficar

muito sem graça ? Você faz alguma coisa, você procura retomar, ou não, você também deixa batido ?

A.- É, eu deixo batido.

R.- Cê deixa, né ? É mais fácil ?

A.- É, se a pessoa não entende, né, aí, prá que ficar insistindo, né ? Aí...

R.- Certo. E aí hoje, Luiz, hoje você sente, como você falou, esses recursos que você utiliza mais, como é que tá toda essa situação, esse uso ? Como é que tá prá você ?

L.A.- Ah, eu acho assim, hoje tá normal, né ? Ainda acontece às vezes de alguém não entender alguma coisa, né ? Então dá prá mim voltar e procurar esclarecer melhor, né ? E hoje também, depois da faringo, desse tempo todo de fono, né então dá, é, por exemplo, eu tinha problema no " ga " e no "ca". Então, hoje, se eu falá casa (com plosiva faríngea) e a pessoa não entender, e eu ver, então eu volto e (casa), vai sair um negócio mais, né?

R.- Volta, e puxa um outro de novo (risos).

L.A.- É.

R.- Põe lá dentro da gaveta e puxa o " ca " mesmo.

L.A.- É, dá prá, é, voltar melhor.

R.- Esse é um dos recursos que você utiliza hoje, né ?

L.A.- É.

R. Ah, então tá.

2.3. SITUAÇÃO DISCURSIVA 3'

L.A. : O sujeito 2

A. : (A.Y.K.), 31 anos, sexo masculino, nível universitário completo. Profissão: bancário: Fissurado.

L.A.- Alberto, você é daonde ?

A.- Sou de Guarulhos (SC), São Paulo.

L.A.- Valinhos ? (L.A. mexe-se na cadeira).

A.- Não, Guarulhos (SC).

L.A.- Ah ! (pausa)

Não entendi. (L.A. olha para mim)

A.- Sô de Guarú, de Guarulhos (SC).

L.A.- Pausa (L.A. faz sinal afirmativo com a cabeça)

(L.A. olha novamente para mim e sorri)

Não. (Voltando-se novamente para A.)

Bom, tudo bem. É, eu sou de Bauru, eu moro aqui em Bauru já fazem 9 anos, mas eu não morava aqui. Morava em Piraju, né?

A.- Perto de Assis ?

L.A.- É . Ourinhos.

A.- Pertinho (SC).

L.A.- É em Paranapanema, alí. Você internou, hoje, não ?

A.- É eu internei hoje sim. É eu cheguei (SC) ontem aqui, né ?

L.A.- Chegou ontem ?

A.- É, e aí como não tinha vaga, aí eu tive ser internado hoje.

L.A.- Ah, é ?
E já tá marcada a cirurgia ou não ?

A.- Tá, prá amanhã.

L.A.- Prá amanhã, ah !

A.- Fazê faringe.

L.A.- Faringe. é, já fiz (L.A. sorri e olha para mim)
É SI você trabalha ?

A.- Trabalho.

L.A.- Que que você faz ?

A.- Trabalho na, é, eu sou bancário (SII). Trabalho na caixa, na Caixa Econômica Federal. (SII).

L.A.- Caixa Econômica, é ? Ah, eu trabalho com vendas.

A.- Vendas ?

L.A.- Vendas SI na pronta entrega SI.
Vou fazê um comercial aqui (risos).

A.- Também fiz (SII) um comercial da caixa (SII)
(risos).

L.A.- Você estuda ?

A.- Eu já sô formado. (SC).

L.A.- (Faz sinal afirmativo com a cabeça)

A.- Em administração de empresa.

L.A.- Administração de empresa ? Ah!

A.- E você estuda ?

L.A.- Não, eu terminei o primeiro grau né, aí parei, aí eu
comecei o segundo , ia voltá e voltá e aí acabou
passando o tempo e eu num voltei, né ?

A.- Cê fez cirurgia (SC) de faringe, né ?

L.A.- Faringo.

A.- É, e como foi a cirurgia assim, a cirurgia é simples ?
(SC).

L.A.- Já fiz bastante tempo, mas é simples, eu lembro, eu
lembro que é simples. É, eu lembro que fiquei um
meis, nè, sem pode comê.

A.- Um mês ?

L.A.- Normal, né, e tinha que ser mais líquido. (SC)

A.- Só sopa e suco ? (SII)

L.A.- Oi ?

A.- Só sopa e suco ?

L.A.- Não, eu não entendi.

A.- Tem que tomá sopa.

L.A.- É, sopa e suco só, durante um mes. Agora eu num sei como é que tá, né, porque já faz bastante tempo, num sei, né, já houve uma evolução, já não precisa mais ficá um meis, né tomando sopa.

A.- Hum.

L.A.- Mais eu lembro que foi simples. Foi um pouco dolorido, né, porque na faringo, é, mexeu né (apontando para o pescoço).
Eu lembro qui o médico , que eles me falaram (SC), né, que mexeu um pouco dos músculos, então ficou um pouco dolorido, mas, nada insuportável, né ? Passou já, foi bom.

A.- Mas, a cirurgia SI é muito dolorida ?

L.A.- Não, é não... Até eu falá assim vai deixar ele preocupado, né ? (voltando-se para mim)
mas é... (risos).

A.- É, prepara meu espírito (SIi) (risos).

L.A.- Não, é...

A.- Qualquer coisa eu vou embora.

L.A.- É, não, é, é assim né, parece, é como se você tivesse com dor de garganta, né, na hora de se alimentar, porque cê SI mais.

A.- Na hora de se alimentar ?

L.A.- É. Mais é suportável, né. É, depois...

A.- Na hora de se alimentar você usava canudinho, ou é, é

L.A.- Não, normal, é.

A.- Normal?

L.A.- Normal, é. Prato, colher, né?

A.- É ?

L.A.- Porque foi mexido, né só dentro... (Sli acompanhado por gestos com a mão na garganta), então o acesso, né, prá ... (gesto indicando levar a colher na boca).

A.- E dava prá falá normalmente, assim ?

L.A.- Não, falá não. Durante um mês eu tava proibido de falá, porque ia forçá

A.- O médico falou que dá prá falá (Sli).

L.A.- Ah, é ?

A.- É.

L.A.- Então já houve uma evolução , né (risos). Já houve uma evolução.

A.- É porque falaram prá mim, né (Sli) a cirurgia, é, fica uma semana só em repouso, né ? (SC)

L.A.- Uma semana ?

A.- É, então eu num sei, né, se pode falar realmente. (SC)

L.A.- É, então, já tá mais fácil agora.

A. - Deve tá então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER - RÉVUZ, J. (1982) - "Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche d'autres dans le discours", DRLAV - Revue de Linguistique 26:91-151.
- AUTHIER-RÉVUZ, J. (1990) - "Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)", Cadernos de Estudos Linguísticos 19 : 25 - 42. IEL/UNICAMP. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi.
- AMOROSA, H ; BRENDA, U. ; WAGNER, E. (1990a) - "Cognitive variables as predictors of progress in grammar : a longitudinal study of unintelligible children", Folia Phoniatr. 42 : 53 - 59.
-
- (1990b) - "Voice problems in children with unintelligible speech as indicators of deficits in fine coordination", Folia phoniatr. 42 : 64 - 70.
- BAKHTIN, M. (1988) - *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. bras. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo. Hucitec. Original de 1929.
- BLACK, J.W. e HAAGEN, C.H. (1963) - "Multiple-choice Intelligibility tests, Forms A e B", Journal of Speech and Hearing Disorders 28 : 77 - 86.
- BLOOMFIELD, L. (1933) - *Language*. Londres, George Allen C. Unirin Ltda.
- BRADFORD, P.W. e CULTON, G.L. (1987) - "Parent's perceptual preferences between compensatory articulation and nasal escape of air in children with cleft palate", Cleft Palate J. 24 : 299 - 303.
- BUCHALA, R.G. e VICENTE, M.C. (1991) - "Atualização da terminologia de distúrbios articulatorios encontrados em falantes portadores de fissura de lábio e palato", Revista Distúrbios da Comunicação 4 (2) : 147 - 152.
-
- (pesquisa em preparação)
 "Estudo das ocorrências de distúrbios articulatorios

- em falantes brasileiros portadores de fissura de lábio e palato", HPRLLP/USP. Bauru.
- BZOCH, K.R. (1956) - An investigation of the speech of pré-scholl cleft palate children. Ph.D.Thesis, Northwestern University, Evanston, Illinois.
- _____ (1979) - Communicative Disorders Related to Cleft Lip and Palate. 2nd ed. Boston, Little & Brown.
- COUNIHAN, D.T. (1956) - A clinical study of the speech efficiency and strutural adequacy of operated adolescent and adult cleft palate persons. Ph.D.Thesis, Northwestern University, Evanston, Illinois.
- DALSTON, R.M. (1980) - "Diferencial Diagnosis and Clinical Management of Velopharyngeal Disorders". Chapel Hill, University of Carolina. (Pré-print).
- _____ (1983) - "Computer - Generated reports of speech and language evaluations", Cleft Palate J. 20 : 227 - 237.
- DALSTON, R.M. e WARREN, D.W. (1986) - "Comparison of Tonar II, Pressure-Flow, and Listener judgments of Hypernasality in the Assessment of Velopharyngeal function", Cleft Palate J. 23 : 108 - 115.
- De LEMOS, C.T. (1982) - "Sobre aquisição de Linguagem e seu Dilema (pecado) original", Boletim da ABRALIN 3: 97 - 126.
- DROTAR, D. et al. (1975) - "The adaptation of parents to the birth of an infant with a congenital malformation: a hypothetical model", Pediatrics 56 : 710 - 7.
- ENGSTROM, K. , et al. (1970) - "A study of speech improvement following palatopharyngeal flap surgery", Cleft Palate J. 7: 419-431.
- FALCK, V.T. (1955) - Seleted factors related to the ability of cleft palate speakers to convey informations. Ph.D.Thesis, Pennsylvania State University, University Park, Pennsylvania.
- FRANCHI, C. (1975) - "Linguagem - Atividade Constitutiva", Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio 5: 9-27, São Paulo, Brasiliense.
- GERALDI, J.W. (1991) - Portos de Passagem. São Paulo. Martins Fontes.

- GIACHETI, C.M. (1988) - Emergência de sons em crianças portadoras de fissura lábio palatal na faixa etária de 1 a 7 anos de idade. Monografia. Escola Paulista de Med. de SP - Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais - USP . Bauru.
- GRICE, H.P. (1982) - "Lógica e Conversação", in: Dascal, M. (org.) - Fundamentos Metodológicos da Linguística, IV. Campinas. Tradução de João Wanderley Geraldi (original de 1975).
- HAAGES, C.H. (1944) - Intelligibility Measurement : Techniques and Procedures used by the Voice Communication Laboratory. New York. Psychological corp.
- HANSON, M.L. (1983) - Articulation. W.B. Saunders Company. Philadelphia.
- HARDIN, M.A.; VAN DEMARK, D.R.; MORRIS, H.L. e PAYNE, M.M. (1992) - "Correspondence between Nasalance Scores and Listener Judgments of hypernasality and hiponasality", Cleft Palate Craniofacial J. 29: 346-351.
- HESS, D.A. (1971) - "Effects of certain variables on speech of cleft palate persons", Cleft Palate J. 8: 387-398.
- HIRSCHBERG, J. (1986) - "Velopharyngeal Insufficiency", Folia phoniatica 38: 221-76.
- HONJOW, I. e ISSHIKI, N. (1971) - "Pharyngeal stop in cleft palate speech", Folia Phoniatr., 23: 347 - 354.
- HOOPS, H. e NOLL, J. (1971) - "The effects of listener sophistication on judgments of esophageal speech", J. Communication Dis. 3: 250-260
- ISSHIKI, N. ; HONJOW, I. e MORIMOTO, M. (1971) - "Indication and the results of pharyngeal flap operation", Arch. Klin. exp. Ohr.-Nas.-Kehekheilk 200: 158-168.
- JONES, DL. e FOLKINS, J.N. (1985) - "Effect of speaking rate on judgments of disordered speech in children with cleft palate", Cleft Palate J. 22: 246-252.
- JORDAN, E.P. (1960) - "Articulation test measures and listener ratings of articulation defectiveness", Journal Speech Hearing Res. 3 - 303-310.
- KOCH, I.G.V. (1990) - "A propósito: existem mesmo digressões ?" , Cadernos de Estudos Linguísticos 19 : 123 - 126. IEL/UNICAMP. Campinas.

- MARCHUSCHI, L.A. (1986) - Análise da Conversação. São Paulo, Ática.
- MARSHALL, R.C. e JONES, R.N. (1971) - "Effects of a palatal lift prosthesis upon the speech intelligibility of a dysarthric patient", J. Prosth. Dent 25: 327-33.
- Mc DERMOTT, R.P. (1962) - A study of the (s) sound production by individuals with cleft palate. Ph.D. dissertation. The University of Iowa.
- Mc WILLIAMS, B.J. (1953) - An experimental study of some of components of intelligibility of the speech of adult cleft palate patients. Doctoral dissertation, University of Pittsburgh.
- _____ (1954) - "Some factors in the intelligibility of cleft palate speech", Journal Speech Disorders 19: 524-527
- _____ (1958) - "Articulation problems in a group of cleft palate adults", Journal speech hearing Res. 1: 68-74.
- Mc WILLIAMS, B.J., MORRIS, H.L. e SHELTON, R.L. (1984) - Cleft Palate Speech. B.C. Decker Inc. Philadelphia.
- MOLL, K.L. (1964) - "'Objective' measures of nasality", Cleft Palate J. 1: 581-588.
- MOLLER, K.T. e STARR, C.D. (1984) - "The effects of listening conditions on speech ratings obtained in a clinical setting", Cleft Palate J. 21: 65-69.
- MOORE, W.H. e SOMMERS, R.K. (1975) - "Phonetic contexts: their effects on perceived intelligibility in cleft palate speakers", Folia phoniat. 27: 410-22.
- MORLEY, M.E. (1973) - Cleft Palate and Speech. 70 ed. Edinburgh. Churchill Livingstone.
- MORRIS, H.L., SPRIESTERSBACH, D.C. e DARLEY, F.L. (1961) - "An articulation for assessing competency of velopharyngeal closure ", J. Speech Hearing Res. 4 : 48 - 55.
- MYZAK, E.D. (1988) - Patologias dos Sistemas da fala. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Sao Paulo. Livraria Atheneu.
- NELLS, J.L.; GARY, N.S. e LEHMANN, J.A. (1992) - "Comparision of nasometer and listener judgments of nasality in the assessment of velopharyngeal function after pharyngeal flap surgery", Cleft Palate - Cranio facial J. 29: 157-163.

- OSAKABE, H. (1979) - *Argumentação e Discurso Político*. São Paulo. Kairós.
- PANNBACKER, M. (1975) - "Oral language Skills of Adult Cleft Palate Speakers", *Cleft Palate J.* 12: 95-107.
- PAPARELLA, M.M. e SHUNICK, D.A. (1980) - *Otolaryngology*. 2nd ed. Philadelphia. Saunders.
- PERELLÓ, J. (1981) - *Audiofoniatria y Logopedia - Transtornos del Habla*. 4ª edição. Editorial Científico Médica. Barcelona. Espanha.
- PHILIPS, B.J.W. e BZOCH, K.R. (1969) - "Rehability of judgments of articulations on cleft palate speakers", *Cleft Palate J.* 6: 24 -34.
- PIAZENTIN, S.H.A. (1989) - *A influência da palatoplastia primária nas alterações no ouvido médio*. Tese de Mestrado, PUC-SP
- PIERCE, C.S. (1984) - *Semiótica e Filosofia*. Editora Cultrix. São Paulo. Original de 1878.
- PRINS, D. e BLOOMER, H.H. (1965) - "A word intelligibility approach to the study of speech change in oral Cleft Patients", *Cleft Palate J.* 2: 357-368.
- _____ (1968) - "Consonant intelligibility: a procedure for evaluating speech in oral cleft subjects", *J. Speech Res.* 11: 128-37.
- RIBEIRO, M. (1987) - *Achados otoscópicos e audiométricos nos portadores de fissura pós forame incisivo*. Tese de Mestrado. Escola Paulista de Medicina. São Paulo
- ROCHA, D.L. (1990) - *Tratamento cirúrgico da insuficiência velofaríngea com inclusão de silicone sólido na parede posterior da faringe*. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo.
- SAPORTA, S. (1960) - *Psycholinguistics*. Holt.
- SAUSSURE, F. (1916) - *Cours de Linguistique Générale*. Paris. Payot.
- SCARPA, E.M. (1985) - "A emergência da coesão intonacional", *Cadernos de Estudos Linguísticos* 8 : 31-41. IEL/UNICAMP.
- _____ (1988) - "Desenvolvimento da intonação e a organização da fala inicial", *Cadernos de Estudos Linguísticos* 14: 65 -84. IEL/UNICAMP.

- SHIBARA, Y e SANDO, J. (1988) - "Histopathologic study of eustachian tube in cleft palate patients ", Ann. Otorhino - laryng. 97: 403
- SHRIBERG, L.D. e KWIATKOWOSKI, J. (1982) - "Phonological disorders II : A conceptual framework for management", J. Speech Hear Disorders 47 : 256-263.
- SPRIERSTERBACH, D.C. (1968) - Cleft Palate and Communication. Academic Press. New York and London.
- SPINA, V. et al (1972) - "Classificação das fissuras lábio-palatinas. Sugestão de modificação" , Rev. Hosp. Clin. Fac. Med. S. Paulo 27: 5.
- STENGELHOFEN, J. (1989) - "The nature and causes of communication problems in cleft palate". In: Cleft Palate - The nature and remediation of communication problems. Jackie Stengelhofen (Ed.), cap.1, pag.1-30.
- SUBTELNY, J.D. e SUBTELNY, J. (1959) - "Intelligibility and Associated Physiological Factors of Cleft Palate Speakers", J. Speech Res. 2: 353-60.
- SUBTELNY, J.D.; KOEPP-BACKER, H. e SUBTELNY, J. (1961) - "Palatal function and cleft palate speech", J. Speech Hearing Disorders 26: 214-224.
- SUBTELNY, J.D.; VAN HATTUN, R.J.; MYERS, B.A. (1972) - "Ratings and measure of cleft palate speech", Cleft Palate J. 9: 18-26.
- TABITH, A. (1982) Foniatria. 2ª Edição. São Paulo. Cortez Editora.
- TIKOFISKY, R.S. e TIKOFISKY, R.P. (1964) - "Intelligibility Measures of Dysarthric Speech", Journal of Speech and Hearing Research 7(4): 325-333.
- TIKOFISKY, R.S. (1965) - "A comparison of the Intelligibility of Esophageal and Normal Speakers", Folia Phoniatr. 17: 19-32.
- TIKOFISKY, R.; GLATKE, T. e TIKOFISKY, R. (1966) - "Listener confusion in response to dysarthric speech", Folia Phoniatr. 18: 280-292.
- TIKOFISKY, R. (1970) - "A revised list for the estimation of dysarthric single word intelligibility", J. Speech Hear. Res. 13: 59-64.

- TROST, J.E. (1981) - "Articulatory additions to the classical description of speech of person with cleft palate", *Cleft Palate J.* 18: 193 - 203.
- VAN DEMARK, K.D.R. (1964) - "Misarticulations and Listener Judgments of the speech of individuals with Cleft Palate", *Cleft Palate J.* 1: 232-245.
-
- (1969) - "Consistency of articulation of subjects with cleft palate", *Cleft Palate J.* 6: 254-262.
- WATZLAWICK, P. ; BEAVIN, J.H. e JACKSON, D.D. (1985) - *Pragmatics of Human Communication. A study of interactional patterns, pathologies and paradoxes.* Palo Alto. Califórnia. W.W. Norton & Company, Inc.
- WEINBERG, B. e PARAS, N. (1970) - "Speech intelligibility of a seven-year-old girl with severe congenital hypoplasia of tongue", *Cleft Palate J.* 7: 436-442
- WEISS, C.E.; LILLYWHITE, H.S. e GORDON, M.E. (1980) - *Clinical management of articulation disorders.* St. Louis. C V Mosby.
- WELLS, C.F. (1971) - *Cleft palate and its associated speech disorders.* New York. Mc Graw-Hill.

- TROST, J.E. (1981) - "Articulatory additions to the classical description of speech of person with cleft palate", *Cleft Palate J.* 18: 193 - 203.
- VAN DEMARK, K.D.R. (1964) - "Misarticulations and Listener Judgments of the speech of individuals with Cleft Palate", *Cleft Palate J.* 1: 232-245.
- _____ (1969) - "Consistency of articulation of subjects with "cleft palate", *Cleft Palate J.* 6: 254-262.
- WATZLAWICK, P. ; BEAVIN, J.H. e JACKSON, D.D. (1985) - *Pragmatics of Human Communication. A study of interactional patterns, pathologies and paradoxes.* Palo Alto. Califórnia. W.W. Norton & Company, Inc.
- WEINBERG, B. e PARAS, N. (1970) - "Speech intelligibility of a seven-year-old girl with severe congenital hypoplasia of thongue", *Cleft Palate J.* 7: 436-442
- WEISS, C.E.; LILLYWHITE, H.S. e GORDON, M.E. (1980) - *Clinical management of articulation disorders.* St. Louis. C V Mosby.
- WELLS, C.F. (1971) - *Cleft palate and its associated speech disorders.* New York. Mc Graw-Hill.